«A INFLAÇÃO E OS SALÁRIOS» POR MANUEL BELLO (PÁG. 3)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 6 DE MARÇO DE 1969 N.º 16 598 ANO 48.º UM ESCUDO

Giannini

500 TVE

O AUTOMÓVEL MAIS ECONÓMICO DO MUNDO

EM EXPOSIÇÃO

R. Joaquim António de Aguiar, 25

«APOLO 9»

MISSÃO NÃO AFECTADA

HOUSTON, 6 — (R.) — O cancelamento do passeio no espaço, previsto para hoje, por um membro da tripulação da «Apolo 9», que sofre de indisposição física, não deve condicionar directamente, segundo se espera, o êxito ou o fracasso da missão.

Funcionários da N. A. S. A. afirmaram que não consideravam o passeio de horas do astronauta Russell Schweickart, desde o «módulo lunar» até á cabina principal da «Apolo», como uma parte essencial da missão.

Sabia-se que alguns funcionários se opuseram á inclusão do passeio no programa, já suficientemente intenso, mesmo antes da «Apolo 9» ser lançada na segunda-feira passada, para primeira experiência no espaço com o «módulo lunar» tripulado.

O «módulo lunar», um aparelho parecido com um pulgão, destina-se a transportar dois homens da sua nave-mãe, em órbita até á Lua e a trazê-los de regresso

A decisão de cancelar o passeio, mas de manter a experiência com os fatos lunares, foi tomada a noite passada, após Schweickart, de 33 anos, o mais novo dos três astronautas, ter comunicado que não se sentia em boas condições físicas, após ter enjoado por duas vezes e vomitado.

A conclusão com êxito do passeio teria demonstrado apenas a capacidade dos astronautas de se movimentarem sózinhos no espaço. Realizaram-se vários desses passeios durante a série de voos «gémeos».

OUTRAS EXPERIÊNCIAS

Durante o voo de 10 dias da «Apolo 7», numa órbita em redor da Terra, efectuado em Outubro último, todos os três astronautas sofreram de constipações e dores de cabeça e queixaram-se de que não se sentiam bem.

Em Dezembro passado durante o voo da «Apolo 8» em volta da Lua, o comandante da cápsula, Frank Borman, regressou á Terra com uma infecção intestinal. O voo da «Apolo 9» foi adiado por três dias na semana passada quando todos os três astronautas se constiparam.

(Continua na 24.ª página)

Eis uma previsão gráfica do que seria o passeio especial previsto para hoje. Schweikart, que se encontra doente, sairia do «módulo lunar» e entraria na nave-mãe através da abertura exterior. A experiência procuraria demonstrar a possibilidade de regresso á nave principal ainda que o tunel de comunicação entre as duas naves se encontrasse bloqueado

MARCELLO CAETANO VAI AMANHÃ AO ALGARVE

O Presidente do Conselho, prof. dr. Marcello Caetano, segue amanhã, á tarde, de avião para o Algarve onde, acompanhado do titular da pasta das Obras Publicas, visitará as zonas mais atingidas pelo tremor de terra, designadamente Portimão, Lagos e Bensafrim, com o propósito de se inteirar pessoalmente da extensão dos danos.

O prof. Marcello Caetano, que chegará a Faro cerca das 16 horas, num avião militar, aproveitará esta deslocação ao sul do País para visitar alguns empreendimentos de interesse turistico, sendo também acompanhado nessa digressão pelo secretário de Estado da Informação e Turismo, além de outras individualidades. Amanhã pernoitará na provincia do Algarve e, no sábado, observará empreendimentos integrados na Obra do Plano de Rega do Alentejo, estando ainda previstas, nesta deslocação de trabalho, mais algumas visitas a outras obras pelo que o prof. Marcello Caetano viajará de automóvel no regresso a Lisboa, onde deverá chegar no domingo.

● Ler mais notícias sobre o sismo na pág. 11

O franco em perigo

As reivindicações sociais e a subida do ouro na origem da nova crise

PARIS, 6 — (R.) — A agitação social continua a crescer, em torno das cruciais conversações sobre salários que estão a decorrer nesta capital, após o ponto morto a que se chegou ontem ter dado origem a que o preço do ouro atingisse altos níveis na Europa e ter causado novos receios da firmeza do franco.

Contudo, os peritos económicos de Paris menosprezaram as sugestões de desvalorização, considerando-as «politicamente impossíveis» antes do referendo do próximo mês sobre reformas regionais e parlamentares. Afirmaram que as reservas de ouro e divisas existentes em França, no valor de 4000 milhões de dólares, podem defender o franco nos mercados internacionais até ao referendo.

AUMENTO DO CUSTO DE VIDA

Negociadores governamentais e sindicais encon-

(Continua na 14.ª página)

Nguyen Cao Ky, de 38 anos, vice-presidente do Vietname do Sul e chefe da delegação do seu país às conversações de Paris, e sua mulher Dang Faryet Mai, de 27 anos, dedicaram-se, durante alguns momentos, nos Alpes franceses, á prática do esqui. (Ler mais notícias na pág. 15)

Quinze cidades da Metrópole beneficiam em Maio e Junho do Festival Gulbenkian de Música

Os habitantes de uma quinzena de cidades metropolitanas, incluindo Lisboa e Porto, vão este ano ter possibilidades de beneficiar do XIII Festival Gulbenkian de Música, promovido pela fundação do mesmo nome que, deste modo, procura promover a cultura musical no nosso País, neste particular um dos mais atrasados da Europa. O festival decorrerá de 16 de Maio a 7 de Junho próximos.

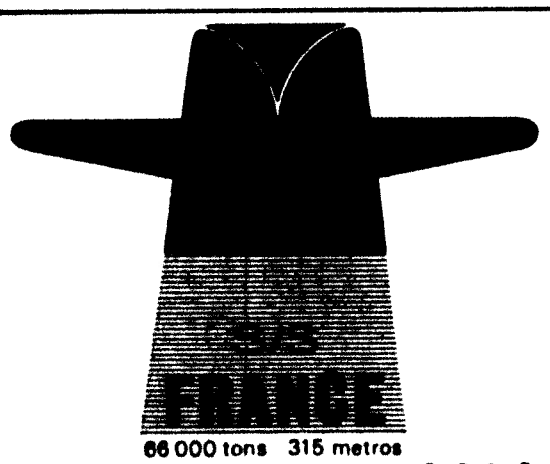
(Continua na pág. seguinte)

HOJE 32 PAGINAS

VISADO PELA CENSURA

A obra literária de Urbano Tavares Rodrigues aplaudida na Checoslováquia

Em artigo de Alena Hajkova, publicado no «Rude Právo» (o principal jornal checo), o livro de Urbano Tavares Rodrigues «As Aves da Madrugada» («Jitrní Ptáci» na tradução checa, que teve grande êxito de livraria) foi colocado à cabeça das principais obras de ficção modernas traduzidas para checo, entre elas algumas dos maiores nomes do «nouveau roman» francês e de italianos como Leonardo Sciascia, de alemães, húngaros e polacos. Alena Hajkova escreve a respeito de Urbano Tavares Rodrigues que ele «representa bem o tipo do autor de perspectiva romanesca moderna e de sábia visão do mundo que encontra de novela para novela uma expressão sempre diferente, e sempre brilhante, e para o qual o destino individual do homem — parte da angústia da vida moderna — é um instrumento para a agitada sondagem social». O artigo intitula-se «A Escola da Ficção Moderna» («Skola Moderní Prózy»).



66 000 tons 315 metros

FIM DE SEMANA
A BORDO DO MAIOR
PAQUETE DO MUNDO
LISBOA - MÁLAGA - CANNES
de 29 de Março a 1 de Abril
Preços a partir de 2.457$00
Não perca esta oportunidade. Faça já a sua reserva no seu Agente de Viagens ou nos Agentes Gerais:

LISBOA
SOC. COMERCIAL OREY, ANTUNES & C.ª LDA
Praça Duque da Terceira, 4
Telef. 32 22 71 - 3 32 55 - 36 93 46

PORTO
OREY & BARROS LEITE, LDA.
Rua Infante D. Henrique, 83 1.º
Telef. 2 89 06 - 3 30 50

Viagem no S/S FRANCE
Inscreva-se nas Agências:

LISBOA
SOC. COMERCIAL OREY, ANTUNES & C.ª, LDA
Praça Duque da Terceira, 4
Telef. 32 22 71 - 3 32 55 - 36 93 46
SOC. COMERCIAL GARLAND, LAIDLEY, S.A.R.L.
Rua do Cais do Sodré, 24
Telef. 3 31 91/5 - 32 04 41/5
E. PINTO BASTO & C.ª, LDA.
Praça Duque da Terceira, 20 26
Telef. 36 15 81 - 36 86 59
AGÊNCIA DE TURISMO MOÇAMBIQUE
Av. Ant.º Augusto de Aguiar, 9
Telef. 4 71 15/6 - 53 58 13

PORTO
TAIT & C.ª, LDA.
Rua Infante D. Henrique, 19
Telef. 2 10 07 - 2 72 96
OREY & BARROS LEITE, LDA.
Rua Infante D. Henrique, 83 1.º
Telef. 2 89 06 - 3 30 50

ou na sua Agência de Viagens

Um novo livro de
MÁRIO DOMINGUES
CAMÕES
A SUA VIDA E A SUA ÉPOCA
1 vol. 464 pág. — capa ilustrada — 40$00
EDIÇÃO ROMANO TORRES
À VENDA NAS LIVRARIAS E TABACARIAS

Defendeu-se na Assembleia Nacional a industrialização do País

Usando da palavra na ordem do dia — apreciação das Contas Gerais do Estado de 1967 — o deputado dr Folhadela de Oliveira afirmou:

«Sem pretender cair no lugar comum da crítica pessimista ou desalentadora: atente-se nesta realidade: somos um País de limitadíssimos recursos. Com uma lavoura débil, sujeitos á inconstância dos fluxos turísticos, descrentes do valor do subsolo a que o fogo-fátuo de esporádicas esperanças nem ilusões consegue acalentar, com o que poderemos contar para a nossa sobrevivência?

«Julgo que sòmente a Indústria poderá criar riqueza, trazer progresso e contribuir para a melhoria do nível de vida de cada português. Só o esclarecido esforço de fomentar a industrialização — concedendo incentivos ao investimento, proporcionando estruturas e pressupostos de expansão, exigindo evoluída tecnologia, tão necessária ao embate com a concorrência internacional e mentalizando e auxiliando os empresários na colocação dos seus produtos em mercados estrangeiros — concorrerá para a tão desejada independência económica que amb cionamos.

«Na apreciação das despesas do Ministério das Obras Públicas e no que concretamente visa a Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, chama-se a atenção para um problema hoje existente, mas que conduzirá, inevitàvelmente, a resultados muito graves em futuro bem próximo.

«Ora a preocupação que está na base destes modestos comentários, respeita essencialmente ao capítulo da energia. Adverte o parecer que «o País não possui combustíveis sólidos ou líquidos que lhe permitam desenvolvimento industrial adequado». Perante o modo categórico e o lugar onde é feita a afirmação, conhecida a competência e probidade de quem a proferiu, constitui sério motivo de inquietação, quer a realidade do facto, quer as consequências que dele advêm.

«No contexto do capítulo, a afirmação encerra um apelo ao melhor e mais urgente aproveitamento das potencialidades aquíferas nacionais. Como primeiro ponto a destacar, resulta a necessidade de procurar o aproveitamento dos recursos hídricos a energi necessária ao desenvolvimento industrial.

«Segundo ponto, pertinente com este, é avaliar o modo como tem sido executado o aproveitamento das potencialidades aquíferas nacionais. Restará, por fim, apreciar das condições — nomeadamente distribuição e preço — em que é facultada á indústria a energia de que ela carece».

Em três linhas

O chefe do distrito de Leiria confere posse, depois de amanhã, ás 17 horas, do cargo de governador civil substituto ao sr. dr. Luís Tito Schreyer Pereira Bandeira médico naquela cidade.

///

A eleição do representante dos emissores particulares de radiodifusão sonora ao Conselho Nacional da Informação é regulada por uma portaria hoje saída no «Diário do Governo». Efectua-se essa eleição em 18 de Março no gabinete do director geral da Informação

///

Foi criado o Grupo de Estudos de História Marítima, na dependência directa do Ministro da Marinha.

FIM DE TARDE EM S. BENTO

★ *A doença do presidente (prof. Mário de Figueiredo) e a nomeação para o cargo de procurador-geral da República e correspondente perda do mandato parlamentar do 2.º vice-presidente (dr. António Furtado dos Santos) desfalcaram a mesa da Assembleia Nacional, reduzida a dois vice-presidentes O 1.º (dr. Soares da Fonseca) exercendo a presidência, e o 3.º (almirante Henrique Tenreiro). O vice-presidente em exercício entendeu oportuno — apesar de estar a chegar ao seu termo a actual legislatura — que se procedesse á eleição de um novo 2.º vice-presidente.*

★ Oito deputados, entre os quais o «leader» (conselheiro Albino dos Reis), propuseram o dr. Castro Fernandes. Único candidato, aquele deputado e antigo ministro foi eleito por 84 votos, em 85 listas entradas. A Assembleia que finda o seu mandato continua a ser um bloco.

★ *Antes da ordem do dia usaram da palavra quatro deputados. O prof. André Navarro falou do «desafio português», parafraseando «O desafio americano», de Schreiber: «Quando as verdadeiras forças da nação americana (...) pontificaram, efectivamente, na sua política, então sim, melhor se avaliará o que representou para a salvação do Mundo Ocidental, incluindo nele, como é óbvio, a grande Nação americana, o sacrifício da juventude lusa dado em olocausto de uma civilização a que pertencem milhões dos mais evoluídos habitantes deste planeta»*

★ O dr. Águedo de Oliveira proferiu um longo discurso, bem documentado, em defesa do Vinho do Porto. E houve ainda mais oradores: o dr. Pontífice de Sousa, em defesa dos comerciantes, a propósito da fiscalização dos preços; Melo Giraldes, aludindo ao regulamento de pequenas barragens; o cónego Henriques Monta, sobre as vias de comunicação de Viseu, e o dr. Neto Miranda, referindo-se às últimas visitas oficiais ás províncias ultramarinas.

★ *A ordem do dia continua a ser a análise das Contas Gerais do Estado.*

O Festival Gulbenkian

(Continuação da pág. anterior)

Em Lisboa, o Teatro Nacional de S. Carlos, o Coliseu, o Tivoli e a Sé Catedral são os locais onde se efectua a quase totalidade dos espectáculos. Mas, também nas ruínas do Carmo se realizará um concerto, a cargo da banda da Guarda Nacional Republicana. Da ópera ao bailado, do concerto sinfónico ao recital de violino, dos concertos de órgão e orquestra até nos recitais de orgão, a capital terá, durante 23 dias, oportunidade de assistir a um conjunto de realizações musicais que, a avaliar pelas organizações dos últimos anos e pela qualidade dos executantes, garantem um nível a que os apreciadores da música entre nós (e o público em geral) não têm acesso com frequência.

Haendel, Berlioz, Bach, Bartok, Prokofieff, Khatchaturian, Ravel, Debussy, são alguns dos compositores mais interpretados durante o festival deste ano. Karl Richter, Gianfranco Rivoli, Claudio Abbado, Hiroyuki Iwaki, Mario Rezueory e Cournand são alguns dos maestros de nomeada que em Portugal dirigirão os espectáculos incluídos no festival.

É de esperar que a organização e o público correspondam, no sentido de esta manifestação ser um acontecimento de significado verdadeiramente cultural.

No seu conjunto, os espectáculos são os seguintes: *Concertos*, no Coliseu, a 16, 17 e 26 de Maio e a 5 e 7 de Junho; no Tivoli, a 28 e 30 de Maio e a 2, 4 e 6 de Junho; no São Carlos, a 21 de Maio; nas Ruínas do Carmo, a 2 de Junho; *Bailado*, no Coliseu, a 20, 21 e 22 de Maio; no Tivoli, a 24 de Maio; *Ópera*, no Coliseu, a 31 de Maio e a 1 de Junho; no São Carlos, a 18, 19, 27 e 28 de Maio; *Recitais*, no Tivoli, a 24 e 29 de Maio e a 3 e 5 de Junho; na Sé Catedral, a 25, 26, 28, 30 e 31 de Maio e a 5 de Junho.

No Porto, *Ópera* a 16 de Maio; *Bailado*, a 24 de Maio; *Concertos*, a 31 de Maio e a 5 de Junho; *Recitais*, a 27 de Maio e a 2 de Junho.

Nas outras cidades do País, os espectáculos realizam-se, em Aveiro, a 6 de Junho; em Beja, a 6 de Junho; em Braga, a 4 de Junho; em Castelo Branco, a 4 de Junho; em Coimbra, a 23 de Maio e a 1 e 7 de Junho; na Covilhã, a 5 de Junho; em Évora, a 27 de Maio e 5 de Junho; em Faro, a 7 de Junho; em Guimarães, a 31 de Maio; em Leiria, a 7 de Junho; em Santarém, a 3 de Junho; em Setúbal, a 4 de Junho; e em Viseu, a 6 de Junho.

DE ONTEM PARA HOJE

O GOVERNADOR CIVIL DA MADEIRA

Durante muitos anos o comandante João I. Camacho de Freitas foi o governador civil do Funchal. Era como que o sucessor dos Zarcos e Camaras e ir á Madeira era encontrar o sorriso afável desse oficial de Marinha que no Chiado nos aparece frequentes vezes também. Há uma semana tomou posse o seu sucessor, em cerimónia concorrida no salão nobre no Ministério do Interior e com novas afirmações de vida nova por parte do ministro dr. Gonçalves Rapazote para que a caminhada da nação «retome a dignidade do ausente grego» e ainda para encontrar «o clima onde pode respirar livremente». O marinheiro que até agora ocupou o cargo de governador civil do Funchal foi ontem ao Palácio de Belém receber os agradecimentos do sr. Presidente da República pelos serviços prestados ao País e as insignias do grande oficialato da Ordem Militar de Cristo. Presentes á cerimónia muitas personalidades da nossa vida política que não quiseram deixar de assim render também homenagem ao comandante João I. Camacho de Freitas.

SOCIEDADE DE GEOGRAFIA

Na Sociedade de Geografia realizou-se ontem á tarde uma reunião de trabalhos da Comissão Asiática, tendo presidido o prof. Pereira Neto. O dr. Cordeiro Ferreira proferiu uma conferência subordinada ao título de «Kemal Ataturk e Ibn Seoud — duas atitudes perante a Civilização Ocidental».

METROPOLITANO DE LISBOA

Sob a presidência do eng.º Carlos Alves efectuou-se, ontem, a assembleia geral do Metropolitano de Lisboa. Foi deliberado fazer-se uma emissão de obrigações de 40 000 contos. Procedeu-se, depois, á eleição dos corpos gerentes.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu ontem, em audiência, no Palácio Nacional de Belém, os srs. eng.º D. Sigismundo da Câmara de Saldanha, vice-presidente da Câmara Municipal de Lisboa; e dr. Jorge de Melo, presidente do conselho de administração da Companhia União Fabril.

CURSO LICEAL
DIURNO E NOCTURNO
bem arrechados laboratorio
ESCOLA S. VICENTE
1.º MARQUÊS de POMBAL, 5

BANCO DO ALENTEJO
tambem no ESTORIL

A INFLAÇÃO E OS SALÁRIOS

Por MANUEL BELLO

NO NOSSO PAÍS, perante a alta de preços que se tem verificado desde há alguns anos, tem-se falado por vezes de «inflação de custos» ou seja de um processo inflacionista que resultaria do agravamento dos custos de produção e traduzir-se-ia os seus reflexos sobre os preços. Nesta linha de pensamento, aponta-se como causa da presente situação inflacionista o custo crescente do factor trabalho. Ao que supomos poderemos adiante apontaremos, a subida dos salários tem sido mais a consequência do que a causa das actuais tensões inflacionistas.

A inflação, com efeito, resulta sempre de um desajustamento entre a procura e a oferta de bens e de serviços. Quando a procura se mantém estável a alta dos salários terá normalmente por consequência uma diminuição da produção e do emprego. Só haverá subida dos preços, e consequentemente inflação, quando existir um excesso de procura efectiva que permita ás empresas elevar os seus preços de venda, mantendo o nível de produção e de emprego.

Assim, num país como o nosso, em que o produto nacional tem revelado um crescimento contínuo, não parece que os acréscimos de salários possam, de per si e autónomamente, constituir factor determinante da inflação; é necessário que exista contemporâneamente um excesso da procura global em relação á oferta, atribuível a várias outras componentes da despesa nacional. São numerosas estas componentes e nelas se podem descortinar com facilidade outras tantas causas de inflação, em maior ou menor medida, que não é nosso intento tentar quantificar nestas brevíssimas notas. Podem no entanto apontar-se entre outras: as remessas dos emigrantes e as receitas do turismo que, em boa parte, se traduzem em aumentos do consumo interno sem correspondência em acréscimo da produção; a chamada «inflação importada», devida ás subidas de preço dos bens de consumo e de investimento adquiridos em países estrangeiros; finalmente, e talvez com maior relevância, a expansão daquela parte das despesas públicas que, pela sua natureza específica, não geram uma equivalente produção de bens destinados ao consumo interno.

Não devem ainda esquecer-se os efeitos inflacionistas da grande expansão dos meios de pagamento registada nos últimos anos. Para tais efeitos tem contribuído o acentuado incremento do crédito bancário que, em larga medida, tem estimulado o consumo privado interno e favorecido a aquisição em mercados externos de bens de equipamento. Do mesmo modo, o sector público, como é sabido, tem visto as suas despesas facilitadas mediante um acrescido recurso ao crédito interno e externo.

Admite-se que a acentuação das pressões inflacionistas resulte também em parte da elevação dos salários, sem que possamos nesta elevação de custos—como acima dissemos — causa originária e autónoma de inflação. A subida dos salários aparece então como movimento «induzido» pela alta dos preços, visto não ser normalmente possível deixar de promover um reajustamento das remunerações perante a elevação do custo de vida, de modo a manter o poder de compra da população; tenha-se presente que — para citar o caso português — cerca de 75 por cento da população activa é empregada por conta de outrem.

Frequentemente, relaciona-se a evolução dos salários com a produtividade do trabalho, procurando descobrir-se nos termos da tal relação uma explicação para o aparecimento das tensões inflacionistas. A este respeito, acrescentaremos ainda algumas notas.

Em primeiro lugar, quando o acréscimo dos salários é acompanhado de um correspondente aumento da produtividade não se produz, ou não deve produzir-se, como é óbvio, qualquer repercussão sobre os preços. Há que notar, a este propósito, que em alguns sectores da economia portuguesa, nomeadamente nas indústrias transformadoras, estudos sérios realizados há poucos anos notaram acréscimos de produtividade mais elevados que a progressão dos salários; não tendo havido baixas de preços, deve concluir-se que tal evolução beneficiou exclusivamente o factor capital.

Em segundo lugar, mesmo quando os acréscimos dos salários são superiores aos da produtividade não deve produzir-se necessáriamente e fatalmente uma alta de preços. Com efeito, os preços não reflectem apenas a evolução dos salários mas também a dos lucros, das amortizações e de numerosos outros encargos das empresas: uma subida acentuada das remunerações do trabalho pode ter repercussões mais atenuadas se, por exemplo, for acompanhada de uma subida menos acentuada dos lucros — o que não se considerará *a priori* como injusto ou inconveniente.

A inflação funciona, na verdade, como um poderoso mecanismo de redistribuição de rendimento entre as várias categorias económicas e sociais. Um acréscimo dos salários estritamente proporcional a um paralelo acréscimo da produtividade, corresponde a manter sem alterações a repartição do rendimento entre o capital e o trabalho, tal como anteriormente se processava. Ora esta repartição pode não ser a mais correcta e a mais equitativa. Em Portugal, a parcela do rendimento nacional atribuída ao factor trabalho foi avaliada, para o período de 1963-64, em 44 por cento; no caso da França e da Grã-Bretanha aquela percentagem era, respectivamente, de 60 e de 73 por cento.

Se considerarmos em particular os sectores industriais, dispomos de uma estimativa mais detalhada, embora referente ao período de 1959-61, a qual nos indica a seguinte repartição: 52 por cento para rendimento das empresas; 38 por cento para rendimento do trabalho; sendo o restante atribuído a impostos e contribuições patronais para a Previdência e Fundo do Desemprego.

Requerem-se, sem dúvida, estudos aprofundados e devidamente actualizados sobre a forma como se tem processado a repartição do rendimento em Portugal nos últimos anos. Tais estudos poderão indicar uma melhoria relativa da posição do trabalho, consequente ao êxodo maciço de trabalhadores para o exterior, mas não deixarão de confirmar, ao que supomos, o que eloquentemente sugeriam os números acima referidos, a saber: a grande distância que ainda nos separa da realização do objectivo — tantas vezes proclamado — de alcançar no nosso País, um esquema mais justo de repartição do rendimento entre os factores produtivos.

Nota do dia

TEMAS E MOTES

HÁ OITO DIAS QUE ANDAMOS TODOS a ouvir ou a contar uns aos outros como é que foi que sentimos o tremor de terra, se acordámos, se ouvimos o ronco subterrâneo, se nos levantámos e fugimos para o ar fresco ou se permanecemos na cama que é parte quente. Sem que daqui, claro está, seja possível tirar mais conclusões do que essa mesma: que cada um é como cada qual e reage como pode, parece que bastante mais por instintos do que por lúcido raciocínio.

Cada um fervilha as suas recordações com o ar de quem sorve o perfume de uma aventura, perigosa mas que passou. E as pessoas olhavam-se umas ás outras com o ar feliz e quase heróico de sobreviventes. Como foi? Cada um contava a sua e cada um ouvia a do outro, igual á sua, com o ar atónito de quem fazia verdadeiramente uma descoberta ou tinha dado um mergulho profundo e deitava a cabeça de fora para sacudir a cabeça e escorrer a água feita espuma.

A mesa de um jantar, com duas ou três dezenas em volta, um técnico muito brilhante e qualificado lançou a isca na conversa. Foi verdadeiramente acometido pelo tiroteio de questões lançadas como setas pela inquietação ainda nervosa das senhoras sentadas nas adjacências. A conversa, que noutro dia qualquer teria caído no desinteresse ou teria sido asfixiada em anedotas ou picadas de maledicência, prolongou-se e profundou-se como um silício. Ninguém se queria lembrar!...

«Terramoto» foi vedeta. O que as pessoas aprenderam, nestes dias, sobre a mecânica dos solos e dos subsolos, o caldeirão fervilhante sobre que distraidamente vivemos, fracturas e deslocações, não no Hospital de S. José, mas na crosta terrestre, a idade das rochas, um mundo de coisas que fez esquecer a ópera, que na semana passada não houve, e os últimos «potins» da alta-roda, por exemplo, sobre casacos de peles. Um alívio!

Foi o que salvou o «Festival da Canção». Espeviladas por aquele sobressalto novo da madrugada, entre a surpresa e o alarme, as pessoas desistiram daquele pratinho de conversa fútil e fácil de desancar de troça o que se persiste em jogar como acontecimento de tomo. E o Benfica? O Benfica, isso foi também uma espécie de terramoto mas esse com derrocadas. Como ia comentando uma voz que passava na rua, o epílogo de Colombes foi uma espécie de queda do império romano do ocidente. Nada menos!

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

TAPETES
Carpélio
Dist. Exclus.
Élio Amorim & Filho, Lda.
PORTO—LISBOA
CARPETES

FALLAS DE VALÊNCIA
A MAIOR FESTA DO FOLCLORE ESPANHOL
CORTEJOS E CORRIDAS
Maravilhosa viagem em autocarro com aquecimento
DE 16 A 22 DE MARÇO—PARTIDA ASSEGURADA
Visitando: ANDORRA — BARCELONA — MADRID
Ou fazendo umas FÉRIAS em PALMA DE MAIORCA
Tudo incluído em Hotéis de 1.ª 4.000$00
Ainda dispomos de bons lugares
TURISMO LUSANOVA
Largo Martim Moniz ✢ Av. João XXI, 9-A ✢ 726115-862194

ABC DO CRONISTA SEM ASSUNTO

A

Quando «não há assunto», fala-se do desmoronamento da Brandoa.

Parece estar provado que se a Câmara Municipal de Oeiras conhecesse a lei em que vivemos e as responsabilidades que lhe tocam, a Brandoa não teria nascido «clandestina».

Mas não serve de nada dizer: «se a minha avó não tivesse morrido ainda hoje era viva.» O que parece lógico é que não haja mais Brandoas clandestinas. Que as pessoas habitem casas higiénicas e seguras e bairros devidamente urbanizados e que a lei se aplique, sem injustiças relativas. Sem excepções, sem favores...

Eu tenho de conhecer a lei, tu tens de conhecer a lei, ele (ou ela) tem de conhecer a lei. E assim por diante.

Conhecer e respeitar. Sempre e para todos os casos.

B

Quando «não há assunto», também se fala no último sismo. É uma cisma muito generalizada.

Vi num jornal, por baixo de uma fotografia expressiva, que «automóveis despedaçados por tijolos e pedras» eram a «imagem comum» das ruas de Lisboa ao amanhecer de 28 de Fevereiro.

Pessoas de família telefonaram-me de longe, alarmadas: «Estás vivo? A vida em Lisboa está paralisada? A cidade vai ser reconstruída rápidamente, como no tempo de Pombal?

Fiquei, a princípio, um pouco espantado com as perguntas. Mas lembrei-me da tal fotografia e de certos títulos e respondi simplesmente: «Eu estou vivo, tu estás vivo, ele está vivo, nós estamos vivos, vós estais vivos, eles estão vivos (quer dizer, conjuguei certinho o presente do indicativo). A vida em Lisboa nunca esteve paralisada. A cidade não vai ser reconstruída, só se reconstrói o que foi destruído.»

— Mas... — insistiam as pessoas.

— Pois! — insistia eu.

C

Desliguei. E como não tinha assunto nem nada que fazer, fui consultar o dicionário e procurei a palavra comum. *Lá estava. Adjectivo e substantivo. E como procurava apenas o adjectivo, o dicionário deu-me a resposta: relativo ou pertencente a todos ou a muitos; público, geral, universal; ordinário, vulgar, normal, habitual.*

Procurei depois, por descargo de consciência, outra palavra: objectividade. *E o dicionário deu-me o significado: «Qualidade ou carácter do que é objectivo. Carácter do que trata um assunto, uma teoria no que ela tem de essencial, sem lhe misturar as ideias e formas de ver pessoais». E seguia-se esta citação: «... com honestidade intelectual e com uma preocupação de objectividade científica que não exclui a simpatia humana — Gilberto Freire».*

E com este Gilberto Freire (há mais, como sabem) me fico. E acabo.

MANUEL DE AZEVEDO

LUXEMBURGO o "anão de aço"

O «recordista» do abono de família

e os habitantes da Torre de Vaubon

LUXEMBURGO — Há um português «recordista» no Grão-Ducado do Luxemburgo. Não me foi possível encontrá-lo e bem gostaria de ter fixado numa foto a poderosa razão do seu «record», que é nada menos que o do abono de família: perto de seis contos por mês! Claro que tal benefício não lhe chegou de mão beijada, foi preciso fazer jus a ele e a verdade é que o fecundo casal nosso compatriota tem nada menos de doze filhos, todos aqui residentes.

Há ainda outras famílias portuguesas que andam pelos sete, oito e nove descendentes, o que muito surpreende os luxemburgueses, cujas proles não excedem geralmente os dois filhos. Quando são três, as famílias são consideradas numerosas.

O índice de natalidade no Luxemburgo é efectivamente baixo, o que mereceu da parte de um jornalista americano um comentário que não foi aqui recebido com muito agrado. Escreveu aquele bem humorado repórter que os luxemburgueses falam muito, comem muito e bebem muito — e daí que cheguem a casa tão fatigados que não tenham outra preocupação que não seja dormir.

Acontece, na verdade, que não é brilhante o número anual de nascimentos no Luxemburgo, mas a contribuição portuguesa neste aspecto também vai ser importante, pois já há muitos Joaquins e Marias nascidos no Grão-Ducado.

É o que acontece, por exemplo, numa família beirã que fui visitar à sua surpreendente residência, que é nada mais nada menos que um monumento nacional do Luxemburgo. Trata-se de uma torre de Vaubon, o arquitecto de Luis XIV! Certa dificuldade em conseguir, na capital, casas de rendas baixas, que são quase sempre as preferidas pelos imigrantes, levou ao aproveitamento da torre, cujo interior se apresenta como o de qualquer casa antiga, modesta mas habitável.

A única proibição aos ocupantes portugueses desta singular moradia é a de pendurarem roupa a secar, à janela. Enfim, sempre se trata de um monumento nacional...

ALGURES NO MUNDO

um repórter do Diário de Lisboa

MÁRIO ZAMBUJAL

O mais agradável para o português que visita a nossa ainda jovem colónia do Luxemburgo é verificar que aqui não existem os «bidonvilles», não há uma só família alojada em barracas. Todos vivem em verdadeiras casas, normalmente com um número de divisões adequado ao agregado familiar ou ao grupo de pessoas que as habitam. Não há, em nenhum caso, a desumana promiscuidade dos «bairros de lata» dos emigrantes noutros países, problema que afecta largos milhares de pessoas, entre as quais muitos portugueses. Isto acontece especialmente nos subúrbios das grandes cidades francesas e, ainda há poucos dias, o jornal luxemburguês «La Republicain Lorrain», em correspondência de Paris, dava conta das conclusões a que chegaram quatro médicos franceses, depois de um atento inquérito às condições de sobrevivência nos «bidonvilles».

Embora contando já com oitenta mil estrangeiros (uma quarta parte da população do país) o Luxemburgo tem conseguido resolver o problema dos alojamentos. É certo que, em muitos casos, as condições de habitação não correspondem ao nível do próprio país, pois houve que aproveitar mesmo as mais velhas casas, mas está planeada a construção de novos bairros para operários.

As rendas das casas em que vivem os portugueses oscilam, de uma maneira geral, entre os quinhentos e os mil e quinhentos escudos. Outros, em melhor situação ou menos presos ao espírito de poupança, habitam já apartamentos modernos, com um dispêndio mensal entre os dois e os dois contos e quinhentos.

O custo de vida é, sem dúvida, mais elevado do que em Portugal, mas nos géneros de alimentação essenciais a diferença não é muito grande. Isto possibilita uma vida sem grandes preocupações, mas não quer dizer que os portugueses que vieram para o Luxemburgo tenham descoberto a árvore das patacas. A muitos deles não faltam problemas e amarguras, de que mais adiante falaremos.

Deve dizer-se, no entanto, que as autoridades procuram zelar pela segurança e bem-estar dos trabalhadores. O que representa, sempre, uma contrapartida de benefício para os países que assim procedem.

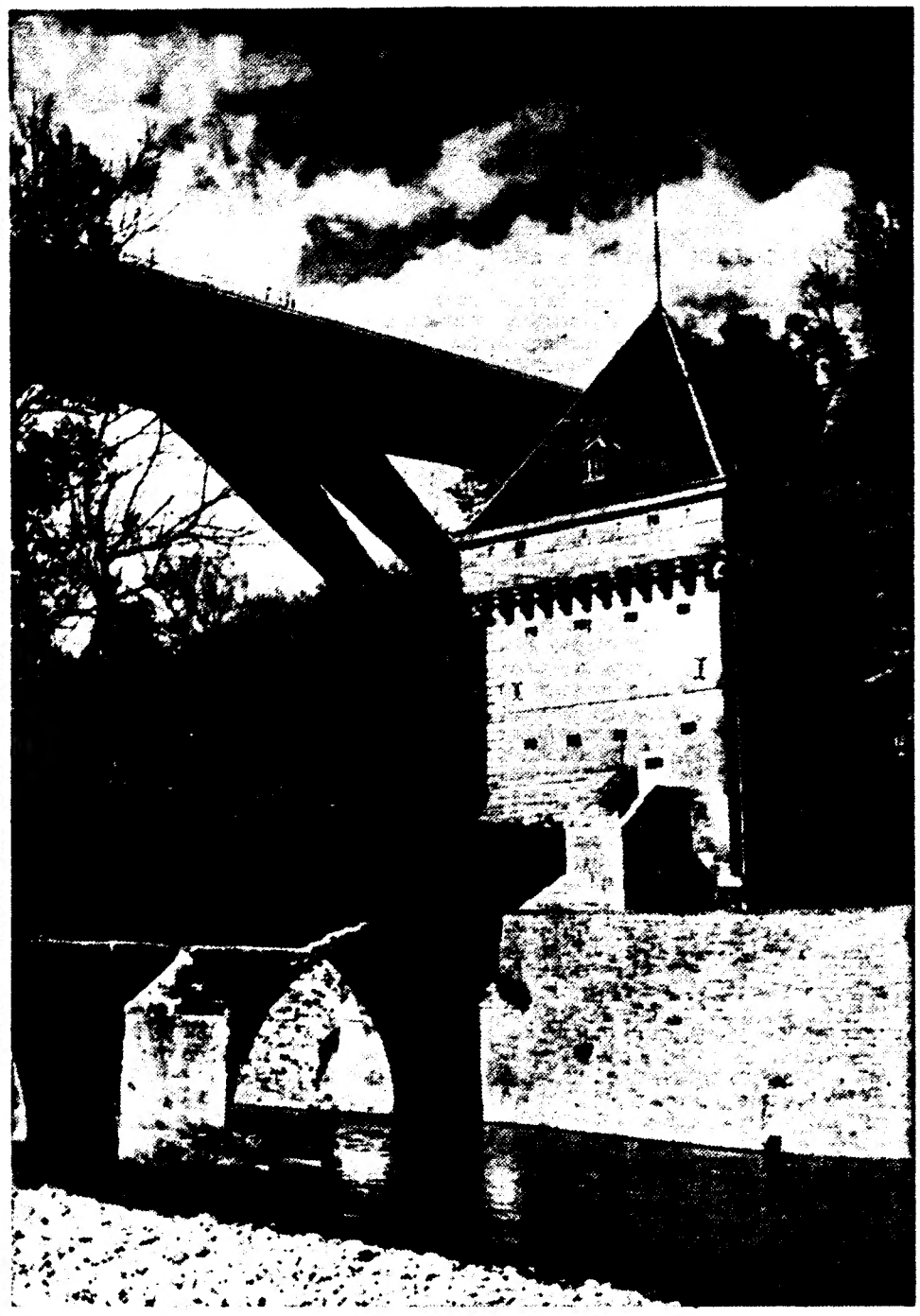
Quanto ganha um português no Luxemburgo? Claro que varia muito, depende da actividade e, principalmente, do ser ou não ser mão-de-obra especializada. A larga maioria dos nossos compatriotas não está incluída neste sector, pelo que os seus salários são dos mais baixos que se pagam no Grão-Ducado. Um trabalhador agrícola ganha um pouco mais de dois contos por mês, mas «limpos», isto é, o alojamento, a alimentação e os próprios descontos são por conta do agricultor. Os trabalhadores que se apresentam com aptidão — a de saberem conduzir tractores — recebem, desde logo, um pouco mais.

A actividade na construção civil rende entre os vinte e cinco e os trinta escudos por hora, e, embora se trate de um trabalho duro, há quem não olhe ao relógio. Quantas mais horas, melhor.

Também aqui há, no entanto, portugueses que desempenham profissões mais lucrativas e menos dispendiosas de energias. São mecânicos, carpinteiros, motoristas, ladrilhadores, etc., e os seus ganhos andam entre os seis e os sete contos e quinhentos ao mês.

A assistência social está muito desenvolvida, e o que se passa com os abonos de família não deixa de ser elucidativo. Há uma convenção entre os Governos de Portugal e do Luxemburgo sobre a assistência social aos nossos emigrantes. Esse acordo especifica que é de trezentos e cinquenta francos luxemburgueses (perto de duzentos escudos) o abono por cada filho residente em Portugal. Mas os que cá vivem, com os pais, usufruem precisamente das mesmas condições que os naturais do país, e a «tabela» é progressiva: pouco mais de trezentos escudos se for um filho, um conto e duzentos se forem três, três contos quando são seis, etc.

Isto representa não só uma boa ajuda, mas, vamos lá, até um estímulo. Que, no entanto, não é suficiente para que aumente por aí além o número de luxemburgueses.



Esta é a Torre de Vaubon, onde reside uma família portuguesa, da Beira Alta.

Tem qualquer coisa de Walt Disney, a cidadezinha de Echternach, que se ergue junto à fronteira com a Alemanha

A seguir:

O MANUEL MARTINS PASSOU PELO GRÃO-DUCADO

Artes plásticas

Maria Pepa Estrada no salão da Embaixada de Espanha

No salão da Embaixada de Espanha, á Rua do Salitre, encontra-se presentemente a exposição de Maria Pepa Estrada.

Pintora jovem, com seus motivos algo folclóricos, apresenta cerca de meia centena de quadros, em que se mostram as suas preferências, o seu sentido de harmonia e decoração. Cores vivas e fortes inspirações dos ex-votos populares nalguns dos seus trabalhos. Autêntico ex-voto é aquela cena de combate com as ondas do mar.

A pintura de Maria Pepa Estrada foi aliás bem classificada pelo prof. José Camón Aznar ao interrogar-se — «Ingenuidade?» — dando logo a resposta: «Talvez melhor dizendo inspirações e lembranças, arte condimentada na fantasia com raiz na emoção nostálgica. Trata-se de uma forma de abstracção que agrada á nossa sensibilidade pois que o artista sai de si mesmo, sacrifica seu ineditismo e nos entrega umas formas cujas aventuras emotivas podemos compartilhar.»

A exposição acha-se aberta ao publico todas as tardes, na Rua do Salitre, 1, das 15 horas em diante.

ÚLTIMOS DIAS

Teatro MONUMENTAL

TEL. 555133 (ADULTOS)

6.ª SEMANA

HOJE, ás 21.45 h.

SABADO, 2 SESSÕES às 20.45 e 23 h.

UM ESPECTACULO de

VASCO MORGADO

UMA FARSA DE GARGALHADA

com desempenho notável de

CAMILO d'OLIVEIRA
FLORBELA QUEIRÓS

nos protagonistas

CARLOS COELHO

Esta peça sai de cena em pleno êxito para dar lugar à revista dos Parodiantes «RI-TE, RI-TE» o novo espectáculo de Vasco Morgado

TEATRO LAURA ALVES

Hoje, não há espectáculo
Amanhã, às 21.45 h.
O JOVEM MENTIROSO
(Adultos)

TRINDADE
— F. N. A. T. —
HOJE, às 21.45 (17 anos) o T.N.P., subs. pelo Fundo do Teatro, apresenta
SABINA FREIRE
de M. Teixeira Gomes com Lourdes Norberto na protagonista
SABADO, tarde às 16 h.

Conflito Irresistível
entre ambição e sexo

SÃO JORGE
PROGRAMAÇÃO RANK

APRESENTA HOJE ÀS 21,30

UM ESPECTÁCULO DE CLASSE INVULGAR

O GRANDE MESTRE do CRIME

Thomas Crown Affair

Steve McQueen
Faye Dunaway

DIRIGIDOS POR Norman Jewison O REALIZADOR DE «VEM AÍ OS RUSSOS... VEM AÍ OS RUSSOS» E «NO CALOR DA NOITE»

RANK FILMES

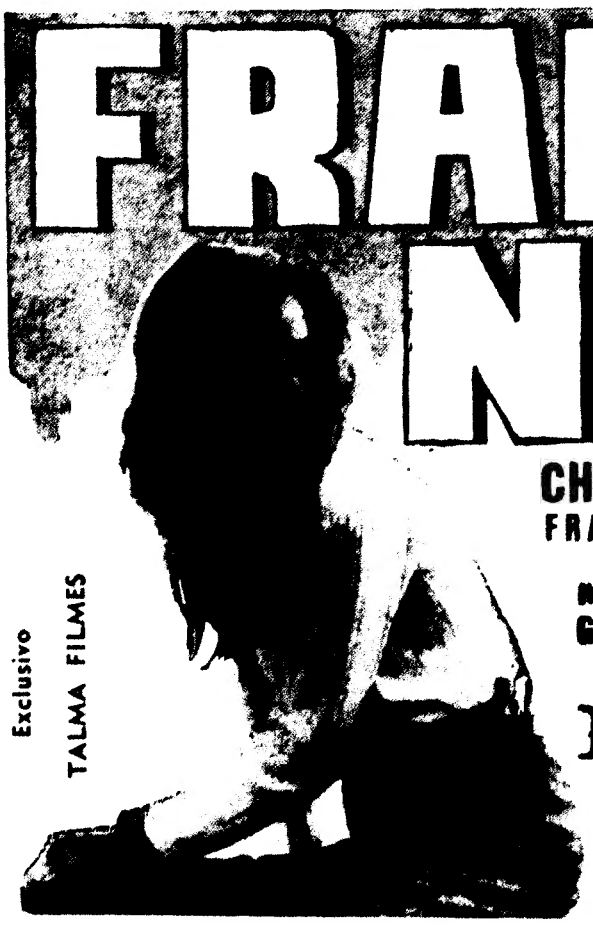
ADULTOS

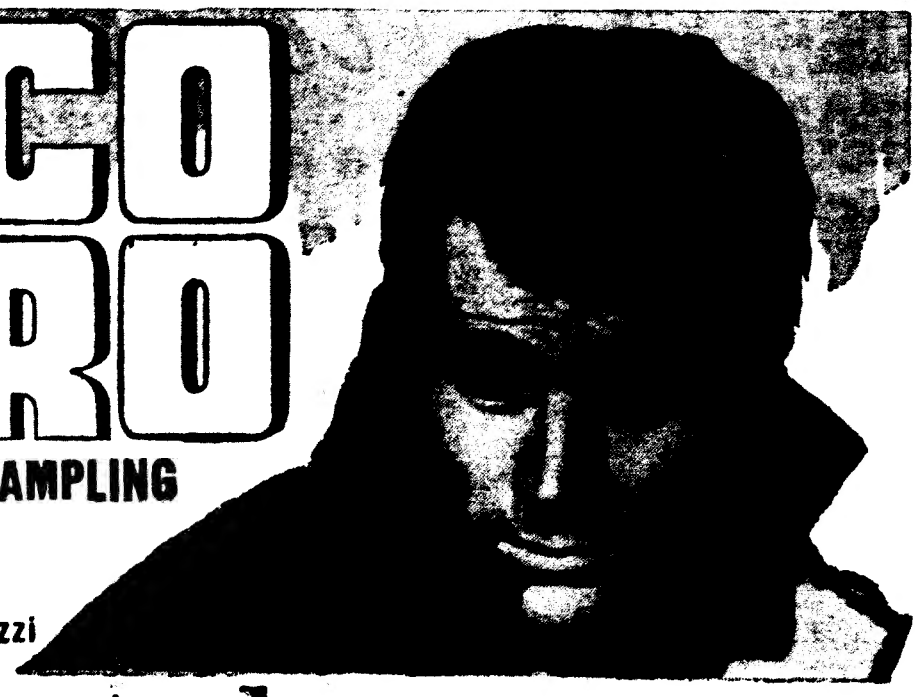
CÔR DE LUXE

Paul Burke Jack Weston MÚSICA - Michel Legrand ARG. R. Trustman United Artists

NO MUNDO RUDE E VIOLENTO DA SARDENHA A MÁFIA ASFIXIA OS CAMPONESES!

FRANCO NERO





CHARLOTTE RAMPLING
FRANK WOLFF

num filme de
Gianfranco Mingozzi

Exclusivo TALMA FILMES

resgate humano EASTMANCOLOR

HOJE • ÀS 21.45 • ESTREIA estudio 444 ADULTOS

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO ESTÚDIO

Título: A PALAVRA («Ordet» — 1954)
Realização: Carl Th. Dreyer
Intérpretes: Henrik Malberg, Emil Hass Christensen, Preben Lerdoff Rye

É evidente que «A Palavra» irá ser um novo motivo de escândalo, tal como aconteceu com «Gertrudes» — de escândalo e de riso. Dreyer foi sempre um cineasta intransigente, e os seus filmes vão tão longe em rigor e determinação que perante eles apenas se torna possível a adesão ou a recusa. O riso é uma arma exausta: demasiado fácil como arma, ela irá embater na serenidade de Dreyer, tão soberana que inevitàvelmente nos excede. Vendo agora «A Palavra», reencontramos o toque dessa serenidade inigualável. Talvez não tão belo nem trágico como «Gertrudes» — que é muito seguramente um dos pontos cimeiros da história do cinema. Mas obra importante, como elo que é da produção de um artista genial.

Com «Gertrudes» havíamos aprendido várias coisas e algumas inapagáveis. Aprendemos que a complexidade de um filme, a sua riqueza interna, não derivam de um acumular empírico de pessoas, coisas e sinais: isto é, de uma sobrecarga de «vida», no sentido em que «vida» faz de acontecimentos e intenções. Não; em «Gertrudes», era no limite da depuração, nesse extremo quase intolerável, que tudo se concentrava, e com tal intensidade que nos sentíamos próximos duma explosão inadiável. Aprendemos ainda a descobrir o valor das vozes, porque nunca as pessoas falavam assim, nem na vida, nem no teatro, nem no cinema, mas aquelas vozes inscreviam-se no espaço, gravavam-se, faziam sulcos e reagões, marcavam a fogo e transgressão a zona da fala que a normalidade nos impõe. Aprendemos também a ver como a morte ronda a obra dum artista. Se «Gertrudes» é um testamento, como por vezes se disse, é porque o testamento é algo de impossível: ali cada imagem é sempre a imagem final e aquela onde se inicia enfim o verdadeiro discurso, e cada imagem adensa-se como se nela se gravasse, desde logo, o seu destino de ser última. Cercado pela morte que impõe uma teia de urgências, o artista preenche esse vazio que o ameaça com o peso da sua obra, mas nenhum acto de preencher é mais do que o esboçar dos contornos desse vazio, e simultâneamente o gesto afirmativo de o contornar para dizer a vida.

Com Dreyer nós podemos

(Continua na 8.ª página)

AS ESTREIAS DE HOJE

No Politeama

Título em português — «O Rancho da Injustiça».
Título original — «Ballad of Josie».
Produção — Americana.
Realização — Andrew V. MacLaglen.
Intérpretes — Doris Day, Peter Graves, George Kennedy, Andre Christie e Andy Devine.
Género — Aventura.
Distribuição — Universal — Filmes Lusomundo.
Processo — Technicolor.
Classificação — 12 anos.

No São Jorge

Título em português — «O Grande Mestre do Crime».
Título original — «Themas Croun Affairs».
Produção — Americana.
Realização — Norman Jewison.
Intérpretes — Steve McQueen, Faye Dunaway, Paul Baske e Jack Weston.
Género — Romance.
Distribuição — Rank Filmes.
Processo — Cor de Luxe.
Classificação — 17 anos.

No Estúdio 444

Título em português — «Resgate Humano».
Produção — Italiana.
Realização — Gianfranco Mingozzi.
Intérpretes — Franco Nero, Charlotte Rampling e Frank Wolff.
Género — Aventura.
Distribuição — Talma Filmes.
Processo — Eastmancolor.
Classificação — 17 anos.

UM CORPO MARAVILHOSO ESCONDIA
A MAIS DIABÓLICA DAS AMBIÇÕES

CARROLL BAKER · JEAN SOREL

O DOCE CORPO DE DEBORAH

EASTMANCOLOR CROMOSCOPE

2.ª SEMANA FILMES LUSOMUNDO

MAIS UM EXTRAORDINÁRIO ÊXITO DO

CINEMA MUNDIAL

Maiores de 17 anos

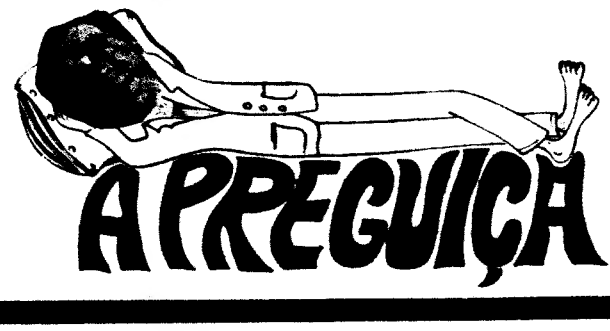
CINEMA NO COLISEU
HOJE, às 21 e 15
(Maiores de 17 anos)
Os deslumbrantes filmes coloridos
SUPER-ESPECTÁCULO NO MUNDO»
— e —
«A NOITE É PERVERSA»

ABC
ELAS É QUE SABEM
HOJE, às 20.45 e 23 h.
(ADULTOS)

VASCO MORGADO apresenta
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
(Adultos)
Hoje: 2 sessões, às 21 e 23 h.

UMA COMÉDIA POPULAR QUE TODAS AS NOITES É APLAUDIDA
com RAUL SOLNADO
FERNANDA BORSATTI — ALINA VAZ — MÁRIO JACQUES — ANTÓNIO MONTEZ — DAVID SILVA

ENTROU EM 4.º MÊS



A PREGUIÇA

«MAJA DE PORTUGAL-1969»

SEGUNDA-FEIRA: FECHO DE INSCRIÇÕES NESTE CONCURSO

Até ao próximo dia dez do corrente recebem-se, na secretaria do «Diário de Lisboa» (Rua Luz Soriano, 44, em Lisboa) as candidaturas das jovens pretendentes ao título de «Maja de Portugal-1969»: um certame organizado pela Associação Goya Internacional com o patrocínio do Turismo de Espanha e o apoio da Ibéria (Linhas Aéreas de Espanha) Todas as raparigas portuguesas, solteiras, com mais de dezoito anos de idade, que sejam fotogénicas e possuidoras de um grau de cultura acima da vulgaridade podem habilitar-se á coroa e ao ceptro de «Maja de Portugal»: que, no mínimo, tem como prémio uma magnífica viagem a Espanha, com presença ao lado de representantes de outros dezoito países, na hora do apuramento, em Saragoça, da «Maja Internacional».

Quase duas centenas de candidatas já remeteram, ao nosso jornal, as suas inscrições. Um juri prévio está a analisar todas essas candidaturas, de molde a efectuar uma selecção das jovens que parecem possuir um maior somatório de qualidades.

E' esse o caso de Leonor de Castro, cuja foto hoje publicamos. E' estudante, tem dezanove anos de idade e reside em Lisboa. Leonor de Castro ingressa, portanto, na lista das jovens mais credenciadas para o título de «Maja de Portugal»

E de Lisboa e chama-se Leonor de Castro

VIDA MUSICAL

Procissão do Senhor dos Passos do Desterro

No próximo domingo, ás 16 horas, realiza-se a tradicional procissão do Senhor dos Passos do Desterro, que percorrerá o mesmo itinerário dos anos anteriores. Na Rua Renato Baptista, haverá a cerimónia do Encontro com a imagem de Nossa Senhora da Soledade. O cortejo religioso, que terá a comparticipação da banda de música da P. S. P., está integrado num programa de festividades que se inicia amanhã, ás 18 horas, com a cerimónia da lavagem e investidura da túnica da imagem do Senhor dos Passos, havendo ás 21 horas Santa Via Sacra. Sexta-feira e sábado, as cerimónias prosseguem.

VAI SER ENTREGUE NO DIA 13 O PRÉMIO JOÃO ORTIGÃO RAMOS

Está marcada para o próximo dia 13, ás 18 horas, no cinema do Palácio Foz, com a presença do secretário de Estado da Informação e Turismo, a cerimónia de entrega do Prémio João Ortigão Ramos.

Como já foi noticiado, o Prémio João Ortigão Ramos foi instituido pela União de Gremios dos Espectáculos com o objectivo de estimular a produção de filmes. O primeiro prémio, atribuído pelos críticos dos jornais diários de Lisboa, coube ao filme «A Cruz de Ferro», produzido pela Tobis Portuguesa e que foi estreado, no Cinema Roma, pela empresa Joaquim Bras Ribeiro Belga, Lda., entidades a quem serão entregues os trofeus e os respectivos diplomas.

A preceder a entrega dos premios será apresentada uma pequena resenha filmada da obra cinematográfica de Jorge Brum do Canto, realizador do filme premiado.

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- *Os artistas Eunice Muñoz e Fernando Gusmão tencionam fazer parte de uma nova organização de espectaculos.*
- *A artista Herminia Silva declinou o convite para participar numa companhia de revistas.*
- *E muito provável que a actriz Laura Alves se apresente em Lisboa antes da sua digressão pelo Ultramar.*
- *O actor Nicolau Breyner deve manter-se durante largo tempo na companhia do empresário José Miguel.*
- *Começaram já os ensaios da peça «O gebo e a sombra», a apresentar pelo Teatro da Estufa Fria.*
- *Continuam os ensaios da revista dos Parodiantes de Lisboa.*
- *Encontra-se em ensaios no Teatro Estúdio de Lisboa a peça de Luzia Maria Martins, «Anatomia de uma história de amor».*

UM FILME DO OESTE COMO NUNCA SE VIU!

JOSIE ERA UMA MULHER DE ARMAS... DECIDIDA... TREMENDA... A QUEM NEM OS HOMENS METIAM MEDO...

NÃO HESITOU EM USAR CALÇAS... E EM DEFENDER OS DIREITOS DA MULHER... E DE QUE MANEIRA!...

A GRACIOSA

DORIS DAY

NUMA INTERPRETAÇÃO SENSACIONAL

E AINDA UM GRANDE ELENCO
Peter Graves ● George Kennedy
Audrey Christie ● Andy Devine
REALIZAÇÃO DE
ANDREW V. MacLAGLEN

O RANCHO DA INJUSTIÇA
(BALLAD OF JOSIE)

SENSACIONAL ESTREIA HOJE

MAIORES DE 12 ANOS
UNIVERSAL FILMES LUSOMUNDO

POLITEAMA

ODIVELAS—PRÉDIOS
VENDEM-SE

DOIS PRÉDIOS DE 10 INQUILINOS, CADA, BOM LOCAL DE ODIVELAS, C/ INQUILINOS DE 4 C. ASSOALHADAS, ACABAMENTOS DE 1.ª QUALIDADE ESCRITURA IMEDIATA, SOMOS OS PRÓPRIOS, TRATA NO LOCAL — QUINTA DO SLIVADO — LOTE N.º 43 E 52.

Supermercados MODELO
LISBOA

INVICTOS Supermercados
PORTO

CAMPANHA CONTRA OS PREÇOS ELEVADOS
PREÇOS EXCEPCIONAIS VALIDOS DE 5 DE MARÇO A 11 DE MARÇO

SEMANA DA CARNE DE BORREGO
PERNA: QUILO 34$00 COSTELETAS: QUILO 36$00
PÁ: QUILO 32$00 CARNE DE GUISAR: QUILO 21$00

ERVILHA CONGELADA EXTRA 500 gr. SÓ 12$40 EM VEZ DE 15$50

ALÉM DAS NOSSAS FAMOSAS OFERTAS ESPECIAIS A PREÇOS SEM COMENTÁRIOS: (VÁLIDAS ATÉ 15 DE MARÇO)

GONÇALVINHOS MADURO (TINTO OU BRANCO) PREÇO SENSACIONAL! LITRO: SÓ 5$50 EM VEZ DE 6$50
AO PREÇO DO BARRIL OU GARRAFÃO!!

SABONETE CADUM SÓ 3$30 EM VEZ DE 4$40

MARTINI BRANCO SÓ 37$80 EM VEZ DE 42$50
+ 1 MINIATURA GRÁTIS!

CERA CHAVES SÓ 16$50 EM VEZ DE 20$50

PASTA DE FIGADO AVEIRENSE SÓ 8$50 EM VEZ DE 10$00

NESQUIK SÓ 11$90 EM VEZ DE 15$00

NOS NOSSOS SUPERMERCADOS O SEU ESCUDO VALE MUITO MAIS

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da 6.ª página)

afirmar mais claramente que o artista nada tem para dizer. Ou melhor: o artista, ao escolher-se como artista, é movido pela carga do muito que tem para dizer. Mas a obra não é nunca a soma inútil do que ele diz, mas o resto, aquilo que na ondulação visível de todas as coisas ditas aponta a margem do não-dito. É absurdo perguntarmos que quer dizer uma obra de arte, se pretendermos que no termo dessa pergunta surja uma resposta positiva. Em tudo o que o artista diz apenas se desenha como essencial o que ele nunca saberá dizer, e por isso o seu trabalho é um trabalho sem fim, e por isso artista é a presa duma inesgotável fascinação. Todo o texto dito é o pretexto daquilo que o artista visou. E é nessa inadequação permanente, nessa fuga da obra á rede de sentido que a julgava prender, é aí, no golpe dessa ferida inaturável, que se origina o movimento da obra. Tal vazio, tal mancha opaca é que a corrompem, a promovem e a conduzem, a desfazem e a constroem.

Todo o filme verdadeiro participa nesse empreendimento: interessa nele menos o que explicitamente ele nos diz do que essa ferida que no íntimo de si o dilacera o habita e o projecta.

Pelo rigor, pela intencionalidade, pela força radical da sua experiência estética, Dreyer é um dos grandes cineastas de sempre. Em «A Palavra» irritar-nos-á a ideologia palpável e a doutrinação persistente. Podemos recusar a confusão das ideias e dos lugares-comuns que parecem ser a «tese» do filme. Podemos mesmo apontar o irracionalismo visível que o orienta. Contudo, ao inscrever-se num projecto mais profundo (que é o de toda a obra de arte que procura a palavra final que a decida e corre, e por isso volta para si para que através do seu enigma o mundo se diluci-de), a obra de Dreyer excede os limites da sua ideologia. Um crítico falou já num «efeito Dreyer», isto é, numa formulação especificamente cinematográfica duma «visão do mundo». Ora esse «efeito Dreyer», não redutível a meros aspectos formais, é que importa assinalar.

Vejamos alguns elementos: a abstracção dos cenários e a escassez dos lugares; a solenidade desenraizada das falas; a carga significante distribuída por toda a imagem; a materialização de todas as significações; a exigência que habita cada personagem numa busca ilimitada; a marginalidade das figuras principais em relação às normas instituídas.

Mas em «A Palavra» temos de notar outros aspectos. Por exemplo a inscrição das pessoas nos ambientes descarnados e simultâneamente a forma hierática das suas presenças deriva não só dum profundo sentido da dignidade como dum efeito produzido por Dreyer: entre a parede e as figuras intercalam-se imagens (retratos) com funções de mediação, que estabelecem a necessária ponte e indicam á câmara a linha que vai da imobilidade ao movimento num só gesto contínuo. Por outro lado, Dreyer põe nas suas personagens ou falas insignificantes, no estilo «vai tratar das galinhas», ou frases que vão directas aos problemas maiores da existência. Não existe portanto um plano intermédio para falas significativas, mas de significados particulares. Aqui passa-se sem transição do insignificante á significação absoluta. Ou se fala do mais banal quotidiano ou se fala do amor, de deus, da morte, e dos momentos mais importantes duma vida. Essa passagem brusca para a formulação metafísica acaba por carregar esses gestos e essas palavras insignificantes duma força, duma responsabilidade, duma decisão que os revelam em toda a sua enigmática evidência. Saturados de sentido, todos os objectos e todas as pessoas se equivalem num mundo onde tudo está suspenso de uma só palavra: a palavra, essa que a ideologia pode designar, mas que arte apenas delimita como um vazio activo.

Quando Inger diz: «Continua a rezar, mesmo que seja em vão», ela define a arte como esse discurso interminável, esse murmúrio ilimitado onde tudo se iguala em intenção e inutilidade. A arte é a oração que continua, porque nenhuma Salvação a torna desnecessária. Aceitar esse risco (pela arte ou pela fé) é erguer uma barreira contra a morte.

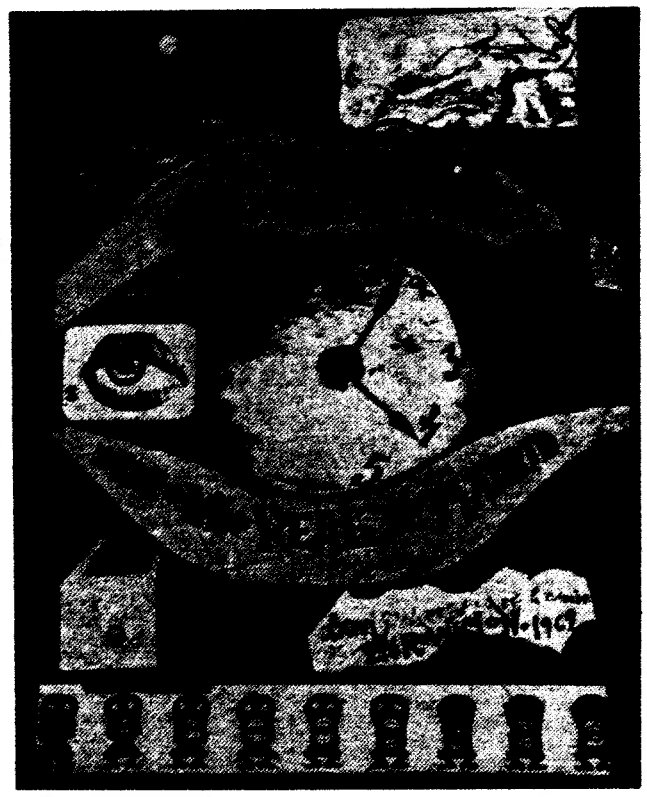
Mas o que é a loucura e o que é a razão? Que razão anterior á razão governou essa partilha? E esta pergunta está genialmente materializada numa das melhores cenas do filme, quando Johannes, o louco, vê a passagem da morte pelas luzes e sombras na parede; temos então a explicação racional de que se trata das luzes de um carro, e, contudo, nós sabemos, pelas regras do jogo que aceitámos, que Johannes diz a verdade. Mas que verdade? Um só critério existe para decidir da *verdade:* que seja a vida a sua origem e a sua razão.

P. S. — Por lapso na minha crítica a «Jogo Perverso», em exibição no Tivoli, indiquei o nome de Guy Green, realizador do filme, como autor de «Sebastian» e «Quarto Interdito». Ora o autor destas obras é na verdade David Greene. Aqui fica feita a rectificação. E ainda foi uma grande sorte não ter atribuído o filme ao Graham Greene...

EDUARDO PRADO COELHO

RECINTOS DE DIVERSÕES

- A artista Fernanda Dâmaso parte dentro de dias para os Estados Unidos.
- Continua a actuar na «Viela» a artista Beatriz da Conceição.
- O artista Mário Silva, filho da artista Herminia Silva, gravou recentemente um disco de homenagem ao grande cantor lírico Tomaz Alcaide.
- A artista Maria Pereira parte no próximo dia 17 para os Açores.
- Parte dentro de dias para o Ultramar o artista Marco Paulo.
- O Orfeão Académico de Coimbra dá um espectáculo em Vila do Conde no próximo dia 10.
- Gravou mais um disco, com letras da sua autoria a artista Alice Maria.
- Estão a actuar no Casino do Estoril os artistas Raul Silva e Joaquim Luís Gomes.
- O guitarrista Domingos Camarinha e o viola Américo Silva encontram-se a trabalhar em Paris na casa típica «Au Portugal».



Uma Europa unida por notas musicais, eis o que Salvador Dalí procurou expressar com este cartaz anunciador do Eurofestival, que vai realizar-se a 29 do corrente, no Teatro Rel, em Madrid. Trabalho surrealista: que cada qual interpretará livremente, mas que o pintor define como «um mundo-relógio fugindo por entre os lábios da Europa»

FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE CINEMA DE AMADORES

LEIRIA, 6 — Reuniu-se nesta cidade a primeira assembleia geral da Federação Portuguesa de Cinema de Amadores (em formação).

Delegados de diversas colectividades da Metrópole e do Ultramar participaram nos trabalhos cujo objectivo foi dar a conhecer as diligências levadas a efeito para solicitar a aprovação pelas entidades competentes dos estatutos da nova colectividade, e ainda para estabelecerem a redacção definitiva do regulamento do próximo Concurso Nacional de Filmes de Amadores, para selecção das produções que hão-de ser inscritas em representação do cinema português amador ao Concurso Internacional da U. N. I. C. A. que este ano decorrerá no Luxemburgo, em Setembro.

O certame nacional ficou marcado para Junho próximo.

o seu capital pode ser ainda mais rentável

8% garantidos e a valorização constante do seu apartamento.

Conheça o empreendimento turístico da Praia de Alvor e obtenha a melhor colocação para o seu capital.

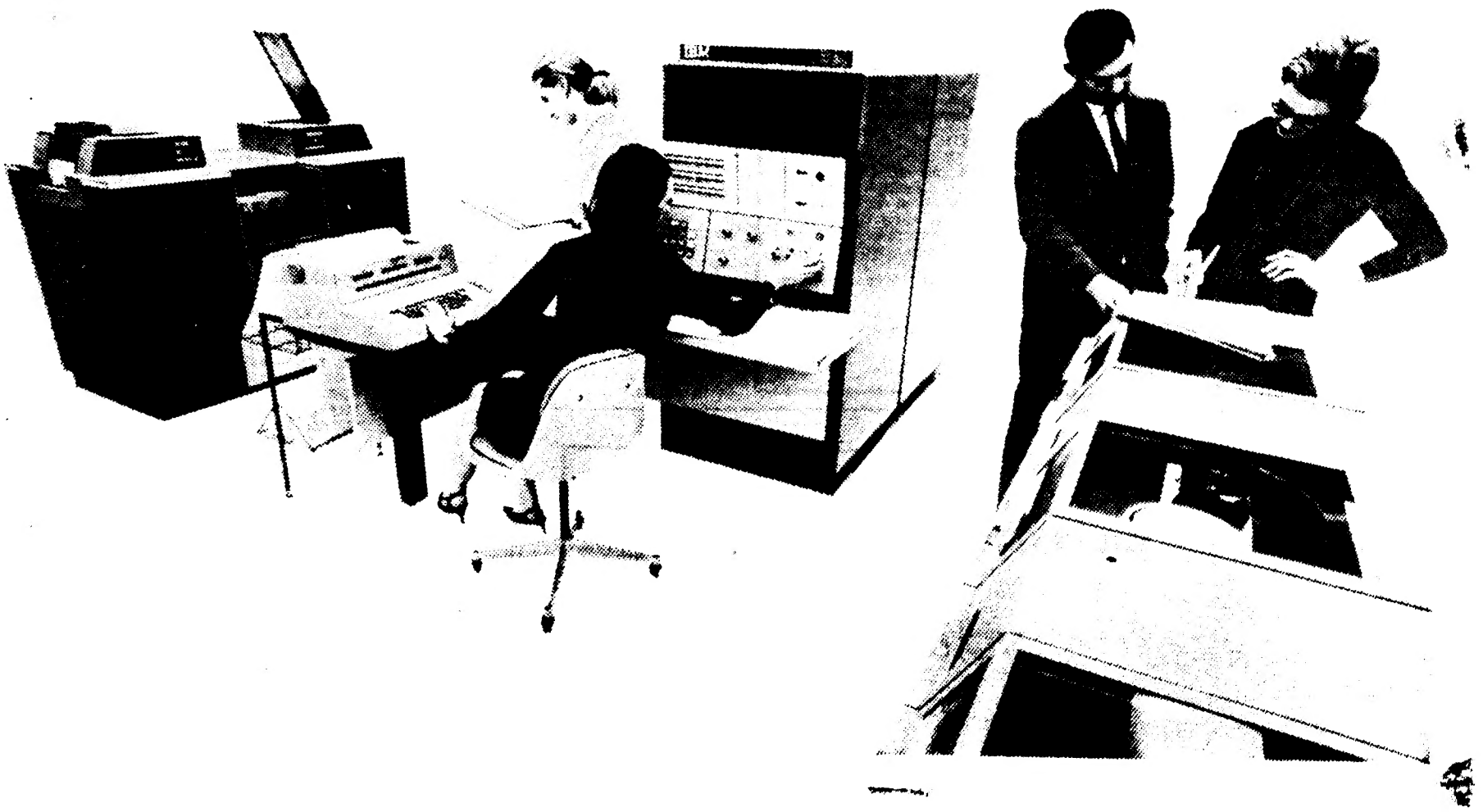
Apartamentos desde 230 a 990 contos.

TORRALTA

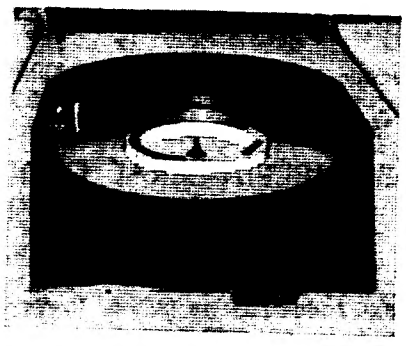
Informações:
Lisboa-Av. Duque de Loulé, 66-A, Telefs. 51748 e 54479
Algarve-Hotel Golfinho Praia de D. Ana, Telef. 302, Lagos
Praia de Alvor Telefs. 1324 e 428 de Portimão

IBM colabora connosco para o servirmos melhor

(A Companhia de Seguros Império vende segurança; a IBM vende rapidez, automação, controlo)



Os homens da IBM estão a ajudar-nos muito. Com o novo ordenador 360-30 puseram à nossa disposição 32.768 posições de memória, uma velocidade de 333.000 decisões por segundo e a possibilidade de todo o controlo que quisermos antes de cada operação final. Mas restava-nos um problema: com tanta velocidade, como continuarmos a dar a cada cliente um tratamento personalizado?



Então trouxeram-nos o disco magnético IBM que equipa os ordenadores da 3.ª geração.
Este disco permite-nos, em qualquer momento, isolar caso por caso. Eles devem ter compreendido: não vendemos apenas seguros; vendemos segurança.

AO SEU SERVIÇO
IMPÉRIO
a sua seguradora

RUA GARRETT, 62 — LISBOA 2

ora diga-nos...

— Qual o estilo de mobiliário mais do seu agrado?

O estilo do mobiliário que se escolhe para decorar uma casa reflecte, muitas vezes, o carácter das pessoas que nela habitam. «Diz-me como mobilas a tua casa, dir-te-ei quem és» — poderíamos dizer. De acordo?

● *A sr.ª D. Maria Ivone da Silva Santos, de 28 anos, 4 partidária de móveis «modernos»:*

— A minha preferência vai para móveis «Queen Anne» e rústicos.

— ...

— Também gosto muito de louças.

● *Acompanhada do marido, vinha a sr.ª D. Rosa Flora Pontes Pereira, que, abordada pelo repórter, logo se dispôs a responder, na primeira pessoa do plural:*

— Os móveis que mais me agradam são os de estilo simples especialmente o «Queen Anne».

— Há algum móvel em especial que gostasse de possuir?

— Sim, um bar.

● *O «Queen Anne» já se podia considerar vencedor neste minuinquérito. Mas que o não era por unanimidade, veio prová-lo a opinião da jovem Maria de Lurdes Rosinha Sério, de 23 anos, estudante de Pintura na E. S. B. A. L. e funcionária numa Caixa de Previdência:*

— Prefiro o «Holandês», porque é pesado e sóbrio. Se pudesse, ao montar a minha própria casa, gostava de ter, pelo menos, uma das divisões decoradas naquele estilo. Dá-se com o meu feitio.

— E as outras divisões?

— Bem, essas seriam decoradas em estilo nórdico.

CONSELHO PRESBITERAL

A contestação da autoridade é um fenómeno novo dentro da própria Igreja

— disse o cardeal-patriarca

O Conselho Presbiteral do Patriarcado continuou hoje, o debate dos problemas seleccionados para a agenda de trabalhos desta sua segunda reunião, que está a decorrer na Casa de Retiros do Bom Pastor, á Buraca e termina manhã.

O sr. cónego João Alves apresentou os resultados do inquérito sobre o «Programa de trabalho da Comissão de Estudos dos Problemas dos Seminários Clero e Vocações», a que se seguiu debate, e depois, uma comunicação do sr. cardeal-patriarca voltou sobre alguns problemas postos ao Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado. De tarde, o bispo de Telepte, sr. D. Manuel Falcão, leu comunicações sobre a «Evolução do sistema do contributo penitencial» e sobre o «Boletim Diocesano de Pastoral» e o rev. Armindo Duarte falou sobre o trabalho do Secretariado de Acção Pastoral.

Outro ponto do programa (apreciação da reforma do Breviário, pelo rev. José Ferreira) ocupará o serão de logo á noite.

Entretanto, ao fim da tarde, o sr. cardeal-patriarca voltou a usar da palavra, e, tal como ontem, o conceito de «crise» serviu de fundo ao seu discurso, que focou aspectos da «Crise de autoridade da Igreja».

Começou o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira por recordar os princípios da fé católica sobre a autoridade da Igreja insertos na «Constituição dogmática sobre a Igreja» tendo afirmado após algumas citações: «É lugar comum hoje a contestação da autoridade da Igreja, e (o que é novo) isto dentro da própria Igreja. Não é de um teólogo, que vai á frente da linha avançada de contestação, esta frase que tem feito fortuna, referindo-se á hierarquia: *classe dirigente, aristocracia de detentores do espírito que se distinguem da comunidade e se elevam acima dela para a dominar?*»

A aspiração igualitária da democracia

Mais adiante, o sr. cardeal-patriarca afirmou: «São valores reais, na verdade, características do nosso tempo, o sentimento da dignidade e autonomia pessoal, o culto da liberdade e independência, a aspiração igualitária da democracia. A autoridade espiritual sobre o espírito e a consciência, exercida pela Igreja, aparecerá assim, a muitos como obstáculo á livre eflorescência da pessoa humana (...) chega-se a afirmar que o *nosso estado clerical nos domestica*».

O sr. cardeal-patriarca fez, ainda algumas considerações sobre a liberdade de pensamento, autoridade hierárquica, autonomia de consciência, tendo afirmado, depois, que «o princípio da absoluta liberdade de pensamento conduz a negação da capacidade de pensar; pensar exige fidelidade ás leis do pensamento (isto é, á verdade, ao bem, á beleza, isto é, ao ser; (...) a fé cristã é fonte perfeitamente válida de certeza, fundada na autoridade de Deus que não se engana nem nos engana».

Como quer que seja, a autoridade da Igreja está em crise. — o sr. cardeal-patriarca recorda: «Exercida por homens, a autoridade estará sempre sujeita á fragilidade humana, a autoridade estará tudo dela, *em nome do Senhor, fazendo a sua vez*. E a própria Igreja estabeleceu meios canónicos para defender os súbditos dos possíveis abusos do poder».

O sr. cardeal-patriarca terminou o seu discurso com um apelo («Há que prosseguir no caminho aberto pelo Concílio») á «comunhão hierárquica querida pelo Senhor, um diálogo confiante e fraterno na paz e alegria do Espírito, todos fazendo um no Senhor, *«para que o mundo acredite»*.

O PRESIDENTE (DEMISSIONÁRIO) DO MUNICÍPIO DE OEIRAS APRESENTOU ATESTADO MÉDICO

O sr. Costa Macedo apresentou esta manhã um atestado médico de doença na Câmara de Oeiras, a qual presidiu durante nove anos, pelo que não deve ali voltar a exercer funções até que o seu pedido de demissão seja aceite pelo governador civil de Lisboa.

Em virtude deste atestado, o vice-presidente sr. Artur Marinho Simões passou a exercer desde logo, interinamente, as funções da presidência.

O pedido de demissão do sr. Costa Macedo foi apresentado ao dr. Afonso Marchueta antes da sessão de ontem ao fim da tarde, na qual aquele município voltou a convidar os proprietários dos prédios da Brandoa a proceder á sua legalização.

Só depois da sessão de ontem o presidente anunciou a sua decisão de renunciar.

Embora continue nominalmente a ser o presidente do Município, o sr. Costa Macedo, que se encontra oficialmente doente, só deixará de ter aquele título quando o seu pedido de demissão publicado no «Diário do Governo».

presença da **sonap** na **volta a portugal**

(baie geluk)

a equipa **sul-africana**

ODENDAAL-SCHOONRAAD

que por ter vencido o

rallye internacional da beira (moçambique)

conquistou o prémio **sonap**

vá por mim...

recomendo-lhe óleos de categoria

Companhia Portuguesa de Pesca

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL: ESCUDOS 75 000 000$00

Sede: AVENIDA 24 DE JULHO, 3, 2.º — LISBOA

ASSEMBLEIA-GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Convoco a Assembleia-Geral Ordinária para o dia 27 de Março de 1969, pelas 15 horas, no auditório da Feira das Indústrias de Lisboa, Praça das Indústrias, Junqueira, Lisboa, com a seguinte

ORDEM DO DIA

1.º — Apreciação, discussão e votação do Relatório e Contas do Conselho de Administração, relativos ao ano de 1968 e respectivo Parecer do Conselho Fiscal;

2.º — Eleição para todos os cargos sociais.

Lisboa, 4 de Março de 1969.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

a) *Armando Manuel de Almeida Marques Guedes*

AUTOMOBILISMO

Partem esta noite os concorrentes à Volta a Portugal

Começa esta noite a disputar-se a XX Volta a Portugal em Automóvel, a mais importante das competições que compõem o Campeonato Nacional de Rallyes, e que como de costume é organizada pelo Clube 100 á Hora.

Os 27 inscritos, de que abaixo publicamos a lista, submeterão esta tarde os carros á verificação técnica, das 16 ás 18 h. na Junta de Turismo da Costa do Sol.

Dividida em quatro etapas (Lisboa-Castelo Branco, Castelo Branco-Vila Real, Vila Real-Estoril e Estoril-Estoril) num total de pouco mais de 3000 quilómetros, a Volta deste ano começa, como de costume, por uma etapa fácil. São 1010 quilómetros, com partida do Parque Eduardo VII, seguindo os concorrentes por Sintra (22 h 40) (a Rampa da Pena está incluida no percurso), S. Pedro (22 h 50), Alcoitão, Auto-Estrada do Sul, Setubal (23 h 30), Alcácer do Sal (00 h 50 de amanhã), Grândola, Santiago do Cacém (1 h 30), Cercal, Odemira (2 h 40), Monchique, Porto de Lagos, Silves, Barranco do Velho (4 h 45), S. Brás de Alportel, Vila Rea de St.ª António (6 h 30), Mértola, Beja (8 h 30), Évora (9 h 45), Estremoz (11 h 00), Portalegre (11 h 45), Proença-a-Nova (15 h 50) e Castelo Branco, onde as chegadas se devem começar a verificar amanhã pelas 16 h e 50 m).

São, pode dizer-se, 1010 quilómetros sem dificuldades, já que estas estão concentradas, praticamente, de Castelo Branco a Vila Real, no percurso da segunda etapa.

Lista de concorrentes

1 — Américo Nunes-E. Saraiva (Porsche 911 S) Gr. 3; 2 — N. N.; 3 — N. N.; 4 — P. de Brito-T. Caixinha (NSU TTS) Gr. 2; 5 — J. Barbosa-M. M. Carvalho (A. Cooper); 6 — L. Viçoso-Batalha Almeida (NSU TT) Gr. 1; 7 — Gomes Pereira-F. C. Albino (V. W.) Gr. 5; 8 — C. Melville-Jorge D. Duarte (Porsche 911) Gr. 5; 9 — Lucas Martins-V. L. Martins (NSU TTS) Gr. 2; 10 — Fernando Baptista-Nani (A. Cooper) Gr. 5; 11 — F. Romãozinho-«Jocames» (Citroen) Gr. 2; 12 — Luís Neto-Garcia e Costa (A. Cooper S) Gr. 5; 14 — S. Rebelo-J. M. Nogueira (NSU TT) Gr. 1; 15 — Albio Pinto-Silva Pereira (B. M. W. 2002) Gr. 5; 16 — J. C. Albino-A. R. Magalhães (SAAB V4) Gr. 5; 17 — N. N. 18 — César Torres-Giovanni Salvi (A. Cooper S) Gr. 5; 19 — Listz Melo-Carlos Ferreira (Porsche 912); 20 — N. N.; 21 — Horta e Silva-F. Fonseca (V. W.); 22 — Heitor Morais-José Bernardo (M. Cooper S) Gr. 5; 23 — José Lampreia-J. Nascimento (B. M. W. 2002 TI) Gr. 2; 24 — Passamba-Passanha (Ford Escort); 25 — Fernando Tordo-S. Ferreira (Austin Salon) Gr. 5; 26 — Horácio Santos-Jaime Vieitas (A. Cooper); 27 — L. B. Odendaal-J. Schoonraad (Alfa Romeo 1600) Gr. 1; 28 — N. N.; 29 — J. A. Carvalho-M. Silvério (F. Cortina GT) Gr. 1; 30 — N. N.; 31 — António M. Pilhe-A. A. Leite (B. M. W. 1600) Gr. 1; 32 — António Bastos-José Marçal (Renault Gord.) Gr. 1; 33 — Francisco Santos-A. Morais (Lotus Cortina) Gr. 1; 34 — Hermínio Martins-A. Silva (SAAB V4) Gr. 1.

O cançonetista FERNANDO TORDO entre os participantes

A sr.ª Maria de Jesus

Completa hoje 100 anos

PORTO, 6 — Não fossem o frio e a humidade penetrante que se fazem sentir persistentemente, e a sr.ª Maria de Jesus ter-nos-ia contado, com certeza, alguns factos ou histórias bem interessantes, pois fez hoje cem anos. Ainda muito mexida e de cabeça fresca gosta de falar e contar o que sabe e velhas coisas do seu tempo. Mas o frio e a humidade agravaram-lhe muito a capacidade, já difícil, de ouvir — e isso nos privou de uma saborosa conversa.

A filha, com quem vive, não quer que a mãe saia da cama, enquanto o tempo assim se mantiver, e assim a fomos encontrar.

A sr.ª Maria de Jesus nasceu em Lamego e veio para o Porto com 22 anos. Teve 21 netos e 53 bisnetos. Agora a sua bisneta mais velha tem 28 anos.

A rija anciã ainda vê bem, e consegue coser as suas roupas sem óculos. E quando puxam por ela, gosta de cantar coisas dos seus tempos. Entretem-se muito a olhar e a brincar com um bisneto ainda pequenino, que a entende muito bem. Para nós também cantou o «Lavrador da Arabia», canção popular muito antiga, cujos versos contam o encontro de um lavrador rico com um pobre, a quem dá de comer e guarida — pobre que era Nosso Senhor.

A COMPOSIÇÃO DE «LUUANDA» FOI FEITA NUMA TIPOGRAFIA ONDE PENSAVAM TRATAR-SE DE UMA EDIÇÃO BRASILEIRA

Prosseguiu, esta manhã, no 3.º Juízo Correccional da Boa Hora, o julgamento do processo em que é autor o escritor Luandino Vieira e réus Inocêncio Almeida Araujo, Óscar Pereira Rodrigues, Paulo Tiago de Castro e José António Neves dos Santos.

Trata-se da edição da colectanea de contos intitulada «Luuanda», posta á venda em 1965, sem autorização do autor.

Em audiência presidida pelo juiz dr. Augusto Almeida e Silva, depuzeram, abonando o bom comportamento do réu (parte cível) Neves dos Santos, bem como a sua não responsabilidade na contrafacção da obra, os srs. João Costa Caldeira, José Miguel Balão, Manuel Rodrigues e Joaquim Machado Martins, todos empregados da Tipografia Gomes & Rodrigues, Lda., onde a edição clandestina de «Luuanda» foi composta. Neves dos Santos, no dizer de todos, tinha função de mero empregado de escritório, estabelecendo orçamentos.

Alguns dos declarantes disseram que estavam persuadidos de se tratar de uma edição brasileira não contrafeita.

ALTERAÇÃO DE TARIFAS nas carreiras de autocarros da empresa Barraqueiro

Serão da ordem média de dez por cento os aumentos de tarifas já autorizados e que a empresa Barraqueiro, Lda., vai pôr em prática, a partir do próximo dia 15, nas suas nove carreiras que servem uma vasta área dos arredores de Lisboa, nomeadamente Odivelas, Caneças e Pontinha.

Embora seja de treze por cento o limite autorizado para os aumentos, verifica-se que, por força da extinção de tarifas com centavos, baixam de preço alguns percursos intermédios, em virtude de serem os arredondamentos feitos para as décimas mais proximas. Verificar-se-ão, por exemplo, aumentos de $70 nos bilhetes de carreiras entre Caneças e Lisboa (de 5$30 para 6$00) e de $40 entre Odivelas e Lisboa (de 3$60 para 4$00), enquanto os bilhetes de 2$10 (ainda a título de exemplo) baixam para 2$00. Noutros percursos, são mantidos os preços actuais: entre o Bairro de Santa Maria e a Pontinha, por exemplo.

Segundo informação da gerência da empresa, manter-se-ão as três ligações com o Metropolitano estabelecidas em Outubro de 1966: em Sete Rios, para a carreira Paiã-Lisboa, e em Entrecampos, para os percursos entre Caneças ou Montemor e a capital.

Trata-se do segundo aumento autorizado nos últimos 36 anos, pois o anterior verificou-se em 1966 e o antepenúltimo em 1933 — informam os gerentes da Arboricultora.

AINDA O SISMO

Para os beneficiários da Previdência o mesmo regime de protecção concedido em Novembro de 1967

Foi concedido aos beneficiários da Previdência atingidos pelas consequências do abalo de sexta-feira o mesmo regime de protecção elaborado em Novembro de 1967 para os sinistrados das inundações.

Esse regime prevê as seguintes alíneas:

1) — preferência aos desalojados na ocupação de casas de renda económica disponíveis nas zonas atingidas;

2) — concessão de eventuais subsídios de renda durante um, dois ou três meses, consoante os casos, no quantitativo de 1000$00 ou 500$00 mensais, respectivamente a beneficiários com ou sem familiares a cargo, destinados a alojamento provisório dos mesmos, sem prejuízo do pagamento por uma só vez de dois meses de subsídio, quando tal se torne necessário para a celebração do contrato de arrendamento;

3) — concessão aos beneficiários que disponham de casa própria e que tenha sido danificada, de empréstimos, a seu pedido, para beneficiação, no montante total do respectivo custo, observados os restantes termos legais e regulamentares.

4) — concessão aos beneficiários que, não dispondo de casa própria, a desejem adquirir, de empréstimos para aquisição ou construção, pela totalidade do seu custo, observados também os demais termos legais e regulamentares. Tanto na hipótese de benfeitorias como na de aquisição, as quantias correspondentes, respectivamente, ás percentagens de 30 e 20 por cento, que excedam o limite legal máximo dos mencionados empréstimos, ficarão a cargo dos Fundos de Assistência das correspondentes Caixas de Previdência, sendo amortizados, sem juro, nos prazos que forem fixados para a parte restante;

5) — atribuição de subsídios de desemprego aos trabalhadores (nos termos usuais para o desemprego colectivo) que tenham sido forçados a paralisar a sua actividade em virtude do abalo telúrico, por destruição ou danificação das instalações onde trabalhavam.

Para o efeito de atribuição dos referidos auxílios e subsídios devem os interessados dirigir-se ás Caixas de Previdência, Serviço Nacional de Emprego e Delegações do I. N. T. P. das respectivas áreas.

Admitido o aperfeiçoamento da legislação vigente

Proveniente do gabinete do ministro das Obras Públicas, recebemos entretanto o seguinte comunicado:

«Como é do conhecimento público o projecto das construções e nomeadamente dos edifícios no que respeita á sua resistência á acção dos sismos deve satisfazer o especificado no Decreto 41 658 de 31 de Maio de 1958 (Regulamento de Segurança das construções contra os Sismos), e bem assim no Decreto 44 041, de 18 de Dezembro de 1961 (Regulamento de Solicitações em Edifícios e Pontes). A verificação recente de um sismo intenso veio mais uma vez chamar a atenção para a obrigatoriedade da estrita observância da regulamentação referida, obtendo-se assim a conveniente salvaguarda de pessoas e bens.

Está o Ministério das Obras Públicas empregando todos os esforços, por intermédio dos seus órgãos competentes nomeadamente o Laboratório Nacional de Engenharia Civil, em colaboração com os departamentos de outros Ministérios, em especial o Serviço Meteorológico Nacional, no sentido de averiguar o comportamento de edifícios e outras estruturas sob o efeito do recente sismo. Tais estudos destinam-se principalmente a um futuro aperfeiçoamento da legislação vigente No entanto, a partir dos elementos já disponíveis, pode afirmar-se que a legislação actual é adequada e confere segurança satisfatória ás construções.

Os danos verificados em numerosos edifícios nomeadamente na região do Algarve conduziram em muitos casos a uma considerável redução de capacidade resistente O Ministério das Obras Públicas chama pois a atenção para a necessidade de a reconstrução destes edifícios ser feita de modo a garantir níveis de segurança satisfatórios para acções sísmicas futuras, o que será conseguido respeitando as directrizes gerais relativas a disposições construtivas especificadas no Regulamento de Segurança das Construções contra os Sismos.»

Acção de graças

«Um hino de acção de graças ao Senhor pela protecção dispensada no dia 28 de Fevereiro á nossa cidade»: assim chamou o director das Oficinas de S. José á missa que será rezada hoje (19 e 30) na igreja de Nossa Senhore Auxiliadora dos Prazeres e para a qual são convidados todos os paroquianos.

Às 22 horas haverá outra missa de acção de graças, esta na igreja dos Jerónimos, por iniciativa dos párocos de Belém e Alcântara. Destina-se a «todos quantos se sintam devedores a Deus por ter poupado os lisboetas, na madrugada do dia 28, a uma grande calamidade».

«Os sismos têm também origem cósmica»

Os sismos têm também uma origem cósmica? Esta é a convicção de um nosso leitor, engenheiro de minas (peço o obséquio de a indicação do nome ser limitada ás minhas iniciais, H. V.) residente em Lisboa, que nos escreveu a seguinte carta a propósito do problema:

«Os elementos sobre «Tremores de Terra» publicados no suplemento «Ciência» — N.º 192 — do «Diário de Lisboa» de 4 do corrente, dada a sua oportunidade, revestem-se de grande interesse informativo, particularmente louvável.

Dentro de tais objectivos, parece-me útil assinalar que, além dos fenómenos luminosos e sonoros de que os sismos são acompanhados e devidamente referidos nessa publicação, existe ainda uma outra categoria de «fenómenos» que convém igualmente apontar, embora ainda sejam mal conhecidos e muito menos explicados Trata-se dos «sinais» de inquietação e alarme dados por muitos animais á aproximação de alguns sismos, e também dos «efeitos psíquicos (angústia, insónias, etc.) dessa aproximação sobre algumas pessoas.

Estas manifestações, e algumas outras da física terrestre e celeste (anomalias gravimétricas e magnéticas, perturbações meteorológicas, etc.), talvez permitam concluir, dentro de algum tempo, que além das causas terrestres dos sismos outras haverá também, de origem cósmica, como creio firmemente.

Esta hipótese merece divulgação, pela possibilidade de interessar eventuais observadores que pelo seu número e distribuição, darão importante contributo aos peritos e laboriosas investigações dos cientistas empenhados em desvendar os complexos segredos do mundo em que vivemos»

NOVA «RÉPLICA» ONTEM À NOITE

O sismógrafo do Instituto Geofísico da Universidade do Porto, instalado na serra do Pilar, registou ontem, á noite (20 h., 43 m. e 9 s.) a última «réplica», conhecida até ao momento do sismo de sexta-feira. Foi um curto abalo do grau 1, com epicentro localizado 450 km a Sudoeste, e passou praticamente despercebido

Muita gente «sentiu» novos abalos depois da meia-noite, designadamente um cerca das 5 e 30. Mas o facto é que os sismografos não o registaram, segundo apurámos junto daquele Instituto Geofísico e também do seu congénere de Lisboa (Instituto Geofísico D. Luís, da Faculdade de Ciências).

Há cinco anos a terra tremeu 500 vezes nos Açores

A crise sísmica de Fevereiro de 1964 nos Açores foi ontem evocada pelo dr Vítor Hugo Forjaz na Faculdade de Ciências de Lisboa.

Entre os dados fornecidos durante o colóquio pelo jovem investigador figura este, puramente quantitativo mas de qualquer modo impressionante, há cinco anos a terra tremeu mais de 500 vezes no arquipélago.

Professores e muitos alunos participaram no colóquio, enchendo de alto a baixo o anfiteatro de Mineralogia Tema: «Geologia da Ilha de S. Jorge» Em foco o grande interesse científico dos Açores, arquipélago que forma, juntamente com a Madeira e Canárias, um importante grupo vulcânico.

«Fumarolas» constantes e sérias de erupções submarinas e terrestres são o quadro sísmico açoriano, cujo período histórico logo em 1439 registou um abalo muito forte. Outros fenómenos de vulto referidos pelo investigador foram as erupções de 1580 e 1808, o sismo de 1757, que matou 20 por cento da população de S. Jorge, e a crise de 1964 com pequenos abalos iniciais de grau 6 (15 a 17 de Fevereiro) e posterior subida de intensidade para o grau 8 (18 de Fevereiro)

A MISSÃO BELGA EM PORTUGAL

Os componentes da missão oficial financeira belga, organizada pelo Ministério do Comércio Exterior daquele país, que, conforme noticiámos, se encontra em Portugal a estudar a possibilidade de grandes empreendimentos e respectivos investimentos financeiros, estiveram, esta manhã, na sede do Banco Lisboa & Açores, onde, com os respectivos membros do conselho de administração, tiveram uma prolongada sessão de trabalho. Durante a reunião foram ventilados diversos problemas relacionados com os mercados de capitais em Portugal e as várias formulas de cooperação e investimentos de capitais belgas no nosso País.

Terminados os trabalhos, os componentes da missão belga foram obsequiados com um almoço oferecido pela administração daquele estabelecimento bancário que decorreu em Azeitão.

ECOS

VERIFICOU-SE no Chile um nítido recuo da democracia cristã nas eleições legislativas, em favor dos partidos socialista e comunista e também do partido da extrema-direita, denominado «nacional», que obteve considerável número de sufrágios. Daqui se pode inferir que a solução conciliatória tentada por Eduardo Frey não terá conseguido nem satisfazer as massas (a margem de 42 por cento de votos obtida em 1965 baixou para 30 por cento) nem contentar o patronato terratenente. A vitória dos partidos populares parece corresponder a um desmoronamento da ala esquerda da democracia cristã, que censura ao Governo a sua lentidão e falta de entusiasmo no cumprimento da promessa de realização da «revolução em liberdade».

★

A NOMEAÇÃO de um novo governador civil para o Funchal suscitou da parte do «Comércio do Funchal» uma reacção de esperança temperada pelo sentido crítico e pela noção aguda de que o distrito atravessa uma das maiores crises económicas da sua história.

apresenta HOJE em ESTREIA

Karen Kay

VEDETA DA CANÇÃO E DA TV INGLESA

THE KAMAL'S

ORIGINAIS ACROBATAS E FANTASISTAS

ANA HORTENSE

PARIS JAZZ BALLET

UM "COCKTAIL" DE COREOGRAFIA MODERNA

JIRINA'S COMBO OS "SHEIKS"

JORGE COSTA PINTO E SUA ORQUESTRA

no grande salão restaurante às 23 30h m/17 anos — no wonder bar à 1 00h m/21 anos

No CINEMA às 17 e 21.30 h.

A COMEMORAÇÃO EM VISEU DO CENTENÁRIO DE GAGO COUTINHO

VISEU, 6 — Na reunião do Clube Rotário desta cidade, sob a presidência do sr. Manuel José Alexandre, foi prestada homenagem à memória de Gago Coutinho, assinalando o centenário do nascimento do sábio almirante, evocado pelo antigo governador do Distrito Rotário Português sr. comandante Teixeira Bastos, que do Clube de Almada aqui veio propositadamente.

O orador, num estudo pleno de interesse, falando do sábio glorioso descreveu o homem, o cientista, o marinheiro, o aviador, o geómetra — grande português, a todos os títulos.

A conferência, notável sob muitos aspectos e ouvida atentamente, constituiu contributo honroso do Clube Rotário de Viseu à memória de Gago Coutinho.

SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO

Foram eleitos os corpos gerentes do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, os quais ficaram assim constituídos:

Assembleia geral — Presidente, Jaime Franco; vice-presidente, dr. Álvaro Vieira Botão; 1.º secretário, João de Sousa Pitta Castelejo e 2.º secretário, Hermínio de Ferreira Nunes.

Direcção — Álvaro de Campos Marçal, João António Pacheco Pereira Coutinho, José Leonardo de Melo de Queirós da Fonseca e Rogério Mendes Romão Vieira.

A parte superior da estátua equestre de D. João I, ainda em barro. À esquerda, no escadote, mestre Leopoldo de Almeida dá os ultimos retoques no manto real

A estátua de D. João I para a Praça da Figueira

No «atelier» do estatuário Leopoldo de Almeida, em Belém, está a nascer o rei de Boa Memória para a Praça da Figueira. E' uma escultura ao mesmo tempo forte e decorativa a estátua equestre do Mestre de Avis, tal como a vimos já no barro.

Numa visita á oficina de onde têm saído tantas e tantas estátuas, bustos, medalhas, monumentos, fomos surpreender mestre Leopoldo de Almeida a dar os últimos retoques na figura de D. João I, enquanto ao lado se vai erguendo a estrutura para a modelação da montada. E' o trabalho constante, sem repouso.

A estátua equestre

O escultor modela a estátua equestre em dois blocos. O bloco cimeiro, corpo do soberano, está práticamente concluído. O rei é apresentado com elmo emplumado, levantada a viseira, de forma a deixar ver os traços do rosto calculista e firme ao mesmo tempo. Lábios grossos e sensuais, queixo de teimoso que sabia dizer não e fincar-se naquilo que decidira. Ambicioso também e capaz de conciliar em seu proveito, rivalidades e divergências como as de Nun'Álvares e João das Regras.

Nos cavaletes e mesas do «atelier» vemos a reprodução em gesso da cabeça da estátua jacente da Batalha, e livros com os retratos conhecidos do rei. São elementos imprescindíveis de trabalho para a reconstituição da personalidade.

Sobre a armadura, que deixa adivinhar o corpo musculado de quem se habituara de pequeno á luta e aos exercícios físicos violentos, o manto real bordado vai cair em pregas largas sobre a montada. O frontal com os castelos, as quinas e a cruz de Avis cobre todo o peito e desce sobre a sela.

A mão esquerda sustentará as rédeas que o escultor não modelou ainda, e a direita o cetro.

A escala da figura do soberano pode medir-se pela figura do escultor Leopoldo de Almeida, a retocar a parte superior do manto.

A figura de D. João I será, dentro de semanas passada a gesso, enquanto o escultor começa a modelar o cavalo sobre que irá fincar-se o corpo do rei.

Entretanto sabemos que o pedestal já foi desenhado pelo arquitecto Jorge Segurado, condizendo com o ambiente pombalino da praça a que se destina. A maqueta do pedestal apresenta-se em linhas regulares, mas redondas á frente e á retaguarda. Diferente daquele que Jorge Segurado desenhou para o Condestável, no terreiro da Batalha.

Os trabalhos do escultor, até dar por finda esta obra demoram ainda largos meses.

Como se sabe, o conjunto da estátua dá-nos o rei na força dos trinta anos. Mais decorativa do que a Condestável que Leopoldo de Almeida modelou também, não tem os rompantes guerreiros daquela; mas é um homem de guerra que o escultor nos deu. Mas um homem de guerra em parada. É o combatente, mas também e sobretudo o soberano.

600 EMPRESAS PORTUGUESAS TÊM CAPITAL ESTRANGEIRO

— SEGUNDO SE AFIRMOU NO COLÓQUIO SOBRE AS RELAÇÕES LUSO-BELGAS

No ambito das comemorações do 50.º aniversário da fundação da Camara do Comércio Belga em Portugal e em colaboração com o Banco Português do Atlantico, iniciou-se esta manhã, no auditório da F. I. L., o primeiro colóquio dedicado aos problemas dos investimentos estrangeiros seguido de uma «mesa-redonda» em que foram analisados e debatidos os problemas inerentes ás relações económicas entre a Bélgica e Portugal.

Estes colóquios com a Camara do Comércio Belga em Portugal englobam duas sessões nas manhãs de hoje e de amanhã, tendo sido apresentadas na primeira dois trabalhos da autoria da dr.ª Isaura Simões, assistente do Gabinete de Estudos Económicos do Banco Português do Atlantico, e do prof. doutor Jean Blondeel, da Universidade de Gand e Presidente do Kredietbank, subordinados respectivamente aos temas: «As formas de cooperação industrial entre a Bélgica e Portugal» e «O mercado de capitais europeus».

Abriu a sessão, o sr. eng.º Emanuel Michez, presidente da Camara de Comércio Belga, que começou por se referir aos objectivos destes colóquios e ao espirito com que se integram nas comemorações do Cinquentenário da Camara de Comércio Belga, agradecendo, seguidamente, ao Banco Português do Atlantico toda a colaboração recebida para a concretização desta parte do programa integrado nas festividades com que a Camara de Comércio Belga pretendia assinalar uma data tão significativa.

Usou então da palavra o sr. eng.º Saraiva e Sousa, administrador daquela instituição de crédito, que agradeceu as palavras proferidas pelo sr. eng.º Michez e afirmou ser com o mais sincero jubilo que o Banco Português do Atlantico se associava ás comemorações do 50.º aniversário da Camara do Comércio Belga, atendendo não só ás tradicionais relações existentes, mas também pelo facto de o Banco Português do Atlantico, sempre atento aos grandes problemas da economia nacional, colaborar com o mais vivo interesse em todas as iniciativas que visem promover e incentivar a expansão da economia portuguesa.

Referiu-se ainda o orador ao facto de o Banco Português do Atlantico comemorar também este ano as suas bodas de ouro.

Passando á ordem dos trabalhos, a dr.ª Isaura Simões dissertou sobre o tema «As Formas de cooperação Industrial entre a Bélgica e Portugal».

Referiu-se, em seguida, a dr.ª Isaura Simões ao facto de em Portugal se ter registado, nos ultimos anos, uma intensificação do investimento estrangeiro, existindo actualmente no nosso País cerca de 600 empresas portuguesas com participação de capital de outros países, sendo cerca de 50 as que possuem participação de capitais belgas. Afirmou, a propósito, a oradora, que a actividade dessas empresas se desenvolve especialmente nos sectores do Comércio, Transportes e Turismo, Indústrias Químicas e derivadas de petróleo e matérias plásticas.

O prof. dr. Jean Blondel falou então sobre o tema «O mercado de capitais europeus».

No final da sessão, efectuou-se a «mesa redonda», nela sendo debatidos os problemas anteriormente tratados. Nela intervieram o dr. Xavier Pintado, director do Gabinete de Estudos Económicos do Banco Português do Atlântico, o eng. Beaten, administrador da Camara do Comércio Belga e eng. Polakoff, director-geral da Realimo; e outras individualidades ligadas aos meios industriais e comerciais.

Torre de Babel

por João Medina

Uma história suíça: O PARADOXO

Era em Genebra, em Maio, no «jardin anglais», à beira do lago Léman. Era em Maio e todo o jardim estava bordado de tulipas de todas as cores. Uma velha senhora carregada de embrulhos caminhava lentamente pelo cais e o olhar dela ia dos canteiros de tulipas para as águas do lago e das águas para as tulipas. Junto dum canteiro coberto de flores amarelas, tão amarelas que podiam ser transplantadas para o lugar supraceleste de Platão e ali figurarem de Ideia de Amarelo, a velha senhora parou, olhou em redor e, depois de escolher um banco, dirigiu-se para ele.

Era em Maio, em Genebra, no «jardin anglais», junto do lago Léman. A senhora sentara-se e, depois de poisar com cuidado os embrulhos, ajeitou os óculos e olhou para o repuxo emblemático da cidade, posto o que se pôs a considerar o vizinho de banco. Era um negro ainda jovem, robusto, bem vestido e de expressão um tanto melancólica. Sem reparar na velha senhora, o negro olhava abstractamente o lago, ao mesmo tempo que chupava um resto de cigarro. A velha senhora notou todos estes pormenores com satisfação e sentido helvético, comprazendo-se no facto de o africano envergar roupa de boa qualidade, camisa limpa de popelina, sapatos de pele de crocodilo, bem como no detalhe de o cigarro do jovem ter ponta de filtro. Um negro janota, educado, talvez mesmo um diplomata — pensou a velha senhora suíça.

Era em Maio, em Genebra, junto ao lago Léman, num banco do «jardin anglais». Uma velha senhora observara um negro que, sem se saber estudado com tão helvético zelo, mirara sem ver as águas translúcidas do lago e fumava distraído um resto de Craven A. Estava um dia límpido, um soberbo dia de Primavera, um dia perfeito, tão perfeito que parecia ter sido tirado a «off-set» numa oficina gráfica suíça. E as tulipas tinham por todo o lado um viço, uma novidade de colorido e uma nitidez que lembravam as primeiras flores que tivessem florido na aurora do Mundo, quando os rios eram ainda linfa pura não contaminada pelos detritos industriais e o ar da manhã uma brisa perfumada que as fábricas não tinham empestado. Era um dia tão primaverilmente perfeito que o repuxo da baía de Genebra parecia ter sido inscrito na atmosfera pelo pincel suavíssimo dum aguarelista suíço. Era um dia tão perfeito que a velha senhora sentada ao lado daquele negro num banco do «jardin anglais» começou a sentir ternura pelo universo.

Era em Maio, em Genebra, num jardim à beira do lago Léman. E a velha senhora, sentindo derramar-se na alma um bálsamo maravilhoso de enternecimento e simpatia cósmica, olhando aquelas águas tão puras e aquele céu tão imaculado e suíço, pensando na solidão daquele negro ali sentado, melancólico e ausente, sem participar na harmonia e na beleza universais, a velha senhora, a alma inundada de compaixão maternal, quis comunicar ao vizinho de banco a bondade que a enchia. Transbordando de ternura, virou-se para o africano e disse-lhe:

— O senhor não é daqui, pois não?

E o negro, acordando do seu cismar, respondeu:

— Não, não sou daqui. Sou de Lausanne.

Strasbourg, Março de 1969.

NOVO EQUIPAMENTO DE CÁLCULO AUTOMÁTICO (O MAIOR DO PAÍS) À DISPOSIÇÃO DOS INVESTIGADORES NA FUNDAÇÃO GULBENKIAN

A Fundação Calouste Gulbenkian, a quem o País tanto deve, por inumeras iniciativas e em multiplos sectores, em especial nos domínios do fomento cultural e científico, vai agora ampliar, consideràvelmente, as possibilidades de trabalho do seu Centro de Cálculo Científico, para o que decidiu adquirir um computador NCR — ELLIOTT 4100 que ficará sendo o mais potente instalado em Portugal.

O contrato já foi assinado, na própria sede da Fundação, pelo seu administrador sr. prof. eng.º Francisco de Paula Leite Pinto, e pelos srs. drs. João Folque e Jorge Moreira, administradores da entidade fornecedora, a N. C. R (The National Cash Register Company of Portugal), esperando-se que a entrega se realize dentro de poucos meses.

O Centro de Cálculo Científico não realiza, apenas, a sua própria actividade de investigação; apoia, também, outros centros de pesquisa da Gulbenkian, e, sem fins lucrativos, muitas instituições científicas externas e, até mesmo, investigadores independentes.

Com o novo computador NCR — ELLIOTT 4100, que constitui um poderoso equipamento, a Fundação Gulbenkian ficará apta a ampliar grandemente o seu apoio externo e a melhorar as condições em que prosseguirá o seu próprio trabalho. Por isto, não será excessivo considerar que o acontecimento se reveste de verdadeira importancia nacional.

FILGRÁFICA

- UM GRANDE SALÃO INTERNACIONAL DE EDIÇÕES E MATERIAL GRÁFICO
- UMA DEMONSTRAÇÃO DE UTILIDADE PARA OS TÉCNICOS
- UMA EXPRESSIVA EXIBIÇÃO PARA O PÚBLICO

HORÁRIO de hoje e amanhã Das 16 às 23 horas

NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

GRIPE

AOS PRIMEIROS SINAIS 1-2 COMPRIMIDOS DE NEO-BÊPROL

PARA UMA RAPIDA MELHORIA DOS SINTOMAS

CHOCOLATES TÁGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

A TRADIÇÃO DA OURIVESARIA NACIONAL É DE PROBIDADE E DE COMPETÊNCIA

A

Ourivesaria da GUIA

EM QUASE CEM ANOS DE EXISTÊNCIA AJUDOU A CONSTRUIR E A MANTER ESTA TRADIÇÃO

RUA D. DUARTE, 13 (Edifício do Hotel Mundial)

O DIA DE AMANHÃ NINGUÉM O VIU
UMA JOIA É SEMPRE UM VALOR
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CARMEN ELIZABETH MODAS

apresentam a sua colecção de Modelos de Primavera e Verão, na próxima 2.ª-feira, dia 10, pelas 15 horas, no Hotel Ritz.

CHAPÉUS DE LAURA SOBRAL

Penteados de AFONSO GARCIA — Locução de MARIA LEONOR

Entrada rigorosamente por convite ★ marcação de mesas pelos telefones 762261 - 766449

LINHOS

BRANCOS E DE CÔR
CAMBRAIAS DE LINHO
HOLANDAS DE LINHO

LINHOS CRUS PARA APLICAÇÃO DE RENDAS PARA BORDAR A PONTO DE CRUZ

LINHOS PARA FATOS
ESTOPAS DE LINHO
TOALHAS DE LINHO
GUARDANAPOS DE LINHO
TOALHETES DE LINHO
LENÇOS DE LINHO
LINHO PARA ESTOFOS

O MAIOR SORTIDO DE LISBOA

CASA DOS PANOS

R. DE S. JULIÃO-ESQUINA DA R. DOS FANQUEIROS

Actualidade internacional

Foguetões contra Saigão

Quarto bombardeamento em doze dias

SAIGÃO, 6 — (A. N. I. e R.) — Guerrilheiros do Vietcong dispararam, ás primeiras horas de hoje, sete foguetões contra esta capital, matando 22 pessoas e ferindo mais 50 — revelou um informador da Policia.

Um dos foguetões, que caiu na área densamente habitada das docas, matou 16 homens, mulheres e crianças, incluindo uma familia de quatro pessoas. Cinco outros membros da mesma familia ficaram feridos - acrescentou o informador.

Registaram-se até agora quatro ataques com foguetões contra Saigão desde que o Vietcong desencadeou há doze dias a sua ultima ofensiva.

Este novo bombardeamento á capital verificou-se menos de 24 horas depois de o presidente Nixon ter advertido a F. N. L. e o Vietnam do Norte que os aliados dariam «resposta adequada» se os ataques a centros populacionais do Vietnam do Sul não cessassem.

Posteriormente, a Policia informou terem morrido, pelo menos, três civis e ficado feridos mais seis em consequência do ataque.

O bombardeamento registou-se apenas algumas horas antes do secretário da Defesa americano, Melvin Laird, ser esperado em Saigão para avaliar a situação local.

Um dos quatro foguetões caiu no pequeno terraço de cimento de uma casa numa travessa perto das docas do rio Saigão. Morreram duas pessoas e uma ficou ferida em consequência da destruição da casa.

Uma terceira pessoa perdeu a vida quando outro foguetão caiu num armazém na área das docas e destruiu 20 automóveis americanos novos, que aguardavam distribuição.

O ataque com foguetões ocorreu quando o recolher obrigatório desde a meia-noite até ás seis horas terminou e as pessoas começavam a dirigir-se para o trabalho.

Baixas americanas

SAIGÃO, 6 — (R.) A semana passada as tropas americanas no Vietnam tiveram 453 mortos em combate.

Este número é o máximo a seguir á ofensiva de Maio do ano passado em que morreram 562 soldados americanos numa semana.

Um informador militar americano anunciou que durante a semana que terminou em 1 de Maio foram feridos 2503 americanos.

As baixas governamentais foram também elevadas, com 521 mortos.

Paris — capital da amabilidade

PARIS, 6 — (F. P.) — A cidade de Paris foi classificada de «capital da amabilidade» por uma maioria de 88 por cento dos jornalistas que acompanharam o presidente Nixon na sua viagem pela Europa.

Esta é uma das sondagens efectuadas por uma organização especializada, a pedido do comissariado-geral do turismo francês.

Segundo esta sondagem, 85 por cento dos jornalistas declararam que a melhor recordação da sua viagem á Europa foi a estadia em Paris, e 80 por cento disseram que tinha sido na capital francesa que encontraram a melhor organização de trabalho.

Convidados a designarem a cidade que lhes parecera mais atraente, 72 por cento dos jornalistas responderam que era Paris, 12 por cento Londres, 8 por cento Roma e 8 por cento Bruxelas.

Subida do preço do ouro nos mercados europeus

(Continuação da 1.ª página)

tram-se de novo esta tarde, na primeira série de conversações formais sobre salários desde os acordos do ano passado, durante a crise de Maio-Junho.

Os sindicatos estão a pedir aumentos de até 12 por cento, baseados principalmente no aumento do custo de vida. Contudo, as suas reclamações estão a deparar com resistência enérgica por parte do ministro dos Assuntos Sociais, Maurice Schumann, que insiste em que o poder de compra da classe trabalhadora francesa registou um aumento liquido de 9 por cento em 1968.

Quando as negociações sobre salários chegaram ontem a um beco sem saida, anunciou-se que o valor do franco descera nos mercados estrangeiros e que o Banco de França estava a apoiar a sua moeda em Zurique.

SUBIDA DO PREÇO DO OURO

Ao mesmo tempo, o preço do ouro francês atingiu a média mais alta registada desde há 21 anos. Outras subidas acentuadas foram anunciadas em Londres e Zurique, dando origem a duvidas, não só acerca do franco, mas da própria estrutura monetária internacional.

As especulações de ordem monetária aumentaram com as ameaças sindicais de «protestos vigorosos», se as conversações sobre salários não produzirem qualquer resultados concretos, e com o aviso do ministro francês da Informação de que uma concessão por parte do Governo ás reivindicações, obrigaria á desvalorização do franco.

GREVES EM TODO O PAIS

Entretanto, a agitação social em França continua a crescer. Uma série de greves em todo o pais fez com que paralisassem fábricas de automóveis e outras.

Alguns lojistas juntaram-se á greve, fechando ontem os estabelecimentos durante cinco horas como protesto contra o aumento de impostos, nos termos das medidas governamentais para evitar a desvalorização, a seguir á crise monetária de Novembro.

Negociantes, furiosos, apedrejaram os armazéns de Paris que ignoraram o protesto contra os impostos e permaneceram abertos. A noite passada, a pequena Federação de Artifícies e Negociantes pediu uma greve de 24 horas para 12 de Março.

O presidente Macias tornou-se o homem forte da Guiné Equatorial

MADRID, 6 — (F. P. e R.) — O presidente Francisco Macias da Guiné Equatorial domina completamente o pais, após fazer gorar uma tentativa de golpe de Estado pelo seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Atanasia Ndongo, segundo revelaram hoje fontes bem informadas desta capital.

O malogro do golpe de Estado faz do presidente o homem forte da Guiné Equatorial.

Poucos pormenores se conhecem, mas as mesmas fontes disseram que o presidente assumira as pastas dos Negócios Estrangeiros e da Defesa. Presume-se que o ministro Atanasia Ndongo se encontre detido.

Ndongo fora um dos rivais de Macias na eleição presidencial de 2 de Outubro passado, apesar de depois ter sido incluido no Governo da Guiné Equatorial. Em Madrid, dizia-se recentemente que os dois homens tinham opiniões diferentes quanto ao conflito com a Espanha.

A intentona de ontem seguiu-se aparentemente a um êxodo em massa de cidadãos espanhóis da provincia continental de Rio Muni, provocado por manifestações antiespanholas que ali ocorreram na semana passada.

Os disturbios seguiram-se a uma série de discursos violentamente antiespanhóis pronunciados pelo presidente Macias no mês de Fevereiro.

Na ultima semana, quando o Consulado espanhol em Bata, a capital provincial, se recusou a reduzir o numero de bandeiras espanholas hasteadas no edificio, o presidente enviou guardas nacionais «para as arriar».

O embaixador espanhol, afastado posteriormente a pedido da Guiné, ordenou a intervenção dos 260 guardas civis espanhóis estacionados no território e seguiram-se, então, os disturbios em que foi morto um espanhol e queimadas bandeiras de Espanha.

O presidente ordenou que as tropas regressassem aos seus aquartelamentos e exigiu a sua evacuação.

Mais de mil espanhóis têm partido, desde então de Rio Muni.

DECRETADO O RECOLHER

Entretanto foi decretado, ontem ás 18 horas, o recolher em Santa Isabel, capital da Guiné, na ilha de Fernando Pó.

A Guarda Nacional guineense vigia o aeroporto e as ruas de Santa Isabel. A cidade mostra-se calma. Estão suspensos os direitos de reunião, de associação e de circulação devido ao estado de excepção proclamado em 27 de Fevereiro com a duração de 15 dias.

Não foram autorizados a desembarcar os passageiros e os tripulantes do navio «Ciudad de Bilbao», fundeado na baia. Estariam a bordo deste navio quarenta guardas civis espanhóis.

A IMPORTÂNCIA DE UM NOME:
SIMONE
O VALOR DUMA CANÇÃO:
DESFOLHADA PORTUGUESA
E AINDA: KATHY KIRBY
GRANDE VEDETA DO DISCO
ATRACÇÕES DO
8.º ESPECTÁCULO DE MUSIC-HALL DA EMISSORA NACIONAL
CINEMA TIVOLI—DIA 6—às 18.30 horas
ARTISTAS EXCLUSIVOS DE DISCOS
DECCA
VALENTIM DE CARVALHO
COMERCIO E INDÚSTRIA, S.A.R.L.

A conhecida artista espanhola Marisol tal como aparece num filme a entrar brevemente em Madrid

PREVISTO PARA AMANHÃ O VOO AUTÓNOMO DO «MÓDULO LUNAR»

(Continuação da 1.ª página)

O director do voo, Eugene Kranz, declarou que a eliminação do passeio no espaço de hoje daria tempo para que algumas das experiências que não foram feitas ontem devido á doença de Schweickart, se realizassem hoje.

Acrescentou que o cancelamento do passeio não afectaria a missão vital de encontro, marcado para amanhã, quando Schweickart e o comandante da nave, James McDivitt, voarem no «módulo lunar» a uma distância de cerca de 95 milhas maritimas da cabine principal e, depois, fizerem novamente a junção com ela.

TRANSMISSÃO PELA TV

Schweickart, preso a uma corda de «nylon», deveria sair da comporta exterior do «módulo lunar» por volta das 17 e 10 h. T. M. G., para regressar até á cabine de comando da «Apolo». Em vez disso, ele e Mcdivitt deixarão a comporta aberta durante um curto periodo, a fim de experimentarem os seus fatos pressurizados. Schweickart envergará um fato especial, pesando cerca de 36 quilos, que será usado na Lua.

A transmissão de Televisão, de 15 minutos, que Schweickart deveria ter feito fora da nave espacial, realizar-se-á agora pouco antes dos astronautas regressarem á cabine principal da «Apolo» através de um túnel de ligação.

A emissão mostrará provàvelmente o interior do «módulo lunar» e o túnel de transferência, assim como a paisagem das janelas da cápsula.

Se Schweickart adoecer novamente, será dificil adiar por mais um dia a experiência do encontro crítico de amanhã. O «módulo lunar» está pronto para ser usado. Vários sistemas foram pressurizados e demoras excessivas poderiam reduzir muitissimo as possibilidades de manobra.

POSIÇÕES EGÍPCIAS BOMBARDEADAS POR ISRAEL

TEL-AVIV, 6 — (R.) — Tropas israelitas estacionadas na margem oriental do canal do Suez bombardearam hoje posições egípcias do outro lado, após novo surto de tiroteio árabe que feriu um soldado israelita.

EXPLOSÃO

JERUSALÉM, 6 — (R.) — Fontes da Policia anunciaram que ficaram hoje feridas duas jovens em consequência de uma explosão num café da Universidade Hebráica.

Conta Universitária
BANCO DO ALENTEJO

MOSHE DAYAN REJEITA NEGOCIAR COM «AL FATAH»

TEL-AVIV, 6 — (F. P.) — «Israel deve agir agora nos novos territórios sob seu domínio, estabelecer colónias agrícolas, integrar a economia dessas regiões (a Cisjordânia e Gaza) na de Israel. Deve duplicar o número dos árabes dessas regiões que trabalham em Israel propriamente dito e melhorar o seu nível de vida» — declarou ontem á noite, em Tel-Aviv, o general Moshe Dayan, ministro da Defesa, perante os membros da Associação Médica de Israel.

O general Dayan prosseguiu: «Os árabes destas regiões (a Cisjordânia e Gaza) deveriam depender menos dos dois países árabes e mais de nós. Devemos modificar a legislação destas regiões, legislação que continua a ser egípcia em Gaza e jordana na Cisjordânia. A sobrevivência destas legislações nessas regiões dá aos árabes que ali vivem a impressão de que a presença de Israel é apenas temporária, ao passo que os laços com os Estados árabes permaneceriam».

A propósito de possíveis negociações de paz, o general Dayan declarou: «Israel não tem por ora nenhum interlocutor válido com quem possa falar de paz. A organização terrorista Al Fatah não é um interlocutor para negociações de paz. Não creio que alguma vez nos possamos entender com eles. É por isso que devemos fixar os nossos objectivos para este período, que não é nem de guerra nem de paz e que poderá durar vinte anos».

Em seguida o general Dayan atacou Pinhas Sapir, secretário-geral do Partido Trabalhista israelita, e a ala esquerda do Mapam, agora aliada ao Partido Trabalhista.

«A minha posição em matéria de segurança e política externa é bem mais próxima da de Menahem Begin (chefe do Partido Nacional da Direita) do que da da ala esquerda do Mapam e de Pinhas Sapir, o qual, no entanto, pertence ao meu Partido).

Não há diferenças fundamentais entre as minhas opiniões e as de Ygal Allon (presidente do conselho interino) — continuou Dayan. — Somos ambos de opinião que se devem criar factos consumados nas regiões dominadas por Israel. Penso, todavia, que Ygal Allon não se mostra suficientemente firme na sua oposição á ala esquerda do Mapam».

«Se a sr.ª Golda Meir me pedir, aceitarei novamente o cargo de ministro da Defesa no Governo que constituir» — esclareceu o general que, a propósito das próximas eleições, disse: «Não compreendo como é que os eleitores podem votar por mim e pela ala esquerda do Mapam na mesma lista».

Os observadores políticos vêem neste discurso do general Dayan a sua entrada em liça para disputar as funções de presidente do Conselho. As suas declarações podem tornar ainda mais difíceis as diligências da sr.ª Golda Meir para formar um novo Gabinete de unidade nacional.

PARTICIPAÇÃO

JERUSALÉM, 6 — (F. P.) — «Nenhuma reunião de dois ou de quatro poderá dar resultados concretos sem a participação das partes directamente interessadas. Eis o que penso dizer em Washington na minha entrevista com o presidente Nixon e o secretário de Estado William Rogers» — declarou ontem Abba Eban, ministro dos Negócios Estrangeiros, numa reunião com a Imprensa.

Walter Annenberg, novo embaixador dos Estados Unidos Annenberg, de 61 anos, é amigo pessoal de Nixon e há muito tempo militante do Partido Republicano

SEGUNDO VOO DO «CONCORDE»

TOULOUSE, 6 — (A. N. I.) — O avião a jacto supersónico anglo-francês «Concorde» faz hoje o seu segundo voo de experiência se o tempo o permitir. As principais manobras a efectuar consistem na recolha do trem de aterragem e na retracção do «nariz» que é baixado quando o avião aterra ou descola para permitir melhor visibilidade ao piloto.

A companhia Sud Aviation, que construiu o avião, espera que a experiência de hoje dure entre 35 a 40 minutos.

No domingo o avião voo apenas durante 28 minutos a 3200 metros de altitude, com o «nariz» e o trem de aterragem baixados. A experiência teve de ser encurtada por causa das condições atmosféricas.

O aparelho pode atingir 2320 quilómetros por hora mas no domingo voou sempre a velocidades subsónicas.

Acção contra o governador do Estado de São Paulo

SÃO PAULO, 6 — (F. P.) — O procurador da República decidiu ontem pôr uma acção em tribunal contra o governador do Estado de São Paulo, Abreu Sodré, e o secretário da segurança pública, Eli Lopez Meirelles, bem como contra os funcionários desse serviço, por responsabilidades, por omissão, nos assassínios cometidos pelo «Esquadrão da Morte».

Esta organização executa sem julgamento os delinquentes que se encontram ainda em liberdade ou os autores de homicídios em assaltos. A opinião pública pensa que os membros do «Esquadrão da Morte» pertencem á Polícia, embora as autoridades tenham negado tal asserção.

E em todo o caso é certo que nos últimos anos esse grupo eliminou, segundo a Imprensa, mais de mil bandidos, sem que os seus elementos tenham sido descobertos.

LADRÕES DE CEMITÉRIOS

SÃO PAULO, 6 — (A. N. I.) — «Fantasminha» e «Seis Dedos» (cujos nomes são, respectivamente, José Moreira e Algemiro Alves de Melo) assaltavam, de noite, os cemitérios para roubarem portas de túmulos, castiçais e peças de prata, que vendiam a ferros-velhos e a lojas de antiguidades. As queixas foram muitas e três polícias passaram a vigiar dia e noite o cemitério do Araca, até que descobriram os meliantes. Os polícias dispararam e os dois penetraram num túmulo, mas uma voz cavernosa perguntou: «Que estão a fazer aqui?»

«Fantasminha» caiu, de susto, e desmaiou, e «Seis Dedos» tremeu, até perceber que a voz cavernosa era a de um vagabundo, que costumava dormir dentro de túmulos. Mas não teve tempo para se recompor: foi preso juntamente com o companheiro.

Cao Ky regressa ao Vietnam

SAIGÃO, 6 — (F. P.) — O vice-presidente Nguyen Cao Ky, coordenador da delegação sul-vietnamiana, nas conversações de Paris, regressa a Saigão amanhã, soube-se de fonte geralmente bem informada.

O general Ky havia deixado Saigão no passado dia 24 de Fevereiro, após o primeiro bombardeamento da cidade e dois dias depois do início da ofensiva geral da F. N. L. e dos norte-vietnamianos. Interrogado á partida pelos jornalistas, disse que se os bombardeamentos continuassem recomendaria ataques de represália do Vietnam do Norte. Disse estar até disposto a pilotar ele próprio um caça bombardeiro para atacar Hanoi.

Oficialmente, a questão do reatamento dos bombardeamentos aéreos do Vietnam do Norte não foi discutida «entre aliados» nem na entrevista que Ky teve em Paris com o presidente Nixon. O general Ky estará, portanto, em Saigão, ao mesmo tempo que o secretário para a Defesa americano, Melvin Laird, cuja chegada está prevista para esta noite. Nas esferas bem informadas salienta-se que terá importantes discussões com altas personalidades vietnamianas e americanas. A missão de Laird, tal como foi definida pelo presidente Nixon, será de analisar a situação militar, especialmente a ofensiva geral do Vietecong e dos norte-vietnamianos, que entrou hoje no seu 12.º dia.

Em MAFRA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no Café e Cervejaria Bolinha Faria, 15-A.

HÁ MAIS DE UM SÉCULO
NOS 4 CANTOS DO MUNDO
PORTO CÁLEM
é preferido pelos apreciadores

CÁLEM VELHO
VIDA NOVA

J. PIMENTA S.A.R.L.

ANDARES

AMADORA
FRENTE À ESTAÇÃO DO C. F. E
REBOLEIRA

PAÇO D'ARCOS
ESPARGAL
LINDA VISTA DO MAR

LINHAS DE SINTRA E CASCAIS
ESPECIALMENTE AMADORA, VENDA NOVA E PAÇO D'ARCOS

Apartamentos Mobilados

190 CONTOS RENDEM-LHE 1.187$50 MENSAIS

Garantido no acto da escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar.
Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente.

ARMAZÉNS E GARAGEM DE RECOLHA
REBOLEIRA E VENDA NOVA — VENDA OU ALUGUER

Só vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização.
Informe-se nos nossos escritórios porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

BANCO DE ANGOLA, S. A. R. L.

De conformidade com o artigo 37.º dos Estatutos, convoco a reunião da Assembleia Geral Ordinária dos Accionistas do Banco de Angola para o dia 26 de Março corrente, na sua Sede, na Rua da Prata, n.º 10, em Lisboa, pelas 11 horas, para:

1.º — Apreciação e votação do Relatório, Contas e Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1968;

2.º — Providenciar sobre o preenchimento das vagas existentes;

3.º — Deliberar sobre a matéria a que se refere o artigo 43.º dos Estatutos.

Lisboa, 5 de Março de 1969

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Pela Fazenda Nacional
António Cândido Mouteira Guerreiro
(Director-Geral da Fazenda Pública)

Campeonato Nacional de Futebol

(1.ª Divisão)

GUIMARÃES-BENFICA

DOMINGO, 16 DE MARÇO

A C. P. organiza, em colaboração com o Sport Lisboa e Benfica, um comboio especial de Lisboa a Guimarães e volta, no dia 16 de Março, por ocasião do desafio de futebol «Guimarães - Benfica» ao preço de 140$00.

HORÁRIO

Partida de Lisboa (Santa Apolónia) ...	1.45 h
Chegada a Guimarães	7.45 h
Partida de Guimarães	18.05 h
Chegada a Lisboa (Santa Apolónia) ...	0.16 h

Bilhetes á venda na Secretaria do «Sport Lisboa e Benfica» e nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia).

DINHEIRO
PROPRIEDADES URBANAS E RÚSTICAS
Juros da lei
RAPIDEZ E SIGILO
SONIPAL

S. R.
Ministério da Economia
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos
ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de LAGOA em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve para o estabelecimento, nas freguesias de Lagoa, de Estombar e de Ferragudo, no concelho de Lagoa, de uma linha aérea a 6 kv com 6281 m. da Subestação de Lagoa ao posto de transformação de Ferragudo-Parchal; Modificação da linha aérea para o posto de transformação da SACOR com o aumento de 15 m. no comprimento, e que passa a derivar do apoio n.º 6 da linha acima referida; Modificação da linha aérea a 6 kv para a Estação Elevatória de Águas de Estombar, com diminuição de 35 m. no comprimento e que passa a derivar do apoio n.º 12 da nova linha acima citada; Linha aérea a 6 kv com 255 m. de comprimento, do apoio n.º 18 da linha Lagoa-Ferragudo ao posto de transformação de Estombar.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

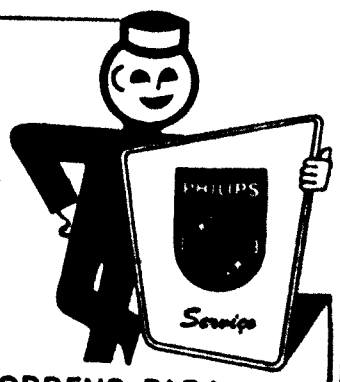
Repartição de Licenciamento, em 28 de Fevereiro de 1969.

Pelo Engenheiro Chefe

Joaquim Gonçalves dos Santos

LUSTRES
de sonho para a sua casa
Fábrica Av. 5 de Outubro 203 r/c., E. — Telefone 77 16 39 (Ao Campo Pequeno)

Serviço PHILIPS



AS SUAS ORDENS PARA:

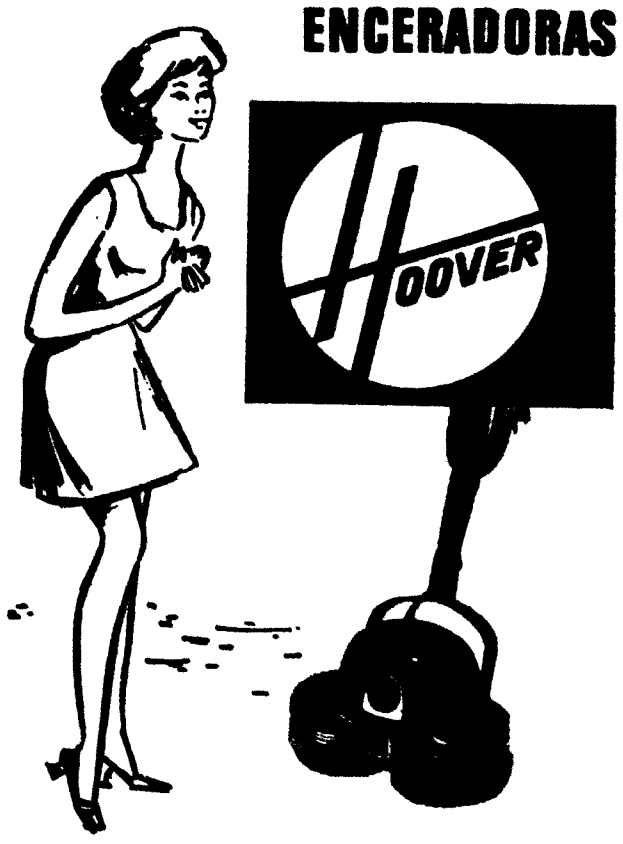
PHILIPS

Montagens de: Auto-Rádios
Venda de: Acessórios
Reparações Rápidas

CENTRO COMERCIAL DOS SERVIÇOS TÉCNICOS DA PHILIPS PORTUGUESA

Avenida Luís Bivar, 85-A
Rua Pinheiro Chagas, 66
Telefone 55 02 00 — LISBOA

ENCERADORAS



Companhia Mineira do Lobito

PRETENDE ADMITIR
PARA AS SUAS ACTIVIDADES EM ANGOLA

— ENGENHEIRO QUÍMICO industrial ou LICENCIADO EM FÍSICO-QUÍMICAS, de preferência com conhecimentos de análises com espectrofotómetro, para chefia de laboratório de análises;

— ENGENHEIROS ou AGENTES TÉCNICOS DE MINAS, com conhecimento de preparação de minérios ou com interesses por este ramo, para laboratório de estudos de ensaios de minérios;

— PREPARADORES para laboratório de ensaios de minérios;

— AGENTES TÉCNICOS DE ELECTRICIDADE E MÁQUINAS para sector de manutenção;

— PROSPECTORES DE MINAS.

— GEÓLOGOS.

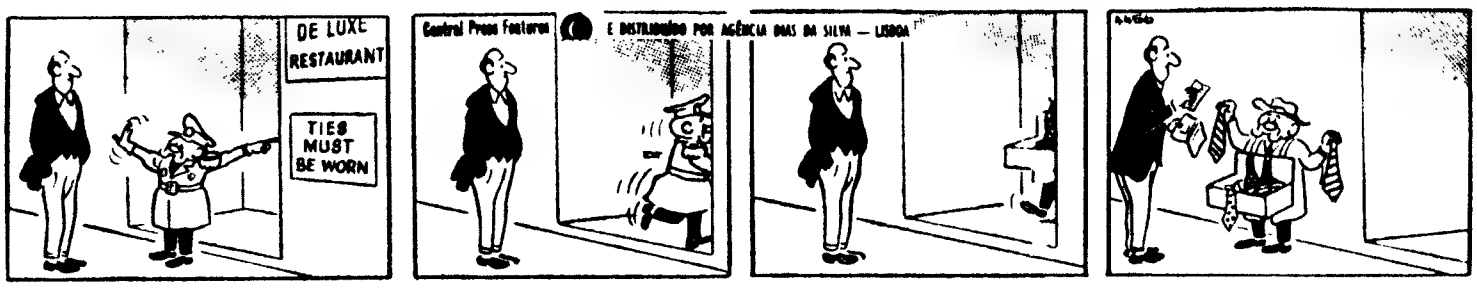
OFERECE BOAS CONDIÇÕES DE REMUNERAÇÃO E VANTAGENS SOCIAIS

Respostas ao Apartado 1388 — LISBOA

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

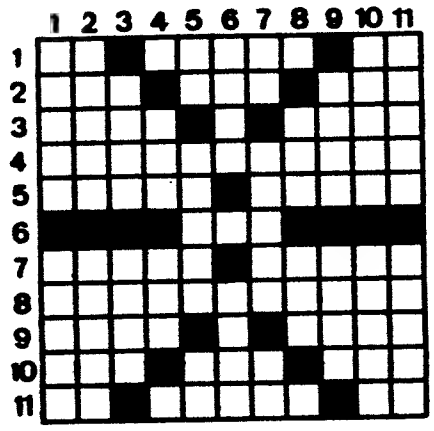
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5108

HORIZONTAIS: 1 — Artigo indefinido. Rio de França. Abreviatura que se usa em música. 2 — Chiste. Eia! Corcovo. 3 — Prendem. Artigo definido. Substância que tinge de azul. 4 — Embeberiam. 5 — Estimara. Planeta que habitamos. 6 — Braço de mar. 7 — Apelido. Tecido transparente de linho ou algodão. 8 — Puniriam. 9 — Homem de baixa estatura. Divindade da índia, deus da justiça e da morte. 10 — Bondoso. Rio da Sibéria. Colocar. 11 — Campeão. Nome de flor. Nota musical.

VERTICAIS: 1 — Empregara. Chego ao fim. 2 — Assassinem. Irmãos. 3 — Ilha do mar da China a O. de Macau. Guarnecem de asas. 4 — Oceano. Sufixo que designa pequenez. 5 — Pronome reflexo. Cura. Sufixo que designa estado. 6 — Aniversário. Louva. 7 — Batráquio. Carrega. Quarto. 8 — Medida de superfície. Apelido. 9 — Ligar. Progenitores (inv.). 10 — Preparar com ópio. Uma das Espórades. 11 — Ilha do grupo das Canárias. Historiador e político italiano que teve papel importante na revolução da Sicília em 1848.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5107

HORIZONTAIS: 1 — MATAR. Maçar. 2 — Avia. Muia. 3 — Lis. Ina. Res. 4 — Ganos. Prata. 5 — Aramo, Airas. 6 — Ehara. 7 — Perna. Anosa. 8 — Areai. Tatas. 9 — Sra. São Eis. 10 — Tatá. PARA. 11 — Araca. Viram.

VERTICAIS: 1 — Maiga. Pasto. 2 — Aviar. Errar. 3 — Tiena. Reata. 4 — Aa. Amena. AC. 5 — Isatais. 6 — In. Au. 7 — Aparato. 8 — Am. Riana. Pi. 9 — CURAR. Olear. 10 — Aleta. Saira. 11 — Rasas. Assam.

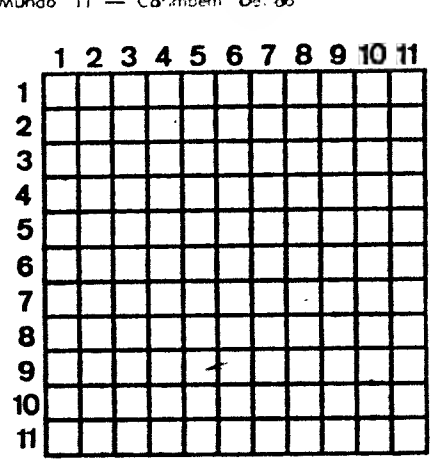
Provérbio: MATAR PARA CURAR.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8951

HORIZONTAIS: 1 — Corporação de pastores de gado transumante. Lavras. 2 — Estimara. Brota. 3 — Rio da Rússia. Enganos. O mais. 4 — Grande quantidade. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia de Águeda. Composição poética. 5 — Substância gordurosa de composição análoga à do éter e do álcool. Estavam. 6 — Guarnecer de asas. Gostas muito de. 7 — Medida de líquidos do Alemanha. 8 — Abreviatura que se usa em música. Árvore leguminosa cultivada em Portugal e também chamada árvore-da-judeia. Viração. 9 — Erva rasteira. Seara madura. 10 — Rebombar. Navegais. (fig.). 11 — Diferente. Nome de homem.

VERTICAIS: 1 — Fundador do islamismo. Cidade de Portugal. 2 — Esbarre. República da América meridional, à beira do Oceano Pacífico. 3 — Saudável. Cabo da costa de Portugal. Rio de França. 4 — O mesmo que três. Nota musical. Vila e concelho do distrito de Aveiro. 5 — Ilha situada no Pequeno Belt. Amofinara. 6 — Víscera dupla. Em partes iguais. 7 — Aniversário. Acariciar. 8 — Freguesia do concelho de Penafiel. Preposição. Elemento que entra em algumas palavras com o significado de ar. 9 — Campeão. Verbal. Figura que simboliza o povo americano. 10 — Erguidas. Uma das partes do Mundo. 11 — Carimbem. Delido.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8950

HORIZONTAIS: 1 — As. Cargo. Mu. 2 — Bagos. Rumam. 3 — Amas. Itaca. 4 — Arse. Toca. 5 — Nua. 6 — És. Altera. Sa. 7 — Saita. Arfar. 8 — Trio. Cair. 9 — Ias. Aam. Ode. 10 — Ni. Marão. Ag. 11 — Óstia. Russa.

VERTICAIS: 1 — Aba. Destino. 2 — Samo. Sarais. 3 — Gare. Lis. 4 — Cas. Ato. Mi. 5 — Assenta. AAA. 6 — Ui. Dar. 7 — Gritora. Mar. 8 — Oito. Arc. Ou. 9 — Maca. Fão. 10 — Maçã. Saídos. 11 — Uma. Carrega.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 6 de Março de 1939 publicava:

«**MADRID, 6 — O Conselho Nacional de Defesa — que se constituiu ontem, à noite, em Madrid — tomou a seu cargo toda a zona leal abandonada à sua sorte pelo Governo Negrín. É assim composto: coronel Casado, chefe do exército do centro, representante do exército especial; Julian Bésteiro, socialista, antigo presidente das Cortes; Wenceslau Carillo, da U. G. T.; Miguel San Andres, da esquerda republicana; Eduardo Vall, da C. N. T.; e Andrés Gonzalez Marin, da C. N. T.**»

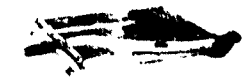
CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto.

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada 64
LISBOA

GUILHOTINAS



DE CORTE LISO E FARPAR FAZEMOS QUALQUER TAMANHO PARA CORTAR CARTÃO, PAPEL, FIBRAS, PLÁSTICOS, ETC.

RUA DA ROSA, 85
TELEF. 34693

YBARRA & C.IA, S.A.

SEVILHA

PARA:

AMÉRICA DO SUL

«CABO SAN VICENTE»	20 de Março	TENERIFE BAHIA RIO DE JANEIRO SANTOS MONTEVIDEO BUENOS AIRES

PARA:

MEDITERRÂNEO

«CABO SAN VICENTE»	19 de Abril	VIGO BARCELONA

OS AGENTES:

Em Lisboa:
AGÊNCIA MARÍTIMA TRANSATLÂNTICA, LDA.
Rua do Alecrim, 20-F, 1.º
Telefone 32 72 64

No Porto:
KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, LDA.
Rua Nova da Alfândega, 12
Telefone 2 84 21

DR. HUMBERTO JOSÉ PACHECO

Os Corpos Gerentes e o Pessoal da Companhia de Seguros OURIQUE mandarão celebrar Missa de sufrágio pelo eterno descanso do Senhor Dr. Humberto José Pacheco, na próxima sexta-feira, 7 do corrente, pelas 12,30 horas, na Igreja da Encarnação (ao Chiado).

Olímpio Jaime Bengala

Missa do 30.º dia e agradecimento

Sua família participa que amanhã, dia 7, será rezada missa de sufrágio pelo seu eterno descanso, pelas 11,30 horas, na Igreja de Santa Isabel, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto e bem assim, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, testemunham por este meio a sua sincera gratidão a todos quantos o acompanharam à sua última morada ou de qualquer maneira manifestaram o seu pesar.

AUGUSTO CAMILO DA SILVA

FALECEU

Sua mulher, filhos, genro, nora, neta e demais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido marido, pai, sogro, avô e parente e que o funeral se realiza, amanhã — dia 7 — pelas 10 horas, da sua residência, Rua da Barroca, n.º 51-4.º —, para o cemitério do Alto de São João.

AGÊNCIA SALGADO da RUA DA ROSA — Telef. 324257

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 3%	523$	522$	524$
Consolidado 3 1/2%	540$	—	540$
Consolidado 2 3/4%	—	640$	[illegible]
Centenários 4%	1 490$	1 490$	1 49[illegible]
Obrigs Tesouro 5%	1 004$	1 003$	1 00[illegible]
Externo 1.ª Série	—	590$	600$
Externo 1.ª Série c.	—	680$	700$
Externo 3.ª Série	—	760$	800$
Externo 3.ª Série c.	830$	880$	900$
Cautelas 3.ª Série	700$	[illegible]	[illegible]

OBRIGAÇÕES	Efec	Compra	Venda
Águas Lisboa 5%	—	476$	47[illegible]
A P I 5% 56	—	930$	950$
A P I 5% 58	—	930$	950$
E P 4 1/2% 65	—	—	910$
E P 5 1/2% 67	—	1 040$	[illegible]
C U F 5%	—	1 020$	[illegible]
C U F 6% 58	—	1 005$	[illegible]
Gás Elect 4% 48	865$	860$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	900$	—
Gás Elect 5% 52	—	901$	—
Gás Elect 5% 58	—	970$	—
Gás Elect 5% 59	—	920$	—
Gás Elect 5% 62	—	915$	—
Gás Elect 5% 63	—	910$	—
Gás Elect 5% 65	—	900$	—
Gás Elect 5% 67	—	1 015$	[illegible]
H E A Alentejo 5%	—	83[illegible]	84[illegible]
H E Cávado 5%	850$	870$	870$
H E Cávado 6%	978$	996$	998$
H E Douro 5%	—	840$	—
H E Douro 6%	—	996$	—
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	1 002$	—
H E Zêzere 5% 55	—	85[illegible]	[illegible]
H E Zêzere 5% 57	—	82[illegible]	—
Lisnave 6%	—	1 007$	—
Metropolitano 4%	—	915$	—
Metropolitano 4 3/4%	—	1 026$	—
Moçambique 5%	—	780$	—
Nac. Electr 5%	860$		[illegible]
Nitratos 5%	—	870$	—
Nitratos 5% 60	—	870$	—
Petroquímica 5%	—	900$	—
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	930$	—
Sacor 5% 60	—	—	955$
Siderurgia 5% 2.ª	—	830$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	825$	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	815$	—
Sonafe 5%	821$	82[illegible]	[illegible]
T A P 4%	—	975$	—
Termoelect Port 5%	—	850$	—
U E P 3 3/4%	81[illegible]	82[illegible]	[illegible]
U E P 4%	82[illegible]	[illegible]	[illegible]
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	[illegible]	[illegible]
U E P 5% 60	840$	830$	—
U E P 5% 63	—	—	—

ACÇÕES

Bancos	Efec	Compra	Venda
Agricultura	[illegible]	[illegible]	[illegible]
Alentejo	66[illegible]	66[illegible]	66[illegible]
Angola	—	1 7[illegible]	1 7[illegible]
Burnay	—	—	
Crédito Predial	—	—	1 5[illegible]
E Santo	—	—	
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S p	13 200$	13 1[illegible]	[illegible]
L G Açores p	—	3 9[illegible]	4 [illegible]
L G Açores n	—		
P Atlântico p	—		
Portugal n	—	2 390$	2 4[illegible]
Portugal p	—		[illegible]
Totta Aliança	—	4 6[illegible]	—
Ultramarino n	1 645$	1 6[illegible]	1 64[illegible]
Ultramarino p	1 54[illegible]	1 840$	[illegible]

Seguros	Efec	Compra	Venda
Alentejo	70$	66$	7[illegible]
Douro	—		[illegible]
Mundial	—	465$	4[illegible]
Sagres	—	1 100$	—
Tranquilidade	—	40 000$	[illegible]
Ultramarina	—	8[illegible]	—

Ultramarinas	Efec	Compra	Venda
Açúcar de Angola	7[illegible]		7[illegible]
Ag Cassequel	—	[illegible]	[illegible]
Ag Incomati	—		—
Ag Neves	—	[illegible]	[illegible]
Ag S Tomé e Príncipe	290$	285$	—
Boror	—	200$	[illegible]
Buzi	66$5	66$	6[illegible]
Cabinda		17[illegible]	[illegible]

Ultramarinas	Efec	Compra	Venda
Diamantes Angola	1 38[illegible]	1 340$	1 385$
H E Revué	590$	585$	595$
Ilha do Príncipe	800$	780$	850$
Moçambique	80$	79$	80$
Sonefe n	—	—	—
Sonefe p	35[illegible]	36[illegible]	365$
Zambézia	53$	52$	53$

C.ias Diversas	Efec	Compra	Venda
[illegible]	—	6 950$	7 000$
Cim Leiria	—	2 500$	2 700$
Cim Tejo	—	3 600$	4 100$
C.a Navegação	675$	—	—
C U F	—	1 030$	—
Ind Aliança	—	—	700$
Nac. Navegação	—	1 740$	—
Petroquímica	—	—	—
Port e Colónias	—	1 230$	[illegible]
Port Celulose	—	—	3 300$
Port Pesca	—	650$	700$
Port Tabacos	500$	500$	504$
Sacor	4 780$	4 750$	4 780$
Siderurgia Nac	1 170$	1 165$	1 175$
Socel	—	2 155$	2 180$
Tabacos de Portugal	—	850$	900$
Tabaqueira	—	11 000$	11 [illegible]00$
U F Azoto	7[illegible]5$	710$	720$

Águas Electr e Gás	Efec	Compra	Venda
Águas Lisboa p	—	390$	—
Águas Lisboa 34	—	40[illegible]	4[illegible]5$
Águas Lisboa 36	—	39[illegible]	—
Elect Beiras	—	500$	530$
Gás Electr	389$5	389$	389$5
H E Alto Alentejo	59$	58$5	—
H E Cávado	1 270$	[illegible]	272$
H E Douro	1 264$	1 26[illegible]	263$
H E Norte Portugal	—	30[illegible]	[illegible]
H E S Estrela	—	700$	800$
H E Zêzere	—	1 340$	350$
Nac. Electricidade	1 335$	1 336$	338$
Termoeléctr Port	—	1 340$	[illegible]
U E P	194$	94$	94$

FUNDOS DE INVESTIMENTO	Efec	Compra	Venda
F I Atlântico	—	—	—
F D E S	—	[illegible]	[illegible]

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	27/2/69	5/3/69	6/3/69
GERAL	111,5	111,1	111,2
METROP	109,2	108,7	108,8
ULTRAM	128,5	128,6	129,2

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rands	[illegible]	3?$00
América		
— Dólares de 1 e 2	28$[illegible]0	28$60
— Dólares de 5 a 1000	28$40	28$80
Canadá — D. Par	26$30	26$80
Alemanha — Marco	7$0[illegible]	7$22
Áustria — Shilling	1$08	[illegible]
Brasil — Cruzeiro Novo	5$[illegible]	7$50
Espanha — Peseta	$[illegible]7	$41,2
Holanda — Florim	7$78	8$03
Inglaterra — Libra	67$[illegible]0	6?$50
Itália — Lira	$04 15	$04 65
Marrocos — Dirham	4$[illegible]	5$[illegible]
Bélgica — Franco	$[illegible]5	$[illegible]5
França — Franco	5$3	5$[illegible]
Suíça — Franco	6$[illegible]	6$[illegible]
Dinamarca — Coroa	3$[illegible]	4$[illegible]
Noruega — Coroa	3$50	4$[illegible]
Suécia — Coroa	[illegible]$40	[illegible]$[illegible]0
Ouro		
Inglaterra — Libra ouro	[illegible]	348$00
Inglaterra — 1/2 Libra	[illegible]	[illegible]
Ouro fino — Barra	3?$00	40$[illegible]

J. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 Tel. 321273

Um morto e diversos feridos num desastre de viação

• Em estado grave um sargento recém-chegado do Ultramar

SETÚBAL, 6 — Ocorreu na estrada Setúbal-Alcácer, próximo de Algeruz, um desastre de viação provocado por um indivíduo que atravessou a rodovia, ao que parece, embriagado e que foi atropelado por um automóvel. Era o sr. António Casimiro, de 72 anos, solteiro, trabalhador, residente em Grândola. Ao volante do automóvel ia o sr. Francisco Mariano Mendes, residente em Aljustrel, acompanhado pelo sargento do Exército sr. Manuel Francisco Bento, que acabava de regressar do Ultramar onde estivera em missão de soberania; sua esposa, sr.ª D. Domitilde Basto Mendes, os filhos do casal, Francisco Deodato, Teresa Luciana e ainda, Arnalda Augusta Malveiro Bento, Maria Custódia Malveiro, Bárbara Luciana, Manuel Augusto Malveiro Bento e Maria Teresa Malveiro Bento, todos residentes em Beja.

O sr. António Casimiro e todos os ocupantes do automóvel vieram para o hospital, onde o primeiro faleceu e os restantes receberam tratamento a ferimentos mais ou menos graves. Depois recolheu ao Hospital Militar da Estrela, em Lisboa, o sr. Manuel Francisco Bento, cujo estado inspira cuidados.

Ferido gravemente num choque de veículos

No cruzamento da estrada de Santos com a de Praias-Sado, nos arredores da cidade, quando seguia de motorizada, o sr. Joaquim Costa, enfermeiro, residente no Bairro da Camarinha, lote 54, embateu numa camioneta, conduzida pelo sr. Joaquim Gabriel Cardoso Torres, morador nesta cidade. O primeiro sofreu múltiplas fracturas e traumatismo craniano. Depois de tratado aqui, foi conduzido para um hospital em Lisboa.

Segundo parece, o desastre foi originado pelo facto de o motorista da camioneta não haver respeitado as normas de prioridade.

A «PRINCESA DO AR» - 1969 (MARIA EDUARDA SETIL) REGRESSOU A LISBOA

Sorridente e feliz pelo título alcançado em Punta del Este, desembarcou esta manhã em Lisboa, a jovem «Princesa do Ar» Maria Eduarda Setil que, em representação da TAP, participou com dezenas de aeromoças de diversos países no Concurso Internacional de Hospedeiras de Bordo realizado naquela estância de veraneio do Uruguai.

Maria Eduarda Setil é a terceira assistente da TAP a conquistar o título de Princesa nos últimos três anos.

Para «Rainha do Ar» foi escolhida a norte-americana Virginia Golden, jovem de 23 anos, que presta serviço na «Braniff International», e que, na opinião da nossa representante, *«é uma rapariga encantadora, muito culta e de rara elegância».*

A propósito da sua classificação, Maria Eduarda afirmou:

— *Entre tantas concorrentes, devo considerar como muito honroso para a minha companhia o título alcançado em Punta del Este.*

Maria Eduarda Setil regressou a Lisboa vinda de Buenos Aires, na carreira da TAP, e, por curiosa coincidência, teve como companheira nesta viagem, como assistente de bordo, a sua colega Maria Paulina de Castro que, no ano passado, também alcançou o título de «Princesa do Ar» em Punta del Este.

Como prémio pelo título alcançado, Maria Eduarda passou duas semanas de férias em Bariloche, estância turística argentina, e trouxe ainda um bonito relógio que lhe foi oferecido, assinalando a sua classificação, e uma Taça para a TAP.

A graciosa aeromoça expressou ainda a convicção de que, num próximo concurso, uma hospedeira portuguesa alcance o título de «Rainha do Ar», pois há na companhia aérea nacional jovens, com cultura e elegância notáveis.

Com ela regressou também o dr. Henrique Queirós Nazareth, chefe do Serviço de Relações Públicas da TAP, que participou no júri daquele concurso internacional, sendo o único delegado estrangeiro ali presente.

ALUGUER SEM CONDUTOR
CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS
Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B.
★
Telefs.: 72 76 54 72 49 75
LISBOA

ORDEM DO MÉRITO INDUSTRIAL

O secretário de Estado da Indústria, sr. eng.º Amaro da Costa, em nome e por delegação expressa do Presidente da República, fez esta tarde a imposição das insígnias da comenda da Ordem do Mérito Industrial aos industriais de produtos farmacêuticos srs. dr. Miguel Cocco e António Diogo Bravo.

VIDA SOCIAL

DR. MARQUES MANO DE MESQUITA

A empresa americana Diversa Inc. Dallas (Texas — E. U. A.), nomeou seu representante em Portugal e director do contencioso das suas filiadas no nosso País o advogado sr. dr. Marques Mano de Mesquita.

Artur Pedro Salles Horta

FALECEU

Judithe de Menezes Horta, Leonor Horta Alves, marido e filhos, António de Menezes Horta, mulher e filho, Artur de Menezes Horta, mulher e filhos, e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu querido marido, pai, sogro e avô, e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 7, pelas 11 horas, da capela do cemitério do Alto de S. João para sepultura do mesmo cemitério.

VISITA AO PORTO DO MINISTRO DA EDUCAÇÃO

PORTO, 6. — É aqui esperado amanhã, o sr. ministro da Educação que fará diversas visitas na cidade.

Ao fim da tarde, o sr. dr. José Hermano Saraiva terá uma reunião na Escola n.º 80, na Rua da Constituição, onde receberá os cumprimentos do professorado do ensino primário, que lhe agradecerá as recentes disposições legais promulgadas pelo seu Ministério.

Necrologia

FUNERAIS

Henrique Esteves Rolão

Da igreja de Alcântara para o cemitério da Ajuda, realizou-se hoje o funeral do sr. Henrique Esteves Rolão, de 57 anos, natural de Lisboa.

O extinto fez parte, durante 35 anos, do quadro tipográfico do nosso prezado colega «Diário de Notícias». Encontrando-se já na situação de aposentado, foi sempre muito estimado pelos seus companheiros de trabalho, em virtude das suas qualidades de trabalho.

SINTRA ESPERA-O

Para a sua deslocação utilize os combóios eléctricos

DOUTOR Pedro de Mello Gonçalves Guimarães

PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

Maria Manuel Mendes de Menezes Fernandes Costa Guimarães, Maria da Graça Fernandes Costa Guimarães Caciano Neves, marido e filhos; Gonçalo Manuel de Mello Gonçalves Guimarães, mulher e filhos; Ana Maria Fernandes Costa Guimarães Bonnevill, marido e filho; Henriqueta de Mello e Carmo Guimarães, Maria da Graça Mendes de Menezes Fernandes Costa, participam que no passado dia 1, faleceu o seu muito querido marido, pai, sogro, avô, irmão e cunhado e que amanhã, pelas 13,30 horas, na Igreja dos Mártires e 18,30 horas na Igreja Paroquial de Cascais serão celebradas missas pelo seu eterno descanso.

AGÊNCIA BARATA

DR. PEDRO DE MELLO GONÇALVES GUIMARÃES

FALECEU

O Conselho de Administração da Companhia Portuguesa de Pesca, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido colega, Ex.mo Senhor Dr. Pedro de Mello Gonçalves Guimarães e que por seu eterno descanso serão rezadas missas amanhã, dia 7 de Março, nas igrejas dos Mártires, pelas 13,30 horas e Paroquial de Cascais pelas 18,30 horas.

ANDAR
ALUGA-SE
Com 400 m2 em 2 grandes salões. Serve para qualquer ramo. Em prédio com elevador. Rua dos Fanqueiros, 156 — (chave nas lojas) — Telef. 324350.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

VARIEDADES INTERNACIONAIS

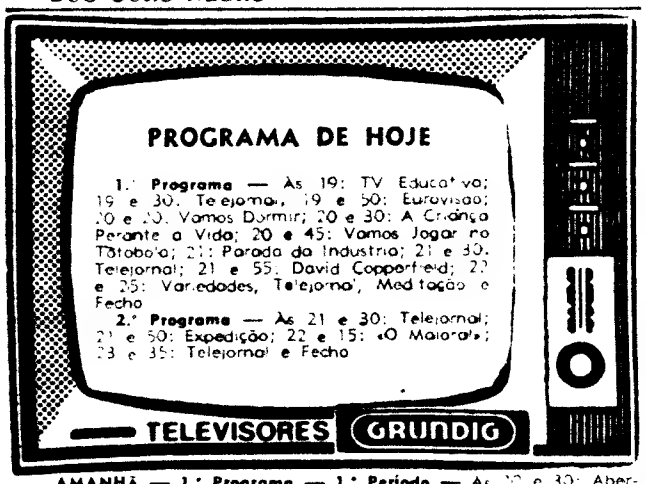
DUO OURO NEGRO

FERNANDO FRAZÃO assina a realização do programa de «music-hall» apresentado pelas 22 e 25, com o famoso ballett de Alfredo Alaria, a cançonetista francesa Jennifer, os fantasistas cómicos «The Playmats», o duo «Ouro Negro» e Madalena Iglésias, que recentemente participaram no VI Grande Prémio TV da Canção Portuguesa, e António Calvário.

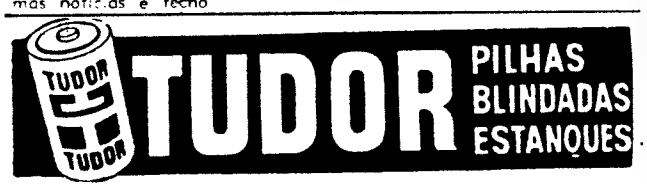
Vítor Campos dirige a orquestra e João Martins estreia-se na R. T. P., apresentando este programa de Variedades.

O duo «Ouro Negro» interpreta: «A Minha Mulata» e «Maria Rita», António Calvário canta «Digam o que digam», criação de Raphael, «Avé Maria», «Chorona» e «A Primeira Pedra».

MADALENA IGLÉSIAS



AMANHÃ — 1.º Programa — 1.º Período — Às 12 e 30: Abertura e missa comemorativa do 12.º aniversário da R. T. P. e 13 e 0: Fecho. **2.º Período** — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 16: TV Educativa: Matemática Moderna, pelo dr. Almeida e Costa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Cartaz TV; 20 e 30: «Edu Lobo e Joyce», 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Noite de teatro: «João Gabriel Borkman», de Henrik Ibsen, tradução de Costa Ferreira e Luís Francisco Rebelo, com Elisabeth Silva, Arlete Freire, Raquel Maria, Maria Manuela, José Manuel, Eduardo Galhós, Piedade Torres e Manuel Costa, do grupo de Teatro de Ensaio do Barreiro, da Cube 22 de Novembro, vencedor do Concurso de Arte Dramática do S. N. I. 1968. 24: Ultimas notícias e fecho.



Para os leitores interessados, aqui fica a letra de «Digam o que digam»:

Não há só desventuras
neste mundo!
Há flores sobre a terra
e Sol no coração

ANTÓNIO CALVÁRIO

Há muito mais azul
que nuvens negras
e há luz, muito mais luz
que escuridão!

Digam o que digam
Digam o que digam
Digam o que digam

Os demais!..

São muitos, muitos mais
os que perdoam
que aqueles que pretendem
a tudo condenar!..
Mais gente que é feliz
e se enamora!...
Do que esses que não sabem
[adorar!..

Há muito, muito mais
amor que ódio,
mais beijos e carícias
sabemos afinal..
que os homens têm Fé
e amam a vida!..
E lutam só por bem
e não por mal!...

«Só em casos específicos se pode aplicar na TV a experiência da rádio»

AS «VARIEDADES» de logo pelas 22 e 25, realizadas por Fernando Frazão com a participação do Ballet de Alfredo Alária, a cançonetista Jennifer, os fantasistas cómicos «The Playmats», o Duo Ouro Negro e ainda Madalena Iglésias e António Calvário, tem a particularidade curiosa de uma estreia em TV. João Martins, locutor da rádio e produtor de Impacto apresenta as atracções. Com ele travamos um breve diálogo

— Como define o panorama radiofónico actual?

— Pretendendo sintetisar encontro a rádio, mais do que nunca, preocupada em criar um clima de evolução procurando temas, que até agora, não foram tratados. Mesmo aqueles que por uma razão ou por outra não podem concretizar novos processos de trabalho, não deixam por isso de os ensaiar e estou em crer que muito em breve teremos oportunidade de conquistar lugar absoluto para a maioria dos programas desmistificando aquilo que nalguns casos ainda hoje se julga ter valor.

Embora jovem a sua actividade vem de longa data. O que pensa sobre «a nova vaga» radiofónica, se é que há?

— Há uma «nova vaga»! Porém uma só com valor, outra julgando-o ter. Espero que o público saiba distinguir. Salvento e aponto como caso de valor invulgar pela pesquisa e resultados obtidos na tentativa de nova criação radiofónica a equipa de «Em Órbita».

Fala-se muito de medidas a adoptar para uma maior percentagem de música portuguesa nos programas radiofónicos. Como encara essa resolução?

Só com a habituação se poderá criar um mínimo de presença

— Sou por natureza pessoa disciplinada, porém, neste caso devo confessar que encaro essa possibilidade como prepotência de quem esteja interessado em fomentar a participação da música portuguesa nos programas na percentagem que por aí se fala. Considero uma total ignorância da capacidade de criação e da produção nacionais e ainda uma total ignorância no que refere à maneira como o problema inicialmente deve ser tratado. Espero que se um dia esta hi-

(Continua na página seguinte)

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no Horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira — Programa da tarde; 17 e 35: Do Chiado até à Lapa; 18 e 10: Programa da mulher, por Maria Emília Conceição de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Música e sonho; 19 e 50: Música só música; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 37: 3.º episódio do folhetim «A História da Cruze»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 15: Transmissão, do Teatro Nacional de S. Carlos, da ópera em 4 actos, «Aida» de Verdi — 1.º intervalo — Panoramas da História, pelo dr. João Ameal — Música de piano de Schumann — n.º 2 intervalo — Música de Arco de Sarasate — no 3.º intervalo — Música de Câmara de Schubert no final: Ultimas notícias — Resumo do Programa — Hino Nacional e Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: Missa solene em ré maior op 123 (Beethoven); 18: Música do século XX — Concerto integrado no Festival de Música de Câmara Contemporânea; 19: Horizonte, semanário de letras e artes; 19 e 30: Folclore português — Cantos e danças de Trás-os-Montes; 19 e 45: O pianista Gyorgy Cziffra; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música instrumental — Canção da Manhã — Canção do Tarde (Elgar) — Orquestra Filarmónica de Londres, dirigida por Sir Adrian Boult; 20 e 30: Concerto pelo grupo vocal feminino Harmonia; 21: De tudo um pouco; 21 e 30: Melodias em piano por Errol Parker; 21 e 40: Variedades; 22 e 30: Orquestras e conjuntos; 23: A Voz do Ocidente. 1 e 15: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,18 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa à tarde; 9 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Tempo de ritmo; 21 e 03: Serão musical; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Música tradicional e palestra religiosas; 0 e 02: «P B X»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural: 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C D C; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa à Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67 e Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Rabbiolac; 19 e 45: Melodias para si; 20 e 07: Rádio Placard; 20 e 21: Norte dia a dia; 21 e 05: Cabina de escuta; 21 e 15: Só Rádio; 21 e 30 Leitura; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O Santo, 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Conjuntos modernos; 18 e 30: Terço e bênção do Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Conta Mercês da Cunha Rego; 21 e 45: Canções de Paris; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Uma orquestra; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 18 e 05: Música 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico seleccionado; 19 e 30: Página 1; co; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A música é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 30 — **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 10 e das 22 ás 2 — **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

A MOSCA

Canal da crítica

O BENFICA, ONTEM, PERDEU POR 12-0. É DURO!

Prevaleceu ontem o futebol, em sessões contínuas, como no Olímpia. Duas horas de futebol à tarde, duas horas de futebol à noite, pode talvez considerar-se exagero. Decerto repararam nesta minha linguagem, linguagem medrosa, temerosa não se sabe de que horrendas represálias. Pode considerar-se... Talvez...

Vão-me dizer que uma grande parte do público português se viu privada daquele espectáculo, em virtude da hora da transmissão directa. Os comerciantes, os operários, os estudantes, enfim, pràticamente só a aristocracia assistiu. De maneira que era mesmo obra de misericórdia passar as imagens á noite...

Nem me sinto com coragem para protestar. Entretanto, restam-me alguns momentos para meditação. Se abstraírmos da função social do desporto na sociedade em que vivemos, ou seja, se entrarmos no jogo alienador do jogo, não deixaremos de concluir que a derrota do Benfica principiou naquele dia em que, conhecidos os resultados do sorteio, os adeptos e os atletas deram um suspiro de alívio: *Ah, bem, é o Ajax*... Estão a ver se nos calhava o Celtic, o Milão, o Real, etc...

Depois foi o resultado de Amesterdão e tudo o mais que se sabe. E não devemos esquecer a influência nefasta que no obscurecimento da realidade tiveram críticos comentadores, relatores. O Ajax? Não valia nenhum. Em Lisboa eram favas contadas.

Seria interessante fazer uma colecção dos exageros louvaminheiros que tornaram tão escorregadia a estrada do Benfica. No entanto, e para já, deve notar-se a confusão reinante não só entre os críticos, como entre os próprios técnicos. Ainda ontem (e isto vem só a título exemplificativo) Alves dos Santos fez realçar a mediocridade da valia técnica do Ajax. Esta equipa foi apresentada várias vezes como equipa que joga em força. Ele Alves dos Santos a referir-se á *pujança física* dos holandeses...

Torno a dizer que se nomeio apenas Alves dos Santos é só porque ele se encontra dentro do meu raio de acção. Se consultar o meu arquivo referente á transmissão do desafio vitorioso para o Benfica, e ás declarações a seguir prestadas por outras individua-

(Continua na página seguinte)

Canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

lidades obterei grande número de provas para o que avanço. Recordo-me ainda da entrevista de Riera na Televisão portuguesa. Segundo ele, o Benfica joga *em feito*, o Ajax joga *em força*...

É tempo de se reverem, nos meios desportivos, determinadas noções. É tempo já de nos convencermos do perigo que para a própria modalidade reveste a ideia do *bom futebol*. Parece generalizar-se a convicção de que a boa técnica é o trato perfeito da bola, o seu domínio ao nível circense, a habilidade na finta (as «fintas portentosas» da literatura futebolística); a precisão no passe — enfim, o conjunto de factores que ou se referem às relações isoladas do jogador e da bola, ou às relações limitadas entre um jogador e outro jogador, adversários. Parece esquecer-se que a velocidade; a antecipação; o pensar colectivamente o jogo também é *técnica* — e da falta dessa técnica ninguém pode acusar o Ajax. Eusébio pode vencer *qualquer* adversário; mas é-lhe quase impossível vencer três. A mais perfeita técnica futebolística é aquela que harmoniza numa equipa as qualidades individuais. E da falta dessa técnica ninguém pode acusar também o Ajax.

Estou talvez a pisar terrenos que não são bem meus conhecidos, pelo menos oficialmente. Eu deveria dizer que a reportagem televisiva teve excelente nível, com frequentes repetições de lances, palavra de honra, mais vale ir ver o Benfica perder ao campo do que vê-lo perder na televisão. Ontem na televisão, o Benfica perdeu por 12-0! E, duro. E cruel. E demasiado.

M. C.

FESTIVAL DE ORENSE

Tal como nos anos anteriores, a Comissão Municipal de Festas de Orense (Espanha) organiza, em 26 e 27 de Junho próximo, o Festival da Canção do Mundo Celta.

Os prémios são os seguintes:

1.º — Cem mil pesetas e troféu de ouro.

2.º — Cinquenta mil pesetas e troféu de prata.

3.º — Vinte e cinco mil pesetas e, também, troféu de prata.

A todos os intérpretes presentes no Festival é entregue uma insígnia de ouro.

Nos Serviços de Informação da Embaixada de Espanha encontram-se, ao dispor dos interessados, as bases do regulamento deste certame musical. O prazo de admissão para as canções termina a 20 de Abril.

TAUROMAQUIA

Festival em Badajoz

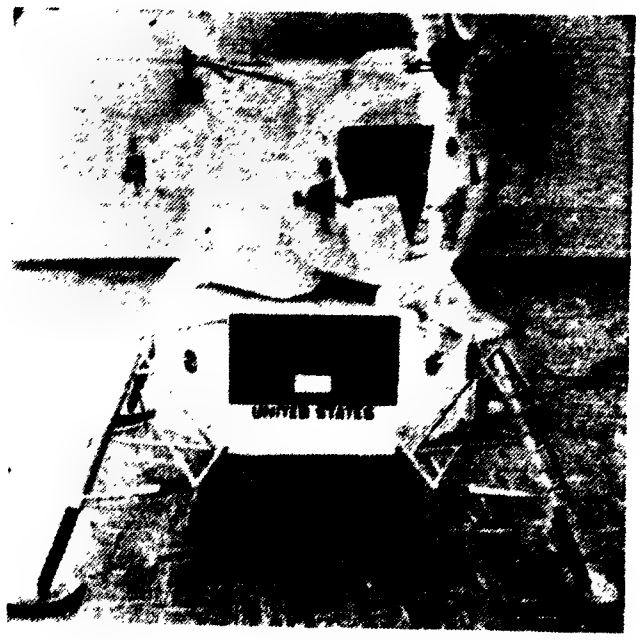
No próximo domingo, 9, efectua-se em Badajoz um festival de beneficência em que serão lidados oito novilhos de Cunhal Patrício, Bernardino Tiriz, Carlos Sanchez Rico, Martinez Benavide e Ana Romero, pelo rejoneador Moreno Tidal, pelos matadores «Litri», «Ostos», «Mondeño», «Pireo» e Manolo Cortes e pelos novilheiros Rafael Beca Belmonte e «El Tuno».

TV dia a dia

EUROVISÃO: «APOLO 9»

CERCA das 19 e 50, prevê-se a transmissão directa, através da Eurovisão, de novas imagens da viagem da cápsula «Apolo 9».

Os espectadores portugueses podem assim acompanhar a aventura mais um acontecimento dos três astronautas, memorável na conquista do espaço.



O modulo lunar utilizado nesta viagem também é vedeta nas transmissões da TV

DAVID COPPERFIELD

PELAS 21 E 55 é exibido o 7.º episódio do folhetim «David Copperfield» segundo a obra de Charles Dickens adaptado à televisão por Anton Giulio Majano que é também o realizador do programa.

É uma produção da Radiotelevisão Italiana e são principais interpretes: Roberto Chevalier, Ana Maria Guarnieri e Mario Feliciani.

«A CRIANÇA PERANTE A VIDA»

EM TEMPOS a RTP fez incluir na sua programação a rubrica «A Criança Perante a Vida», da autoria e com apresentação da sua colaboradora Ana Maria Varella Cid.

Este programa teve, junto dos espectadores, significativo interesse.

Hoje, pelas 20 e 30, assinala-se o regresso aos pequenos «écrans» de Maria Varella Cid, com o seu programa para falar da «Criança perante a vida».

2.º PROGRAMA

Expedição: «CAÇA AOS TUBARÕES»

Cerca das 21 e 50, será apresentado um interessante documentário realizado na ilha de Java, sobre a Caça aos Tubarões. Este documentário já foi exibido no I programa, na emissão de 5 de Janeiro do ano corrente.

«O MAIORAL»: «O FRADE SUSPEITO»

Lee J. Cobb, Doug McClure, Gary Clarke, James Drury e Albert Salmi são os principais intérpretes do episódio que hoje se exibe, pelas 22 e 15, realizado por John English.

«Um antigo malfeitor converte-se á religião, tornando-se frade e é enviado para a terra onde em tempos cometera as suas patifarias. Sucede porém que há um assalto ao comboio e o frade é acusado de ter tomado parte no conluio...»

A EXPERIÊNCIA DE RÁDIO APLICADA NA TV

(Continuação da pág. anterior)

pótese for considerada por pessoas responsáveis, sejam chamados a depor individuos responsáveis e conhecedores não só do panorama da música popular como muito principalmente do fenómeno sociológico em que ela participa.

— Como profissional da rádio o que representou para si este «impacto» com a TV no seu 1.º programa?

— Uma experiência que há muito ambicionava e que não resultou tão bem quanto eu desejava. Fico a dever ao realizador o mínimo de presença que consegui nesta apresentação. É um «mundo» totalmente diferente daquele em que tenho participado, muito dificilmente e só em casos específicos se pode aplicar na Televisão a experiência da Rádio.

— O que mais estranhou nesta sua actuação?

— A diferença de processos. Enquanto que a rádio se processa num clima tecnológicamente autónomo, na TV não nos cabe qualquer decisão.

Mais projectos para a TV?

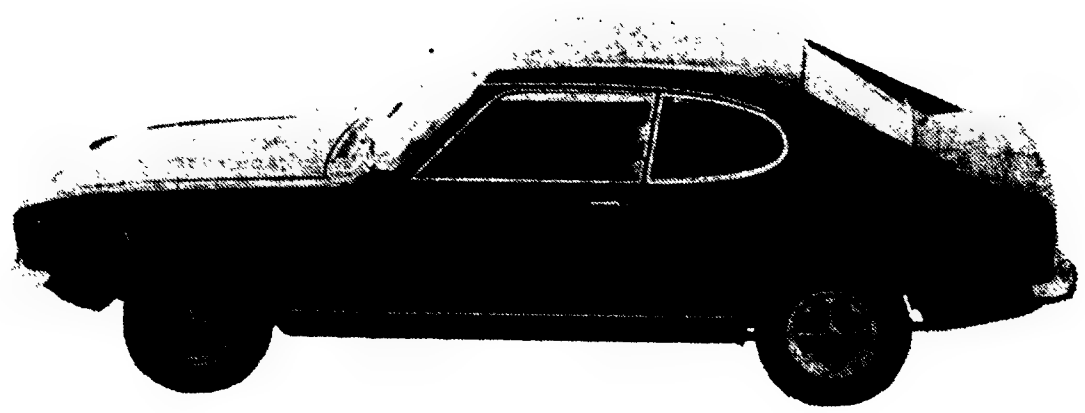
— Creio que a R. T. P., me voltará a chamar para novos programas. Só com a habituação se poderá criar um mínimo de presença que possa corresponder ao trabalho radiofónico que realizo.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

VEJA E EXPERIMENTE
O NOVO FORD CAPRI



★ APRECIE TAMBÉM OS NOVOS CORTINA E ESCORT PARA 1969

J. MENDES COELHO, LDA.

EM EXPOSIÇÃO HOJE E AMANHÃ ATÉ ÀS 24 HORAS

RUA ALEXANDRE HERCULANO, N.º 6-A — LISBOA — TEL. 46147

OUTRA VEZ 0-3 NO PROLONGAMENTO...

BENFICA: REEDIÇÃO EM PARIS DA DERROCADA DE WEMBLEY

DESPORTO

Quando o «melhor futebol» não chega para vencer uma equipa como a do AJAX, alguma coisa terá de ser revista

Tudo acabado. Ainda sem se perceber como tudo aconteceu. Mas aconteceu mesmo e, agora, nada a fazer. Há, claro, uma história a contar. Transparente e cristalina: um «velho» senhor já debilitado não pode resistir perante a irreverente juventude e saúde de um criançola que teimou em pôr-se em bicos dos pés. Esta a verdade que ressaltou deste terceiro Ajax-Benfica — a única que afinal pode explicar o sucesso, já que, futebolisticamente, os holandeses estão ainda a uns bons «quilómetros»... Uns «quilómetros» que eles palmilharam ardentemente com o seu futebol de inegável inferioridade, mas posto em prática por homens de «sangue na guelra».

Paris conheceu um Benfica «doente», arrastado, triste, de braços caídos — que teve o jogo (e já não falamos da eliminatória) bem fechado na mão e o deixou fugir. Onde é que o saudável e ambicioso Benfica de há poucas épocas atrás se deixava bater, *esfrangalhar*, por um grupo incipiente, desgarrado, pobre, simplório, como este do Ajax?

UM JOGO... DE NÃO ESQUECER...

Exibição tão má ou resultado tão desolador, que é *para esquecer* — frase que é muito habitual no desesperado adepto quando a derrota lhe bate pela porta. Não somos dessa opinião, pois há derrotas que devem ser bem lembradas, para que delas se possa aproveitar qualquer coisa. O que sucede neste caso de Paris — isto se, na verdade, o Benfica, como lhe compete, quiser continuar a «botar figura» no concerto internacional. Tendo deixado de vez os ares caseiros, contraíram os campeões portugueses uma responsabilidade que não pode ser alienada. Por isso tudo, terá de se rever a equipa, as suas necessidades e encontrar soluções.

Aliás, o jogo de Paris «disse-o» de forma gritante. Vejamos: superioridade técnica e territorial manifesta durante os noventa minutos. Faltaram golos e, valha a verdade, também um pouco de sorte. Mas o Benfica não atingiu nunca, nesse período de superioridade, o nível que está ao seu alcance, entremeando o futebol lógico e lúcido com a aceitação do «convite» holandês para pôr a bola lá pela alturas. No entanto, como ainda existia frescura e capacidade física «a coisa» foi-se disfarçando, e, inegàvelmente, se a tal dose de «chance» tem aparecido, o Benfica podia muito bem ter resolvido o problema e disfarçar evidentes «maleitas». Mas como nada ficou decidido na hora e meia, surgiu o inevitável prolongamento e nenhum português na altura deixou de se lembrar do que se passara em Londres, na última final europeia. E o péssimismo teve ampla confirmação. Um prolongamento doloroso e triste, arrastado, penoso, com o orgulhoso Benfica sem força nem coragem para reagir, revelando nítidas «mazelas». E os holandeses até puderam brilhar nesse período, alicerçados na vantagem e com a rapaziada cheia de capacidade, a correr o campo de lés a lés. É que o trágico está nisto: depois de sofrer o tento, o Benfica ofereceu a todos a ideia de que estava «perdido».

Falar mais no jogo não adianta. Adianta, isso sim, analisar as suas consequências. Ficaram à vista: o Benfica está a ser ultrapassado. O que não tem nada de extraordinário nem se pense que constitui exagero: o próprio adversário, em toda a sua singular modéstia, o dá a entender claramente. É que não foi num jogo que eles o conseguiram: foi em dois, o que já dá estatura à dúvida anteriormente enraizada.

O fundo da equipa, a sua estrutura, não estão perdidos. O que falta a isso tudo é o ritmo, o vigor, a «explosão»

TONI, CRUZ... E POUCO MAIS

Sem audácia e sem fulgor, o Benfica não ofereceu grandes exibições. Dois homens, porém, merecem citação à parte: Cruz, impecável, valente, recheando o seu trabalho de pre-

(Continua na pág. seguinte)

Gruyff, sempre um perigo para a defesa benfiquista. Aqui, é Humberto Coelho quem tenta o desarme

«ESTAS COISAS NÃO DURAM ETERNAMENTE»

Otto Glória no final do jogo, na cabina:

— Esta equipa do Benfica, em alguns aspectos, tem de ser rejuvenescida. Temos de encarar o problema de frente a não fugir da sua solução. Estas coisas não duram eternamente.

«QUANDO ELES MARCARAM...

Humberto Fernandes, «capitão» benfiquista, confidenciou-nos no final do jogo:

«Na verdade, assim que «eles» marcaram, eu senti que já não «íamos lá». «Cresceram» muito e nós não tivemos força para os contrariar.»

Simões tenta ultrapassar Sourbier que, em entrada aparatosa, desvia (de cabeça) a bola pela linha lateral

HOJE À NOITE

AUTOMOBILISMO — Volta a Portugal em automóvel. Parte da, ás 22 horas, da Praça Marquês de Pombal.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional Feminino da 2.ª Divisão: Queluz-C.D. U.L. e Atlético-Sporting, no Pavilhão da Ajuda, a partir das 21 horas.

TÉNIS DE MESA — Torneio popular de seniores, da A.T.M.L., 2.ª jornada: Económicos - Académica Beatense B, Oriental-Combatentes e Lusitano Clube-Vitória C. L., na série A; Cova da Moura-G. D. Ramiro José, Cruzeirense-Paço de Arcos e Caixa E. Operária-Mem Martins, na série B; Madre de Deus-Leais Amigos, Acad. Beatense B-Acad. 1.º de Junho de 1893 e Económicos B-Bairro Taxa — todos nas mesas dos primeiros, às 21 e 30.

EM LOURENÇO MARQUES, A 6 DE ABRIL:

F. C. PORTO-UJPESTE

Na sede do Futebol Clube do Porto realizou-se, ontem, a habitual reunião mensal com os orgãos da Informação. Toda a direcção esteve presente, inclusive o presidente, sr. Afonso Pinto de Magalhães.

Entre os assuntos tratados destacamos os seguintes:

● Aquisição de terrenos anexos ao Estádio das Antas (cerca de 40 000 metros quadrados) a 68$00 cada metro, empreendimento que necessita da autorização da Assembleia Delegada e cujo pagamento, á Camara do Porto, será facilitado durante dez anos, para valorização do complexo desportivo na vasta área das Antas.

● No mês de Fevereiro entraram mais 276 associados. O número total é, agora, de 30 407 associados.

● A piscina das Antas já se encontra totalmente coberta e com água aquecida. Foram abertas as inscrições nas escolas de natação do clube. Tem sido grande a afluência de interessados, pelo que os cursos principiarão brevemente, aos sábados e domingos de manhã, para os praticantes dos dez aos quinze anos.

● Completa-se na próxima semana, a lista dos dirigentes do clube para o biénio de 1969-71. Será apresentada, depois, á Assembleia Delegada.

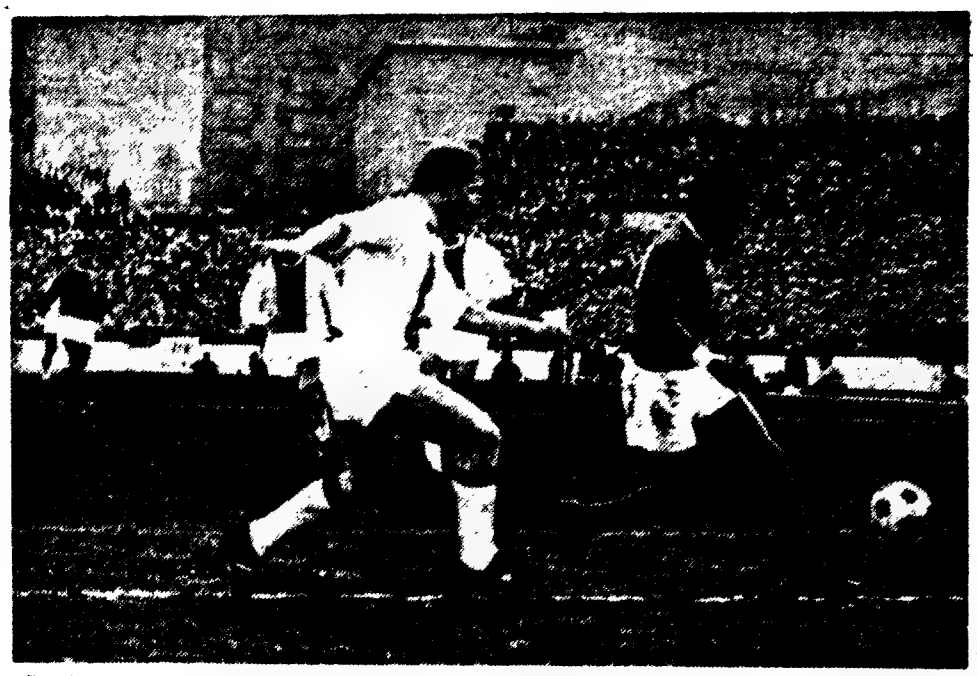
● Em 2 e 6 do próximo mês de Abril o F. C. do Porto realizará dois jogos, em Moçambique, contra a selecção da província e o Ujpeste da Hungria.

MÁRIO CAMPOS SUSPENSO

Apenas um jogador da 1.ª Divisão foi castigado na reunião de ontem do Conselho Jurisdicional: Mário Campos, da Académica, que foi punido com quatro domingos de suspensão.

Na segunda Divisão também só um futebolista foi atingido pela acção disciplinar da Federação Portuguesa de Futebol: Carlos Alberto Freire, do Boavista, castigado com 3 jogos.

O segundo golo do Ajax é festivamente comemorado pelos holandeses, já com o público efecto a associar-se ao feito



Pronk persegue Eusébio, uma «sombra» como rematador. Ao longe, Cruz mantém-se na expectativa

Arcanjo e V. Baptista contrato por mais 3 anos com o Vitória de Setúbal

Dois futebolistas do Vitória de Setubal — Arcanjo e Vítor Baptista — acabam de renovar por mais três anos o compromisso que os vinculava ao clube setubalense. A tempo e horas o Vitória começa a resolver os seus problemas com os jogadores.

Entretanto, estão já escolhidos os jogadores que se deslocarão a Newastle: Vital, Torres, Alfredo, Herculano, Tomé, Cardoso, Carriço, V. Baptista, José Maria, Wagner, Figueiredo, Arcanjo, Guerreiro, Jacinto João e Petita.

Conceição, como se sabe, não poderá jogar por ter sido castigado pela U.E.F.A. com um jogo de suspensão.

A comitiva será chefiada pelo dr. Aníbal Pescadinha

«MUNDIAIS» DE LUTA

MAR DEL PLATA (Argentina), 6 — (R.) — A Rússia ganhou seis medalhas de ouro nos campeonatos mundiais de luta greco-romana, que terminaram a noite passada nesta estância de turismo no litoral do Atlântico Sul.

A Roménia obteve duas medalhas de ouro e a Bulgária e a Roménia uma cada.

TOTOBOLA
O NOSSO PALPITE

Viseu-Guimarães	2
Barreirense-Atlético	X
Setúbal-Belenenses	1
Tirsense-Sanjoanense	1
Varzim-Famalicão	1
Beja-U. Tomar	2
Benfica-Porto	1
Leões-Académica	2
Barcelona-R. Madrid	1
Granada-Elche	1
Nápoles-Bolonha	1
Roma-Inter	X
Torino-Palermo	1

A derrota do Benfica

(Continuação da pág anterior)

ciosismos técnicos; e Toni, o grande inconformado da equipa, lutando e sofrendo até ao fim, acabando a cozear e sem se dar por isso...

E os outros? José Henrique foi mais vítima que culpado, tendo tido uma segunda parte de grande categoria. Adolfo precipitado, e os dois Humbertos, certos. Jacinto equivocou-se, muitas vezes, com paragens e passes transviados e para o ar. E a avançada? Sem fulgor nem imaginação, deixando-se marcar por uma defesa primitiva, rude, mas permeável. Eusébio refugiou-se longe da área, e foi implacavelmente massacrado. Torres desgastou-se em saltos e sem êxito. Simões, buliçoso, está fora de «forma». José Augusto não modificou o estado geral do acontecimento.

O Ajax teve no poder físico uma arma inestimável. Como conjunto é débil e sem «escola». Tem, porém, dois jogadores de grande categoria: Cruiff e Keiser. Os outros são abnegados «operários»...

E tem de ser: uma palavra para o árbitro. Sem prejudicar ninguem, não revelou categoria e personalidade. Se as coisas tem corrido mal seria um caso sério.

A. J. F.

Rinus Michels: um homem feliz. A sua argucia levou de vencida o Benfica, colocando nas meias-finais da «Taça dos Clubes Campeões Europeus» uma equipa holandesa (o Ajax) facto inédito na competição organizada pela U. E. F. A.

Acontecimentos DE ONTEM

Luta greco-romana

Resultados de ontem a contar para o campeonato nacional de luta greco-romana: Desportivo das Ruas Educação Física dos Torres Vedras, 7-1; Barata da Benfica-Ateneu, 3-1.

Basquetebol

A contar para o Campeonato Nacional Feminino de Basquetebol, a Cuf derrotou o Benfica por 40-27. O jogo disputou-se no Recinto do Naval Setubalense.

Ténis de mesa

Taça de Portugal para as categorias de juniores e infantis:

Juniores — Ligas-Ateneu, 0-3. Anulados os jogos Armadoense-Centro Católico e Combatentes-Sporting.

Infantis — Sporting-Centro Católico, 1-3; Armadoense-Ateneu, 3-1 e Benfica-Marinhense, 1-3.

Voleibol

Prosseguiu ontem o campeonato de Lisboa de Voleibol na categoria de seniores.

No estádio da Luz, o Benfica venceu o Nacional por 3-0 (16-14; 16-14; 15-8) tendo as equipas a seguinte:

BENFICA — Vitor Carvalho, Carlos Figueiredo, José Magalhães, Artur Monteiro, João Arouca, António Ricardo e João Carlos.

NACIONAL — Vilar Moreira, Aguiar Buisel, José Custódio, António Resende, José Pimpão, Manuel Pires, João Silveira, Fernando Carvalho e Artur Sequeira.

Árbitros: Reinaldo Rodrigues e João Veiga.

O encontro embora equilibrado, não atingiu craveira elevada.

O Nacional pode queixar-se do resultado final ser tão exagerado se atendermos que no 1.º «set» depois de estar a vencer por 11-6 e 14-11 não ter conseguido obter qualquer ponto e mais ainda, ter feito os pontos para o adversário com cinco remates para a rede.

No 2.º «set» ia sucedendo o contrário quando o Benfica a vencer por 13-7 se deixou igualar aos 14 pontos acabando com certa felicidade por vencer 16-14.

Depois das exibições do Nacional frente ao Técnico e ao L. Ginásio esperava-se mais da equipa que denotou, neste encontro, falta de poder físico, manifestado no «bloco» e no ataque.

O Benfica, movimentou-se melhor, o ataque funcionou bem e acabou por conquistar num triunfo que por certo não esperava ser tão desnivelado.

No Estádio Universitário, o Sintrense foi vencer o C. D. U. L. por 3-0 (16-14; 15-12; 15-8).

Arbitrou o encontro Fernando Rodolfo e as equipas apresentaram:

C. D. U. L. — João Passarinho, José Brochado, José Albino, Manuel Roriz, Barão Ponto, J. Moniz Pereira, Bastos Silva, Fernando Delfim e M. Moniz Pereira

SINTRENSE — Rui Santos, Angelo Silva, Rui Marcelino, José Conde, Joaquim Silva, José Manuel e Lyon Castro.

O C. D. U. L. que no 1.º «set» esteve na posição de vencedor com 10-3 e 13-7 deixou-se surprender cedendo por 14-16 e não mais se encontrou aproveitando-se do facto o Sintrense para conquistar uma justa e preciosa vitória.

A contar para a fase preliminar do Campeonato nacional de juniores, no Ginásio da Piscina dos Olivais, a equipa do Ext. Moscavide venceu dificilmente o L. Ginásio por 3-2 (15-11; 15-4; 14-16; 5-15; 15-9) mantendo-se assim no comando sem qualquer derrota.

ASSEMBLEIA DO SALGUEIROS

No Clube Fenianos Portuenses realizou-se a assembleia geral do Salgueiros para discussão e votação do relatório e contas e eleição dos novos corpos gerentes. Os trabalhos foram presididos pelo rev. dr. Joaquim Ferreira das Neves.

A assembleia decorreu tumultuosamente, com frequentes intervenções do presidente da mesa, que ameaçou suspender a assembleia se os ânimos não serenassem. Vários associados usaram da palavra, mas, de uma maneira geral, tratando assuntos de cunho pessoal, que não interessavam particularmente ao clube. Os drs. Leite de Faria e Joaquim Queirós foram os oradores mais esclarecidos. O primeiro dissertou, com clareza, sobre a gravidade da situação financeira do Salgueiros, dizendo que o clube deve mais de 1300 contos. O futebol gastou 2100 contos e apenas teve uma receita de 525 contos. O segundo, na impossibilidade da apresentação de uma lista de corpos gerentes para dirigir o clube no próximo biénio, sugeriu que fosse designada uma comissão para conseguir formar o elenco. A assembleia delegou no próprio dr. Leite de Faria essa missão.

ATLETISMO PROFISSIONAL

NOVA YORK, 6 — (A. N. I.) — Dos atletas norte-americanos que ganharam medalhas nos Jogos Olímpicos do México, só cinco não aceitaram verbas pagas por duas firmas alemãs que fabricam sapatos para atletismo — segundo o semanário desportivo «Sports Illustrated». Afirma que as duas firmas deram cem mil dólares em dinheiro e 350 mil dólares em artigos e que os dirigentes da equipa norte-americana tiveram conhecimento desse facto.

O semanário não menciona os nomes dos atletas que tenham recebido subsídios.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

RIERA — REGRESSO À EUROPA (ESPANHA) EM ABRIL

SANTIAGO DO CHILE, 6 — O treinador Fernando Riera anunciou que parte em Abril para a Espanha, a fim de tomar a direcção técnica de um clube daquele país.

Riera, que há pouco regressou de uma curta viagem á Europa, recusou-se a revelar qual o clube que o contratou, pois comprometeu-se a não divulgar esse pormenor, já que o campeonato da Espanha ainda está em curso.

QUARTA-FEIRA EUROPEIA

LONDRES, 6 — (A. N. I.) — Foram os seguintes os jogos de futebol dos torneios europeus disputados ontem:

● «Taça dos Campeões Europeus» — *Segunda mão»: Rapid de Viena (Austria)-Manchester United (Inglaterra), 0-0 (o Manchester passou á meia-final, com 3-0, resultado da primeira mão).*

● «Taça dos Vencedores das Taças» — *Quartos-de-final, segunda mão: Slovan (Checoslováquia)-A. C. de Turim (Itália), 2-1 (qualificou-se o Slovan, com 3-1). Primeira mão: Colónia (Alemanha)-Randers Freja (Dinamarca), 2-1.*

● «Taça das Cidades com Feira» — *Quartos-de-final, primeira mão: Leeds United (Inglaterra)-Ujpest Dozsa (Hungria), 0-1.*

O BANCO TOTTA-ALIANÇA
AO SERVIÇO DA EXPORTAÇÃO

O Banco Totta-Aliança, no intuito de prestar melhor serviço à exportação nacional, convida todos os seus Clientes exportadores a participarem no Colóquio que o Fundo de Fomento da Exportação leva a efeito nas instalações da Feira Internacional de Lisboa, de 21 a 30 de Abril próximo. Neste Colóquio serão apresentadas e debatidas diversas comunicações sobre problemas que interessam à exportação de produtos nacionais.

O Banco Totta-Aliança far-se-á naturalmente representar, neste Colóquio, por técnicos que, no âmbito das suas funções, terão sempre o maior prazer em prestar todos os esclarecimentos que lhes forem solicitados.

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje — O RANCHO DA INJUSTIÇA — Politeama — O GRANDE MESTRE DO CRIME — S. Jorge — RESGATE HUMANO — Estúdio 444

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326385
Hoje, ás 21.30
SENSACIONAL ESTREIA DE GARGALHADA
O RANCHO DA INJUSTIÇA
com a incomparável
DORIS DAY
Uma mulher revolucionou o Far West. Foi a primeira que bateu o pé aos homens...
TECNICOLOR
HOJE, ás 18.30 — Sessão clássica (M. 17 anos).

TIVOLI
(M ... anos) Tel. 58595
As 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
A história de um homem estranho que joga com a vida e a morte dos outros
JOGO PERVERSO
com **Anthony Quinn, Michael Caine e Candice Bergen**

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
As 15.45 e 21.45
Um filme de **Roman Polanski**
A SEMENTE DO DIABO
c/ **Mia Farrow e John Cassavetes**

ODEON
(Adultos) Tel 326283
Às 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
Em 2.ª semana de enchentes
UM FILME DE SENSACIONAL FEROCIDADE
com **TERENCE HILL**
VIVA DJANGO
Nunca o ódio teve mais alto preço na ponta de uma bala...
(Eastmancolor) Versão Inglesa

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 360729
2.ª SEMANA
Às 15.15 e 21.30
Quando os cavaleiros partiam para a guerra, deixavam os seus cbens em segurança... Deixariam?
Tony Curtis e Monica Vitti em
O CINTO DA CASTIDADE

ROMA
(M 12 anos) Tel. 727778
As 21.30
2. SEMANA
Um acontecimento memorável na história do Cinema!
O DESAFIO DAS AGUIAS
com **Richard Burton, Clint Eastwood e Mary Ure**
70 mm — Metrocolor
O filme de fundo começa a projectar-se 5 minutos depois do início da sessão

RESTELO
(M. 12 anos) Tel. 610375
Às 21.30 horas
ATAQUE À MURALHA DO ATLÂNTICO
c/ **Hoyd Bridges e Sue Hoyd**

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel 779095
As 21.45
ESTREIA
FRANCO NERO
RESGATE HUMANO
EASTMANCOLOR
c/ **Charlotte Rampling**
Um filme sádico e violento!

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
As 15.15 e 21.30
5.ª SEMANA
Não foi uma vulgar história de amor
TECHNICOLOR
ROMEU E JULIETA

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 48560
Às 15.30, 18.30 e 21.45
Um filme de **Carl H. Dreyer**
«A PALAVRA»
(Ordet)

LUMIAR
(M. 17 anos) Tel. 791574
Ar condicionado
Parque privativo
As 21.30
CAMARADA MINI-SAIA
c/ **Elke Sommer** (no principal papel Camarada «Schultz»)
A seguir — Dias 8 e 9:
«A BATALHA DE ANZIO»

LIDO
Praça D. João I — Amadora
(M. 17 anos) Tel. 937593
Uma magnífica aventura policial interpretada por
JEAN GABIN
o melhor actor francês de sempre!
A NOITE ESCALDANTE DO INSPECTOR JOSS

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
As 21 horas
O REGRESSO DE UM ÍDOLO
OS MILIONÁRIOS DE FILADÉLFIA

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 268729
As 17 e 21.30
CABEÇA DE MARTELO
c/ **Vince Edwards, Judy Greson, Peter Vaughan, Diana Dors e Michael Bates.**

CHIADO TERRASSE
(M. 12 anos) Tel. 320917
As 21 horas
A GUERRILHEIRA
00-2 CONTRA GOLDGENGER

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54153
ESTREIA
O GRANDE MESTRE DO CRIME
com **Steve McQueen** e **Faye Dunaway**
Às 15.15 e 18.15
(M. 17 anos)
DOUTOR... VAMOS A ISTO!

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
As 15.15 e 18.15 e 21.30
Um filme de **Roman Polanski**
A SEMENTE DO DIABO
c/ **Mia Farrow e John Cassavetes**

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Fred Astaire — Petula Clark — Tommy Steele em
O VALE DO ARCO IRIS
Technicolor - Panavision

QUINZENA A INFANCIA NO CINEMA
Amanhã, ás 18.30 h.
TODAS AS NOITES AS NOVE, de Jack Clayton — com **Dick Begard, Margareth Brooks, etc.** (Adultos).
DIA 10: **Tempestade na Jamaica** (Adultos)

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
As 21.45
UM ÍDOLO DA CANÇÃO!
2.ª SEMANA
ROBERTO CARLOS EM RITMO DE AVENTURA
EASTMANCOLOR
Um movimentado filme com belas canções!

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
TECHNICOLOR
De simples pistoleiro a chefe da Mafia até ser condenado pela própria família
Kirk Douglas em
OS DOIS IRMÃOS SICILIANOS

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
As 21 horas
O ANALISTA DO PRESIDENTE
O ESPIÃO QUE SAIU DO FRIO

CONDES
Telefs. 32 25 23 - 32 67 10
(M 12 anos)
2.ª SEMANA
As 15.15, 18.15 e 21.30
RICHARD BURTON, CLINT EASTWOOD, MARY URE
Um espectáculo que é um desafio à sua coragem!
O DESAFIO DAS ÁGUIAS
— Where Eagles Dare —
70 mm Panavision Metrocolor

MUNDIAL
(Adultos) Tel 538743
As 15.15, 18.30 e 21.45
(Adultos)
2.ª SEMANA
Carrol Baker, Jean Sorel e George Milton
no empolgante filme em Scope colorido
O DOCE CORPO DE DEBORAH
Metro: estação Picoas

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Quando ela se despiu» (17 anos)
CASA DA COMÉDIA — Às 22: «A caixa de Pandora» (12 anos)
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «Noite de Verão» (12 anos)
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Tango» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «A preguiça» (17 anos)
TRINDADE — Às 21 e 15: «Sabino Freire» (17 anos).
A B C — Às 20 e 45 e ás 23: «Elas é que sabem» (17 anos)

CINEMAS

COLISEU (Cinema) — Às 21 e 15: «Superespectáculo no Mundo» (17 anos)
CINEARTE — Às 21: «Matar para viver» (17 anos).
PARIS — Às 21: «A queima-roupa» (17 anos)
ROYAL — Às 21: «Cantinflas, o Porteiro» (12 anos)
ARCO ÍRIS — Às 21 e 30: «Os triunfos dos 10 gladiadores» (12 anos)
JARDIM — Às 21: «10 000 Dólares para Ringo» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «Capas Negras» (12 anos)
CINE-ORIENTE — Às 21: «O Estrangulador de Baltimore» (17 anos)
OLIMPIA — Às 9: «Justiça de Gringo» (12 anos)
CINE-ENCARNAÇÃO — Às 21: «O direito de nascer» (17 anos).
CINE-UNIVERSAL — Às 21: «O segundo fôlego» (17 anos)
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «O incerto amanhã» (17 anos)

● Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS CINE — Às 21: «Os sete contra o mundo» e «A ronda do Nilo» (12 anos)
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «O beijo do vampiro» e «Por amor, por dinheiro» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Cabeça de martelo» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Will Penny» (17 anos).

● Linha de Sintra

PONTINHA — CINE-UNIÃO — Às 21: «Um espião chamado Solo» (12 anos)
DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «O segredo dos Catacumbas» (17 anos)
VENDA NOVA — CINE PORTUGAL — Às 21: «Jerry em Londres» e «Flechas de fogo» (12 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Amor nas corridas» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ CINE — Às 21 e 15: «Os implacáveis» e «Levado para Tanger» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY Às 21: «As festas galantes» (12 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «Ataque à muralha do Atlântico» (12 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «A quitanilha do grande cérebro» (12 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 2 e 15: «As últimas 36 horas» e «Enigma de apartamento» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «Quando digo que te amo» (17 anos)

CONCURSO

«MAJA DE PORTUGAL»

com o patrocínio da IBERIA (Linea; Aereas de España)

Nome .....

Morada ..... *Tel.* .....

Idade ..... *Profissão* .....

Juntar duas fotos (uma de rosto e outra de corpo inteiro) e remeter para o «Diário de Lisboa» Rua Luz Soriano 44-48 Lisboa

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno I

ALCANTARA — Vieira Rosa, Rua Prior do Crato, 4 (660'87)
ALMIRANTE REIS — Cândido Monteiro, Av Almirante Reis, 21-B (45751) * Góis, Lda., Sucrs., Rua dos Anjos 2-C-D (840101)
ALTO DO PINA — Ibéria, R Barão de Sabrosa, 235-A (728277).
ALVALADE — Sanex, Av da Igreja, 31-C (776905) * Aeroporto, Av Almirante Gago Coutinho, 01-D (722334) * Rio de Janeiro, Av Rio de Janeiro 4-C (72 409)
AREEIRO — Algarve, Av de Roma 7-B (777478)
AVENIDAS NOVAS — Campo Pequeno, Av do Republica, 58-D (77'66 * Figueiras, Av Marquês de Tomar, 20 (44995) * Cruz Nunes Pr Duque de Saldanha, 4 (41845) * Nevais, Av Luís Bivar, 11-13 (44324)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascense, R Z7, 41 (3112 6)
BAIXA — Lima Amaro, Suc., Pr do Alegria, 27-28 (321 49) * Velades, Suc., R do Madalena, 235 (326260) * Cortez, R de S Nicolau, 93 (325378)
BENFICA — Santa Cruz, Av Gomes Pereira, 34-A (704828) * Vitex, Est de Benfica, 373-B (780548) * J. Ribeiro, Est da Luz, 99-A (780969)
BELÉM — Gomes, Suc., (Gonçalves) R da Junqueira, 326 (638 93)
BOM SUCESSO — Bom Sucesso, R Bartolomeu Dias 63-A (61 454)
CAIS DO SODRÉ — Africana, R Bernardino Costa, 45 (369 20)
CAMÕES — Pinheranda, R da Rosa, 94-96 (32'534)
CAMPO GRANDE — Cabrita, C Grande, 220-2. (772397)
CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, R Je Campo de Ourique, 31-33 (686640) * Urbana de Freitas, R Silva Carvalho, 1-9 (662838) * Elmo, R D Maria Pia, 358-A (686176)
CAMPOLIDE — Judice de Oliveira, R de Campolide, 54-A (684424)
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge — Galinheiras (790969)
CONDE REDONDO — Salas, Rua Luciano Cordeiro, 73 (42239)
ENTRECAMPOS — São Miguel, R Francisco Morais, (771469)
ESTEFÂNIA — São Jorge, Av Rovisco Pais 32-A-B (534027).
ESTRELA E LAPA — Tagus, Praceta do P Possidónio da Silva, 62-A (669485) * Rodrigues & Arroios Rua da Lapa, 52-54 562246
LUMIAR — Central do Lumiar, R do Lumiar, 77 (790480).
OLIVAIS — Central dos Olivais, R Alferes Barmaro Ruas, 1-C Olivais Norte (315539) * Antunes Reses, R C, 1-Lote 99 Olivais Sul (31360)
PALHAVÃ — Laranjeiras, R Filipe da Mata 60-62 (761035)
PICHELEIRA — Luzmar, R João Nascimento Costa 6 A (728395-720703)
MARQUÊS DE POMBAL — Ribeiro & Castro, R Duque de Palmela, 30-B-C (43409)
RESTELO — Belém, R Tristão Vaz, 0-A, à encosta do Restelo (6122498)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Conceição, Calçada de D Gastão, 30 32 (38'279) * Pereira, Suc., R do Paraíso, 98-00 (863224) * Branquinho, R dos Sapadores, 87 (842725)
SANTO AMARO — Dilena, Rua Aliança Operária, 49-A-B (636620) * Costa, R dos Lusíadas 32 (636704)
SÃO BENTO — Confiança, Praça das Flores, 59 (327901)
MOSCAVIDE — Banha, Av Moscavide 22 (2518518).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Miramar, R Ernesto da Silva, 81 (212048)
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (942839).
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Av Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)
OEIRAS — Central, Rua João Teixeira Simões, 8 (2430058)
PAREDE — Maceu, Rua J Elias Garcia, 62-B (2471785)
ESTORIL — S. João S João do Estoril (261186)
MONTE ESTORIL — Ostende, R de Espinho, 1 (260391).
CASCAIS — Cordeiro, Av Conde G Guerra, 40 (280170 — Nova, Estrada de Alvide — Fontainhas (28'044)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes, L Coronel Ramos da Costa, 0 (Tel. 234137)
ALHOS VEDROS — Portugal, Av da Bela Rosa, 8 (224250)
ALMADA — Cristo Rei, Av Cristo Rei, 31-A (273498)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Est Nacional 10-B (224141).
BARREIRO — Soares, Av da Republica, 1 (2273023)
COVA DA PIEDADE — Atlântico, Quinta do Pombo (274365)
MOITA — União Moitense, dr Teófilo Braga (239[illegible]
MONTIJO — Higiene R José Joaquim Marques, 142 (23010
SESIMBRA — Leão, Av Soiazo (229471).
SETUBAL — Rosado Pinto, P do Bocage (22484) * Nova, R. General Gomes Freire, (27052).
SEIXAL — Seromenho, R Paiva Coelho, 38 (2218560)

● Linha de Sintra

AMADORA — Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (935918) * Carmelo, R. Elias Garcia, Lote 28 (Telef. 933303) * Helénica, Rua Elias Garcia, 2 (933613) * S. Jorge, R Pedro del Negro, 5 Reboleira (938703)
DAMAIA — Confiança, Estrada Militar Lote D (Tel 97'023).
QUELUZ — Gil, Av Miguel Bombarda 28 (950117) * Simões Lopes, Av Elias Garcia 5 — (950123)
CACÉM — Central R Elias Garcia 55 (2940034).
MEM MARTINS — Quimia, Est. Mem Martins 285, (29100[illegible]).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim, (980456)
SINTRA — Simões, R Heliodoro Salgado, 26 (980832).
COLARES — Colares Abreia (Tel 299088)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 861353 * Companhias Reunidas, 537011 * Gazcidla 538821 * Gazcidla (dom e feriados) 882069.
BOMBEIROS — Sapadores 822222 * Voluntários 538524.
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 * Segurança Publica, 366141 * Judiciária, 535380 * Marítima, 326456 * Internacional, 362721 * Viação e Trânsito, 42205 * G.N.R. (área rural), 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 * Enfermagem permanente, 766161 * Enfermagem de urgência, 43738 * Hospital de Santa Maria, 775171 * Hospital de S. José, 860131 * Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 * Transfusões, soros e oxigénio, 538524 * Centro de Intoxicações (informativa), 767777, 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 * Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 * Caminhos-de-ferro (Estoril), 361121 * Estação fluvial (T. Paço), 325345 * Estação Marítima de Alcântara, 663195 * Estação Marítima da Rocha, 672445 * Estação fluvial (Belém), 638521

BOM APETITE

CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

Linha Recta
PASTELARIA
SNACK - BAR
RESTAURANTE
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Av. de Roma, 29-B
Tel. 77 77 23

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef 5 73 78
(frente à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADE DIÁRIA
GALINHA YO LYN
e o célebre arroz CHAO CHAO

VIRIATO
RESTAURANTE
CERVEJARIA
SNACK-BAR
COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro 55-57
(Aberto até ás 2 h)
Telefone: 53 07 58

MINABELA
Restaurantes
Churrasqueiro
Pastelaria
Diàriamente
várias especialidades
AMADORA — Tel. 939191/2
QUELUZ — Tel. 951611

Q.UINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
Telef 790211
Telheiras de Cima, 144
JANTARES DANÇANTES
c/ conjunto privativo

Diário de Lisboa
DL
Sociedade de
Renascença Gráfica, S A R L
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End Tel DIBOA Telex 136
Lisboa 2 Portugal

O ENG.º JÚLIO SILVEIRA REGRESSOU DA ALEMANHA

No avião da Swissair, regressou a Lisboa vindo da Alemanha, o sr. eng.º Júlio da Silveira, director da Silveira & Silva.

Ainda no aeroporto o reputado técnico português de gás e aquecimento, declarou que nesta sua deslocação àquele país, teve a oportunidade de visitar a Feira de Usos Domésticos, aberta na cidade de Colónia, a qual considerou particularmente notável.

Referindo-se ao importante certame internacional, o sr. eng.º Júlio da Silveira salientou que uma das inovações ali apresentadas e que maior repercussão produziram não só entre o público como entre os especialistas de diversos países foi um aparelho funcionando a gás, cuja temperatura, comandada electrónicamente garante uma regulação ultra-sensível, com duração práticamente ilimitada.

O sr. eng.º Júlio da Silveira revelou, por fim, que a planificação e a execução do referido aparelho, que classificou de sensacional, se devem à insuperável técnica da fábrica alemã Junkers

Instituto de Novas Profissões
AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, 47-1.º
Novos Tempos, novas profissões
Cursos de: SECRETARIADO (especialmente indicado para as alunas que terminaram o 2.º ou 3.º ciclos liceais), TURISMO (com Guias-Intérpretes), RELAÇÕES PÚBLICAS, ORGANIZAÇÃO E DIRECÇÃO ADMINISTRATIVA (Marketing, Gestão Financeira de Empresa e Direcção de Pessoal) e PUBLICIDADE.
Novo período escolar a iniciar em 10 de Março
Telefone: 55 53 19

Desfecho de um drama

SETUBAL, 6 — Foi encontrado no sítio das Curvas o cadáver do indigente César Pereira Santos, de 53 anos, natural de Covão do Lobo, do concelho de Vagos, que morreu sem assistência.

O corpo foi conduzido para a casa mortuária do hospital

De vez em quando

Sofri por eles, os vinte e cinco mil emigrantes portugueses que estiveram no estádio de Colombes, para matar saudades. Regressaram desiludidos aos «batimãs», não tiveram certamente coragem para beber as costumadas «bieres» e a esta hora, estão com certeza desejosos de apressar as «vacanças» para virem ver se, efectivamente, por cá, está tudo na mesma: ausência de cabeça para elaborar os planos de ataque, inexistência de firmeza no eixo da linha média uma certa apatia no centro do terreno, confusão permanente nos extremos de ambos os lados e sobretudo, falta de eficiência na grande área.

V. D.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE. Em Portugal continental o vento era fraco de sueste e o céu estava geralmente encoberto por influência de uma massa de ar marítimo transportada na circulação de uma depressão centrada a oeste de Lisboa.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima Fonte Boa — 6°,5; mínima Penhas da Saúde, — 4°,8.

TEMPERATURAS DO AR, ÀS 9 HORAS — Coimbra, 8°; Faro, 11°; Funchal, 15°; Lisboa 9°; Penhas Douradas, 1°; Portalegre, 6°; Porto, 6°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu encoberto. Vento fraco ou moderado de Sul. Chuva, principalmente nas regiões do Centro e do Norte. Possibilidade de trovoadas durante a noite. A partir da manhã, céu muito nublado, vento fraco de oeste e aguaceiros.

Amanhã
Nascer ás 8 e 1
Ocaso ás 19 e 35

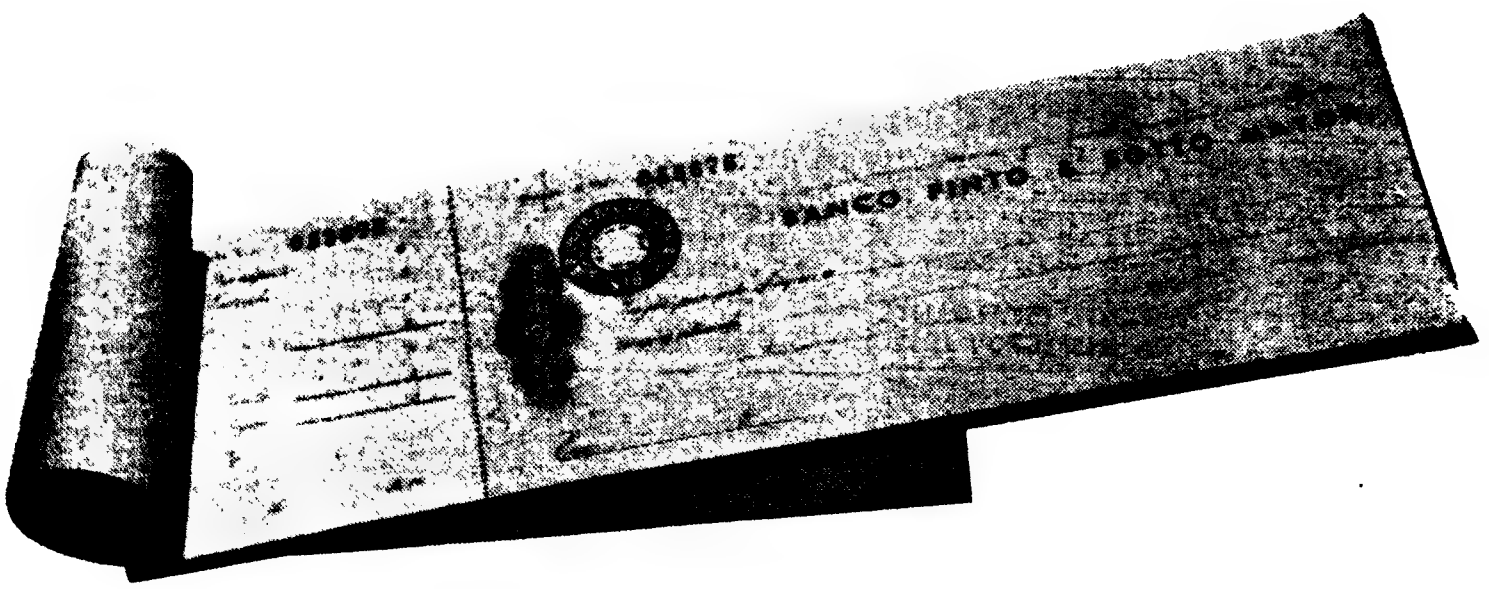
Dia 11 Dia 18 Dia 24 Dia 2

MARÉS:
PREIA-MAR: Dia 6 — 5 e 29 (4,1 m); 17 e 52 (3,9 m). Dia 7 — 6 e 02 (4,1 m); 18 e 24 (3,9 m). Dia 8 — 6 e 39 (3,9 m); 19 e 02 (3,8 m).
BAIXA-MAR: Dia 6 — 11 e 20 (0,7 m); 23 e 36 (0,8 m). Dia 7 — 11 e 56 (0,8 m). Dia 8 — 0 e 0 (0,9 m); 12 e 35 (0,9 m).

CASTELÕES
AMANTEIGADO
PASTEURIZADO
UM QUEIJO
DE QUALIDADE

com vista à cobertura
do Espaço Português

ANGOLA



PORTO ALEXANDRE

Inaugurámos
a agência de
PORTO ALEXANDRE

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR - PORTUGAL

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

N.º 553/6 DE MARÇO DE 1969

PERGUNTAS AO TELEFONE

ENTREVISTA COM MARIA JUDITE DE CARVALHO (páginas centrais)

Arrabal celebrando a cerimónia da confusão

Festas e ritos do Narcisismo

por Júlio Moreira

Sonho com um teatro em que humor e poesia, fascinação e pânico sejam uma coisa só.

ASSIM fala Arrabal.

Para quem o não saiba, diremos que Fernando Arrabal nasceu no Marrocos Espanhol e vive em Paris; que se exprime em francês; que anda pelos 36 anos de idade; que já é, ou continua a ser, um Senhor do Teatro.

Entrando na intimidade da sua casa em Paris, encontramos os grandes quadros onde pessoas e objectos aparecem representados com uma rigorosa semelhança. Assim seremos levados a reconhecê-lo em todos os quadros Eventualmente estará acompanhado pela mulher, pela mãe, ou por «pessoas» que desconhecemos Nestes quadros encontraremos a história de Arrabal, que é a história da auto-representação: Arrabal fala-se a si próprio e é o seu próprio discurso.

O MODELO

Não diremos como Arrabal terá caído no campo de atracção da sua própria imagem. Ninguém poderia dizê-lo mas para quem apreciar o difícil desporto do mergulho psicanalítico, diremos mais algumas coisas sobre o seu passado.

Diremos por exemplo, que aos três anos perdeu o pai: o tenente Arrabal foi preso em casa, e o pequeno Fernando nunca mais o viu. Para a mãe essa prisão foi justa e desejável, porque a defesa do Exército, da Pátria e da Religião a exigiam.

No melodrama em 1 acto «Os dois carrascos» (*Les deux borreaux*, Théatre 1, Christian Bourgois Éditeur) Arrabal conta-nos a situação, dividido ele próprio em dois irmãos, um que grita para a mãe *és tu a culpada de torturarem o pai, foste tu que o denunciaste*, outro que lhe diz *mamã tu és uma santa*.

Arrabal mais tarde viria a procurar seguir a pista do pai, das prisões para os hospícios, com um cuidado de arqueólogo. Em pequeno a mãe tinha-lhe dito que o pai morrera: assim pretendia libertá-lo dessa má influência.

O jovem Fernando cresceu, com efeito, como o irmão que dizia *mãe, tu és uma santa*, no melodrama *Os dois carrascos*. Aprendeu a odiar Rimbaud com os frades Escolápios e escolheu a carreira da aviação, a qual, aliás, não seguiu, por medo dos aviões.

Mas alguma coisa veio alterar o modelo que a mãe tinha conseguido criar. E. então. Arrabal nasceu de si próprio. É ele que nós vamos encontrar numa obra dedicada, sobretudo, ao teatro. E será esse teatro que nós experimentaremos dividir em quatro coisas (humor, poesia, fascinação e pânico) de que ele quer fazer uma coisa só.

HUMOR

Todos esperamos dos *discursos* que tenham sequência e coerência. Qualquer que seja a linguagem: palavras, gestos, ou quaisquer sinais. Para nos sentirmos bem precisamos de sentir o mundo arrumado e usamos para isso vários sistemas de eixo. O sr. René Descartes forneceu-nos os principais, que servem de mo-

(Continua na pág. seguinte)

A re-apropósito do ensino de História da Arte

Folhetim artístico de José-Augusto França

Dentro de poucos dias será posta à venda uma edição de intenção escolar da obra do falecido professor de História de Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, Mário T. Chicó «A Arquitectura Gótica em Portugal», publicada em 1954, numa edição de luxo. É uma obra notável, raríssima, na apagada e vil tristeza da bibliografia portuguesa de arte. Uma obra de «scholar» e de fino espírito, como a nossa historiografia da especialidade e o nosso ensino não têm conhecido; uma obra de síntese, de seriedade científica que, nos últimos vinte anos, só terá paralelo, para o período tratado, nas obras analíticas sobre a arquitectura cisterciense do prof. Artur N. de Gusmão que foi, aliás e não certamente por acaso, discípulo do prof. M. T. Chicó.

Mas a publicação deste volume, meritória iniciativa editorial de Livros Horizonte, vem levantar problemas — da bibliografia da arte e da sua pobreza, do ensino da História da Arte e da sua inadequação, e de uma e outra coisa e da sua não relacionação.

Isto é: pouquíssimo e de pouquíssima qualidade se publica neste domínio. A ponto de a Fundação Gulbenkian, que instituíra um prémio anual, te-lo esquecido, depois de ver que obras devera, à míngua de outras, premiar; a ponto, também, de a Academia N. de Belas-Artes o ano passado ter visto o seu concurso anual deserto de concorrentes, depois de ter tido que atribuir prémios a obras menos que discutíveis. E os livros que aparecem não são escritos por professores universitários, como parecia indicado, escrever história da arte competindo naturalmente a quem a ensina.

Assim parece com efeito, e sobretudo se nos lembrarmos do que acontece nas universidades estrangeiras (a propósito do que é de assinalar que, se não fosse o prof. Robert C. Smith da Universidade de Pensylvânia escrever livros sobre arte portuguesa, esta ainda estaria mais mal conhecida...). Mas assim não é, nem pode ser. Não por falta de competência dos professores, ou de alguns professores — mas pelo próprio sistema do ensino em que inserem o seu labor docente.

Obrigados nas Faculdades de Letras e nas Escolas de Belas-Artes a ensinar a jovens de fraca preparação cultural primeiras noções **que no liceu deviam ter sido aprendidas**, nisso naturalmente perdem o seu tempo. Nisso se afundam — e nisso, até, se viciam. Daí o sentido predominantemente arqueológico do ensino desta disciplina, e o teor morfológico que lhe é imposto.

Mas, como quer V. que levemos os alunos para uma visão problemática da história da arte se eles nos vêm às mãos sem saberem o que é um capitel ou quem foi Piero della Francesca?»

Razão assiste sem dúvida a quem assim perguntar, embora eu não lha dê inteiramente — e logo por preferir inverter os tempos verbais e dizer «o que foi um capitel» e «quem é o Piero della Francesca»... Mas a verdade é que o tempo perdido durante sete anos no liceu não pode ser ganho em dois ou três de aulas universitárias querendo aproveitar estas para fazer cultura a sério. A situação é perfeitamente absurda — e só por maldade se poderia pedir aos professores assim alienados que, além de tudo, escrevessem livros. Onde está o tempo, a disposição — e quem lhes pagará, num meio editorial sujeito a um minimercado?

Acresce que alguns professores, dada a carência de quadros museológicos, são desviados ainda para a direcção de museus (como o foi M. T. Chicó) — ou procuram simultâneamente, no sector privado, uma compensação material aos pálidos vencimentos burocráticos. Uma coisa e outra lhes tira tempo para estudo e criação, senão para a própria prática docente que se deseje empenhar na formação de novos esquemas culturais. Como censurá-los porém? Em nome do verdadeiro sacrifício que outros fazem, teimando em estudar ou investigar?...

O ensino da história da arte em Portugal encontra-se assim numa situação absurda, ou num círculo vicioso.

— Ou num risível sistema de círculos viciosos que se encadeiam. O nível dos programas que têm de ser satisfeitos é o primeiro deles, o segundo sendo a própria preparação dos professores que desse nível foram vítimas.

E a solução técnica não pode ser outra que não esta que tenho proposto: uma estruturação do ensino da história da arte nos vários graus do ensino geral — primário, liceal e universitário. Uma formação inicial, paleoformal, dentro dos processos da «Education Through Art» que tem aliás adeptos de valor em Portugal, levaria depois os alunos do liceu à possibilidade de uma instrução «gramatical» — ambas as coisas libertando os estudantes universitários do B-A-Ba que tem que lhes ser ensinado, ou lhes justificando uma exigência cultural que actualmente mal podem ter. Outros libertados seriam os professores — senão todos, alguns que num novo trabalho pudessem empenhar o seu tem-

(Continua na 6.ª página)

Festas e ritos do Narcisismo

(Continuação da pág. anterior)

delo para os outros, na sua maior parte. A sequência e a coerência são os eixos dos *discursos*, e os semiólogos costumam designá-los por *sintagma* e *sistema*. São as linhas mestras do Manual-de-saber-viver-de-todas-as-coisas.

Se por inépcia ou má vontade, se alteram o sintagma ou o sistema — se, por exemplo, na sequência de uma actuação impecável se deixar cair as calças (coisas em que era mestre o *falecido* Chaplin) ou a palavra exacta é substituída por outra com o mesmo sentido, mas trazida doutra forma de expressão (a expressão do rústico no discurso do cortesão, ou vice versa) — resulta a hilaridade ou o sorriso, conforme a subtileza da substituição.

Experimente a receita quem tiver dúvidas. Mas não são as boas receitas que fazem a boa cozinha, são os bons cozinheiros.

Ao realizar uma ficção, Arrabal dá-lhe uma forma que resulta da constante substituição dos termos da sequência e da coerência.

Que resulta da falta de pessoas para levar as cobertas das camas numa casa de família? Acumulam-se na cave, à medida que são substituídas. Mas alterando a sequência lógica dos factos, forçando o tempo, as cobertas invadem pouco a pouco o espaço da casa. No dia em que é possível lavar e pôr a secar, o estendal resulta num labirinto onde as pessoas se perdem.

Esse mundo particular (*Le Labyrinthe*, Theatre 2 Christian Bourgois Editeur) terá as suas leis próprias.

Substituindo as construções de um motel por velhos carros abandonados, onde os hóspedes são atendidos e servidos com reverência, Arrabal constrói outro mundo particular: *O Cemitério de Automóveis* (Le Cemitière des voitures, Theatre 1).

Estas alterações, donde resulta o humor, são, porem, escolhidas de uma forma que nos leva já ao domínio da poesia através da violação simultânea da metáfora (ordem do sistema) e da metonímia (ordem do sintagma). É, pelo menos, o que pensam os semiologistas: *É sempre, ao que parece, nas fronteiras dos dois planos* (sintagma e sistema) *que se processa a criação* (Roland Barthes, Éléments de Semiologie, III. 3.7).

POESIA

Fujamos com Arrabal do rigor dos esquemas, do constrangimento dos sintagmas e sistemas. Vamos a caminho de Tar, empurrando o carrinho de Lis (*Fando e Lis*, Théatre 1). Sabemos que nunca chegaremos a Tar, é o próprio Fando a dizê-lo: *Ouvi dizer que ninguém lá chegou, ainda que quase toda a gente tenha tentado.*

Mas continuamos a caminho. *Quando chegarmos a Tar, então verás como seremos felizes.* — insiste Fando, para encorajar Lis.

E Toso, o companheiro de acaso que encontramos no caminho para Tar, quem de facto sabe o que é preciso fazer. O importante não é chegar a Tar, é estar a caminho. E mais ainda: para quê tomar precauções, discutir?

— *Lá estão vocês com as vossas precauções. Já disse que o que importa é continuar o caminho.*

Quem tenta o caminho para Tar acaba sempre por voltar aos mesmos locais. Começa a reconhecê-los. Tar, a terra onde seremos felizes, não será, afinal, isso mesmo: o estar em viagem, reconhece o que tinha sido já visto anteriormente, até que todas as coisas, mesmo as que nos são dadas pela primeira vez, possam, instantâneamente, pertencer a um ilimitado mundo de encantamento?

Assim, a Princesa *reconhece* o Príncipe de Cabeça de Cão:

— *Sabes como o amo, que o amei sempre, que sempre sonhei contigo, que é o príncipe igual ao príncipe que amava nos seus sonhos.* (*Les Amours Impossibles*, Théatre panique, mesmo editor).

Vamos, pois, com Arrabal para Tar. Podemos tocar o corpo nu de Lis à beira do caminho, penetrar sem querer no jardim da princesa dos amores impossíveis, encontrar de pé a árvore de Guernica depois dos bombardeamentos (*Guernica*, Théatre 2). Sabemos que não vale a pena tentar fugir ou ignorar coisa alguma. Que o caminho nos conduzirá ao ponto de partida. Que não iludimos nem o tempo nem o lugar nem a condição. Mas o importante para transfigurar o tempo, o luar e a condição, é estar a caminho. Essa é a nossa única forma de *chegar*.

Assim será a poesia que Arrabal nos propõe para ser descoberta e vivida; a viagem fascinante: *o meu corpo atirou-se para o futuro, e comecei a atravessar o porvir com uma velocidade vertiginosa, e estou prestes a cair no futuro, deslizando como um raio, através dos séculos por vir, vendo os séculos como se fossem horas, e os anos como minutos.* (*Le voyage*, Fêtes et Rites de la Confusion, Eric Losfeld, Editor).

FASCINAÇÃO

Quem não parte, quem se deixa ficar na conformação do pouco que lhe foi dado, quem nunca ouviu sequer falar em Tar, por certo ignora o que quer dizer *fascinação*.

A *fascinação* é o motor suficiente da viagem. Mas, também, roteiro. Admitamos que quem mete pés ao caminho pode não ir além do quarteirão. A cada volta reconhecerá a porta da casa, o cego que toca na esquina, o polícia de giro. Mas pode alargar a viagem à cidade e ao mundo e, ainda, diz-se, para lá do mundo. E os caminhos para a viagem vão-se diferenciando. Mas é de Tar que falamos, isto é, da viagem com Arrabal, da *fascinação* que nos oferece à partida, que faz o corpo *atirar-se para o futuro*, como ele diz da *Viagem*, nas *Festas e Ritos da Confusão*.

Poderíamos perguntar se essa *fascinação* difere da nossa (da que usamos nas nossas secretas viagens); se os elementos que a compõem são novos e insuspeitados elementos.

Seria ingenuidade perguntá-lo. Não somos todos feitos da mesma massa? Os materiais com que se constrói a *fascinação* são sempre os mesmos. Tomamos o amor (o erotismo como amor total), a vertigem da morte (isto é, o tempo), o ódio como expressão do desejo de sobreviver (cujo limite é o canibalismo), e a incerteza (desconhecimento da nossa posição nas curvas de Gauss — desculpem mas é da estatística — dos acontecimentos cuja ocorrência pensamos como futuro).

Sabemos isso, mas sabemos, também, como são diferentes as coisas que cada um de nós constrói a partir dos mesmos elementos.

Arrabal construirá, sobretudo, labirintos, e essa será a forma da sua *fascinação*, o roteiro para a viagem a que somos forçados. É nas *Festas e Ritos da Confusão* que o espaço do labirinto é plenamente assumido: são 16 labirintos onde o autor se encontra constantemente — *Festas e Ritos do Narcisismo*, como preferimos chamar-lhes. Mas o princípio e o fim das viagens é A GIGANTE. Deixaremos a outros o trabalho de a identificar.

Nesta sua obra Arrabal não sentiu necessidade do recurso ao Teatro: estava sòzinho com a sua *fascinação*.

Ao retomar, no Teatro, o tema do Labirinto (*le Labyrinth*, Théatre 2) reconhecemos bruscamente um amigo ausente: Kafka. Arrabal não o nega. A obra já nos é oferecida com uma citação de Franz Kafka: *O grande teatro de Oklaoma chama! Mas não chamará senão hoje; é a primeira e a última vez!*

Aqui seremos tomados de *pânico*, se o não estivermos já.

PANICO

O medo será a expressão do desconhecido, mas o *pânico* é a expressão emocional do que não poderá ser conhecido.

Cada instante na série ilimitada dos instantes da nossa vida, nos chama para um espectáculo (como o grande teatro de Oklaoma) cuja natureza desconhecemos: mas não chamará senão uma vez! Cada instante nos exige, pois, uma escolha definitiva, um compromisso radical e irrecusável: ou vamos, ou não vamos — não há adiamento. E cada vez a escolha é irreversível: ou fomos ou não fomos. E de cada vez a escolha é feita às cegas: não há razões para ir ou ficar.

Esta será a raiz do *pânico* no teatro de Arrabal, como em toda a parte. Já o era no Teatro de Shakespeare, como o é na nossa vida quotidiana.

Discurso-próprio de Arrabal

Sabemos como Arrabal violenta a ordem dos *sintagmas* e dos *sistemas*, como usa as *metáforas* e as *metonímias*.

É através dessa violação que Arrabal nos provoca um *pânico* que vem acrescentar-se ao nosso pânico. E esclarecê-lo.

Na escolha, inevitável e fatal, que fazemos a cada instante servimo-nos dos códigos. Digamos, como divertimento, que os próprios riscos, as temíveis formas de destruição que pesam sobre nós, como, aliás, os prémios, as formas de *graça* que esperamos, estão codificados também. Daí uma certa forma de tranquilidade: o adormecimento do *pânico*.

Quem vir uma menina vestida para a primeira comunhão poderá sentir ternura enlevo, indignação pedagógica, indiferença; mas, por certo, não espera vê-la surgir da direita, aproximar-se do caixão onde o necrófilo saciava os seus maus instintos, e esfaqueá-lo, saindo pela esquerda, com a inocência das brancas vestes maculadas de sangue pouco inocente. (*La Communion solennelle*, Théatre Panique).

O espectáculo do código alterado desvenda, sùbitamente, riscos desconhecidos: no interior de nós dormitam, sob as vestes da primeira comunhão, os impulsos que no momento seguinte podem despertar e transfigurar o nosso destino. *E qual é o nosso destino?* Quem somos nós? A morta no caixão, o necrófilo, a menina da primeira comunhão ou a sensata avó, que lhe ensina exactamente os códigos em cuja destruição intimamente colaboramos?

A incerteza que tínhamos localizado no tempo, na escolha inevitável ao nível das sucessivas dicotomias de cada instante, penetra-nos: é a nossa própria natureza que temos de escolher, e não apenas a ocorrência dos factos.

Assim cresce o *pânico*. E, à medida que cresce perante nós, vamos reconhecendo, indistintos do pânico, a fascinação, a poesia e o humor.

CAI O PANO

Falámos de Arrabal. Pensámos, sobretudo, naqueles que o não conhecem. Os outros terão as suas próprias coisas a dizer.

Por várias razões dissemos o que dissemos:

— porque há outras coisas a dizer que não convém dizer;

— porque não se pode dizer tudo em tão pouco espaço e tempo;

— ou, ainda, porque o Arrabal não fez tudo o que virá a fazer;

— ou porque, além disso, muito do que se fez ou não conhecemos ou não percebemos.

Se assim não fosse também não valeria a pena falar de Arrabal.

NOTA: Apresentamos ao sr. Fernando Arrabal, que vive em Paris, as nossas desculpas por nos metermos na sua vida privada e pela acusação implícita de narcisismo. Mas não o fizemos nem com más intenções nem com sentidos pejorativos. E talvez, pelo que não foi dito que deveríamos apresentar as desculpas.

JÚLIO MOREIRA

«Viagem» ao mundo proibido

EXPERIÊNCIA DA DROGA
por Guy Champagne
col. «A Marca do Tempo»
Moraes Editores

DROGA, literatura e ciência são anéis de uma mesma cadeia que se estende através do mundo contemporâneo e cujas repercussões no plano político-social são cada dia mais graves. As «viagens» promovidas pelo mercado dos alucinogéneos (de que Michaux, principalmente, fez um detalhado e valioso relatório) inscrevem-se num vasto movimento científico (Parapsicologia e Psicofarmacologia), catalizam sectores literários (neo-surrealismo) e determinam novos esquemas de vida social e artística (revolução psicadélica). As conhecidas manifestações do grupo Leary em São Francisco e os *pot rallies* londrinos, tendentes à legalização da marijuana, por exemplo, atestam bem em que medida este produto entrou na esfera das sociedades de consumo e pretende instituir-se como agente da contestação dos costumes.

Mais ou menos directa, mais ou menos documentada, há toda uma longa bibliografia literária, científica, histórica e até religiosa do problema. Entre outros, Huxley, Arthaud, Rimbaud, Michaux, Burroughs, Ferlinghetti equacionaram literàriamente uma experiência vivida nesse campo e deram, com intenções por vezes opostas, um valioso contributo ao «dossier da droga». A estes acrescentam-se recentemente: Charles Duits (*Le Pays de l'Eclairement* — ed. Denoël) e Guy Champagne (*J'étais un Drogué*, editions du Seuil).

O livro de Duits é um memorial de tom lírico-místico-filosófico em que se comunicam as modificações psíquicas e perceptivas experimentadas pelo uso do *peoti* relacionando-as com as implicações ideológicas que este hábito impõe à «nossa sensibilidade de ocidentais». O volume inclui uma introdução que vale como um panfleto a favor da chamada «revolução psicadélica» e em que se declara o tom geral do discurso elegíaco que é afinal obsessivo, ingénuo e repassado de um orientalismo religioso quase tão puritano como o puritanismo «ocidental» que pretende combater.

Experiência da Droga, pelo contrário, é um testemunho sem misticismo, nem panfleto. Guy Champagne limita-se a comunicar num quadro humano a sua aventura de jovem jornalista atirado para os paraísos artificiais por um conjunto de razões sentimentais. É uma narrativa directa do quotidiano: entre o desespero e a evasão, a aventura do drogado processa-se numa contínua humilhação, num incessante movimento à margem da vida normal, com surtos, violentos de lucidez.

Sem contemporizações, a «ascensão, queda e reabilitação» que Guy Champagne relata neste memorial é um brado de aviso aos viajantes do ópio, da morfina ou da heroína que, depois de terem atingido o ponto alto da sublimação, vencendo com a droga «a mesquinhez do quotidiano», se reduzem a uma subserviência mais mesquinha ainda, face às estruturas da sociedade de que dependem e onde, mau grado, bom grado, se encontram enquadrados.

Lembrança de Amadeo

por Francisco Bronze

CINQUENTENÁRIO da sua morte. Cerca de 40 anos permaneceu ignorado aquele que, no verbo fulgurante de Almada Negreiros, foi «a primeira descoberta de Portugal na Europa do século XX». Ignorado, sim, porque um artista só vive quando a sua obra está presente, junto do público ao qual se destina. Pouco nos importa a nós que uma exposição tivesse sido organizada pela viúva, em Paris poucos anos depois da sua morte. Pouco nos interessa ainda que em 1935 tivesse sido criado um prémio nacional com o seu nome. A obra, essa, manteve-se entretanto na sombra e sòmente a partir de 52, por iniciativas particulares, um ou outro quadro de Amadeo começava a aparecer em exposições de arte moderna.

UM PINTOR DE INTERESSE UNIVERSAL

Também nesses anos 50 o Museu de Amarante dedicou uma sala a Souza Cardoso, reservada a trabalhos na maioria emprestados pela sua família. Mas a verdadeira homenagem, a única que se pode prestar à memória de um artista, só em 56 foi possível, com uma exposição organizada no Porto pela galeria Alvarez; e, três anos depois, com uma importante retrospectiva realizada no S. N. I., a qual finalmente revelava a grandeza duma obra que se processou em menos duma dezena de anos de criação.

A edição, entretanto, de um valioso estudo de José-Augusto França, fundamentado num sério método de investigação crítica, mais alguns artigos publicados em jornais e revistas, vinham firmar essa glória que podia já ecoar além fronteiras, através da representação do artista numa sala da Bienal de S. Paulo e duma exposição na Casa de Portugal em Paris. Estudiosos e críticos de arte estrangeiros são agora unânimes em considerar Amadeo de Souza Cardoso um pintor de interesse universal.

AO PRINCÍPIO ERA A PAISAGEM

A presente exposição na Buchholz nada mais pretende, òbviamente, do que lembrar a importância duma obra, de modo nenhum pretendendo representá-la nos termos necessários.

Uma pequena aguarela datada de 1907 assinala, neste conjunto, o ano em que Amadeo abandonou o projecto de estudar arquitectura que o levara a Paris, para se dedicar inteiramente á pintura. Uma «paisagem» do seu período cubista, ou melhor: *paracubista*, mostra-nos como os valores tradicionais de espaço são aqui submetidos a uma disciplina geometrizante, tendente a valorizar o espaço bidimensional em desfavor das convenções naturalísticas. Convém reparar na génese desta pintura, que começa precisamente a descobrir-se nos arroubos ar-livristas da época. Ainda que, no início da sua carreira, Souza Cardoso tenha praticado a caricatura (e veremos como, mais tarde, esta tendência será revalorizada) é na «paisagem» que a pintura se lhe revela realmente, mesmo depois de ter aderido aos princípios estéticos do cubismo. É natural que, nos primeiros anos de Paris, fosse a «paisagem» o laço que o prendia sentimentalmente a uma memória de Portugal e aos campos da sua infância, compensação também para uma vertigem de progressos a que não estava habituado. O certo é que este sentido de ar livre vai permanecer nos seus desenhos pinturas, algumas vezes transformado por um sonho romântico, embriagado de exotismo e alegria pagã; mais tarde expresso na simultâneidade cubista ou na fúria do futurismo; ou ainda evidente no simbolismo lírico das suas telas dadaístas.

Amadeo: «Canção Popular — A Russa e o Fígaro» (1916)

DUALIDADES NA ENCRUZILHADA

É neste gosto pelo ar-livre que Amadeo se situa, precisamente, no ponto duma crise decisiva: aquela que marca a viragem do século XIX para o século que é já o do cubismo, onde uma ruptura violenta se processa. Mas, em Souza Cardoso como aliás em todos os cubistas, e na «touche» cezanneana que uma sugestão de «paisagem» ainda se manifesta, nessas manchas informes que tanto se assemelham á orla das nuvens ou das ramagens. E sempre essa «touche» se manterá permanentemente num contraponto com outras tendências que ao ar-livrismo se opõem. Em toda a obra de Amadeo, podemos deste modo verificar uma dualidade constante: a que opõe a *paisagem* ao

(Continua na 6.ª página)

A cor e a forma

por Rocha de Sousa

A GALERIA INTERFORMA, que inaugurou adequadamente as suas instalações com uma exposição de esculturas de Hélder Baptista, retomou o seu programa de actividade com obras da pintora Isabel Laginhas, nome reconhecido entre os mais recentes que ùltimamente têm vindo a significar um quadro de propostas em geral admissíveis no panorama já provável da jovem pintura portuguesa.

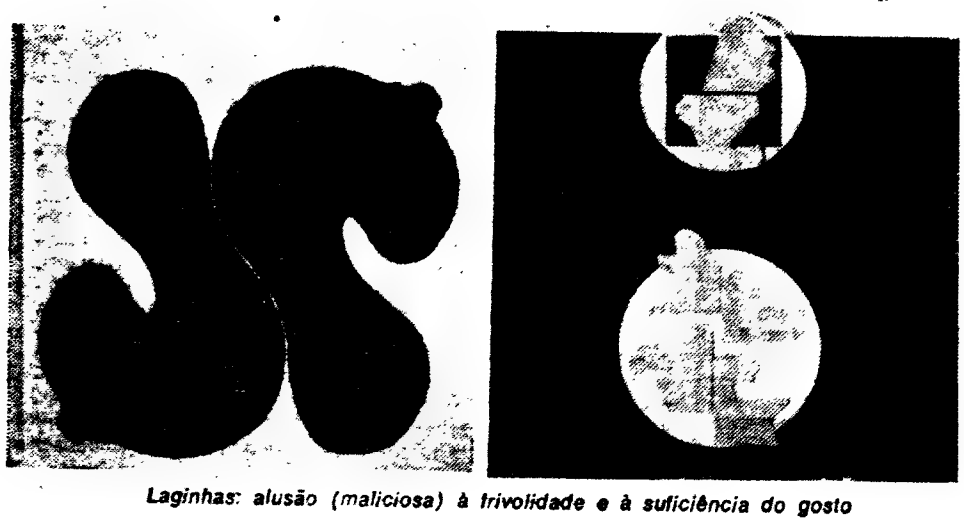
ACÇÃO DA GALERIA

Considerando as datas das duas exposições, a de Hélder Batista e a de Isabel Laginhas, tem de se reconhecer o seu excessivo distanciamento, referência que pode significar fraqueza no dispositivo de promoção ou um esquema de trabalho ainda por definir. Mas se admitirmos que a maior parte dos artistas já se comprometera, para esta temporada, com outras galerias, num esquema de relações entretanto desenvolvido, podemos concluir que o tempo de actividade da Galeria Interforma se ficou a dever, sobretudo, a um critério de exigência. Exigência porque foi preciso evitar a inclusão no programa de exposições sem carácter positivo, criando-se em pura expectativa verdadeiras possibilidades de definir uma política séria, ainda que plural na coordenação dos autores. Nesse sentido, de resto, fizemos aqui algumas anotações quando da exposição de Hélder Baptista, anotações essas que, sem o compromisso dos vaticínios, estabeleciam os votos necessários para que a Galeria Interforma pudesse assumir, com independência, um papel significativo e descentralizador no quadro das actividades correspondentes. A perspectiva de um trabalho dessa natureza só se realiza através de recusas selectivas e, em particular, através de pontes de ligação com os efectivos produtores e com os núcleos da crítica e do mercado. Essa capacidade excede, de longe, a condição passiva de receber propostas susceptíveis de escolha, já que se determina, sobretudo, pela conquista programada de um meio, pela penetração das forças activas desse meio, e sempre de acordo com uma linha de inserção cultural suficientemente caracterizada, isenta no empenho, decidida no seu papel interventor.

ISABEL LAGINHAS

Galeria Interforma

Admitimos, portanto, que o tempo de espera da Galeria Interforma tenha sido consequência do esforço entretanto desenvolvido, por parte da sua Direcção, para que aqueles princípios se não desfizèssem ou confundissem. Daí, pelo menos mais claramente, ficou-nos o que reside na própria exposição agora apresentada, que em nada se afasta de um critério possível de qualidade, apesar da juventude de Isabel Laginhas e apesar de se tratar de uma primeira apresentação individual.

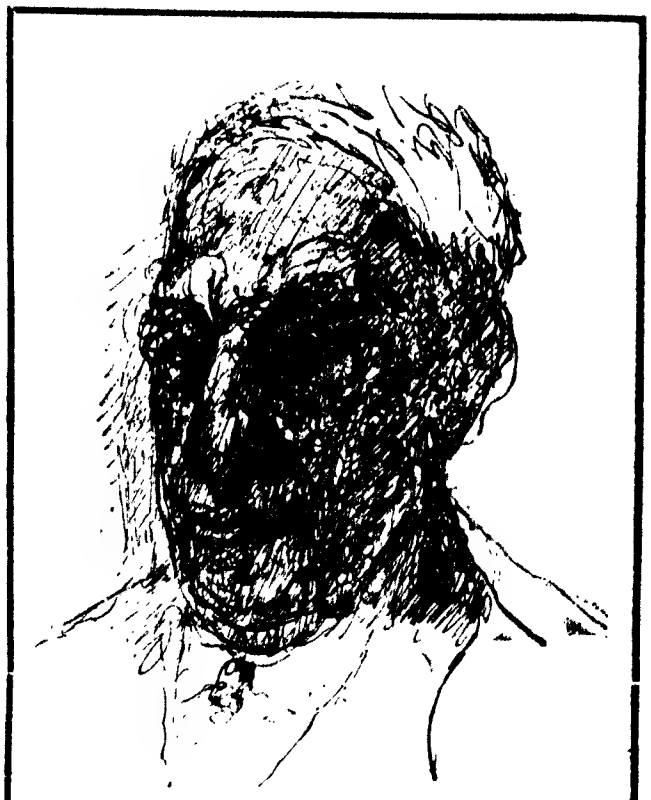


Laginhas: alusão (maliciosa) à frivolidade e à suficiência do gosto

A JOVEM PINTURA

Se é possível falar de jovem pintura no quadro da nossa produção artística, é, igualmente, possível aí incluir o nome e os objectos desta autora. Por muito que se exerça, neste capítulo, um juízo de prudência (e em certos casos de desconfiança) no que se refere a artistas novos, não se pode, em boa verdade,

(Continua na 7.ª página)



Francis Smith

PORTUGAL NA OBRA DE FRANCIS SMITH, assim se intitulou a exposição que o Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian levou a efeito em Paris, segundo a realização de Paulo Ferreira. Aqui se assinala a importância desta exposição, não apenas no que se refere a uma determinação das características e do papel histórico de certos autores da nossa pintura, mas também por permitir mais uma vez ampliar o hábito de projectar no exterior essa pintura. O excelente catálogo editado pela Fundação Gulbenkian, e há pouco divulgado entre nós, conta com um estudo de Raymond Cogniat e são completíssimas as notas biográficas de Paulo Ferreira.

Francis Smith, que nasceu em Lisboa em 1881, foi um autor extremamente activo desde 1911, oscilando constantemente sobretudo entre Paris e Portugal e tendo participado em muitas dezenas de exposições importantes, bem como nas Bienais de São Paulo e Veneza. A sua obra, que teve o reconhecimento de círculos culturais e dos Estados, está muito representada em colecções particulares e em Museus. Nela se reflecte um interesse pelas coisas portuguesas, peculiar e por vezes originalmente marcado, o que justifica amplamente o critério adoptado para a exposição.

Maria Judite de Carvalho

perguntas ao telefone

COMO JÁ FOI REFERIDO neste «Suplemento», o mais recente livro de Maria Judite de Carvalho (a colectânea de contos Flores ao Telefone) levanta, pela força comunicativa e o tom de cada página, inúmeros problemas de interpretação humana e de construção literária. O livro é de facto admirável de sobriedade narrativa e de finíssimo engenho na sua urdidura romanesca, propondo uma leitura invulgarmente rica de sugestões.

Assim, a obra e o Autor justificaram o breve questionário que a nos próprios impusemos e que Maria Judite de Carvalho acedeu a responder — abrindo para o leitor mais amplas perspectivas sobre uma das personalidades criadoras de maior projecção e significado da ficção portuguesa contemporânea.

A crítica tem assinalado nas suas obras anteriores um pessimismo magoado que parece permanecer em Flores ao Telefone. *Considera justa a asserção?*

Sim, a definição parece-me justa. Creio que sou pessimista desde que me conheço. Não se trata de fazer autobiografia. Mas há factos que me ajudam a perceber como e porque é essa a minha expressão literária (soa-me a pomposo, mas é um chavão ainda relativamente cómodo). Refiro-me à morte da minha mãe tinha eu sete anos e à do meu pai poucos anos depois. Isto só vem a propósito de uma autodefesa: eu não sou pròpriamente pessimista na minha concepção da vida colectiva; sou-o até às raízes da sensibilidade e é isso o que se projecta nos livros que escrevemos. Ou não será?

Esse tipo e a transposição de clima de certo tipo de mulher e de certa classe?

Também e, em certa medida. As mulheres que passam nas minhas novelas são, em geral, de meios frustrados e frustrantes da pequena e da média burguesia.

Qual a influência que teve em si a atribuição do Prémio Camilo Castelo Branco?

— Pouca ou nenhuma. Talvez o haver-me dado um sentimento maior de responsabilidades. Aliás a confiança em mim não é o meu forte. Sem a teimosia do meu marido e o ele gostar das primeiras coisas que eu escrevi, nunca teria possivelmente publicado nada.

Das figuras masculinas que criou qual é a que por mais tempo tem permanecido viva em si? Porquê?

— O major de «Anica nesse Tempo». Porquê? Talvez por se tratar daquela das minhas novelas que prefiro.

Qual o realizador cinematográfico que sente mais próximo do clima da sua ficção?

Antonioni.

A crise de uma literatura pode detectar-se pela ausência de escritores jovens. Qual a responsabilidade dos editores nessa crise?

— Parece-me que têm alguma. Pecam por desconfiança. Só jogam na probabilidade de êxito (relativo) comercial. Mas a questão terá de pôr-se em termos mais amplos, porque os editores são por sua vez vítimas de uma complexa engrenagem: falta de público leitor (ou falta de poder de compra), restrições de vária ordem, etc.

Conhece algum prosador jovem de inegável talento a quem tenha sido recusado o acesso à edição? Quem?

— Lembro-me de Angela Caires, a quem foi concedido pela Sociedade Portuguesa de Escritores um Prémio Revelação que nunca chegou a receber. E o livro também nunca foi publicado.

Atribui-se com frequência à programação da Universidade um considerável desinteresse pela Literatura portuguesa mais recente. Considera que sim?

— Recordando-me do meu tempo de aluna de Filologia Germânica da Faculdade de Letras de Lisboa, esse desinteresse não existia nalguns professores: eram, de facto, os programas que limitavam o tratamento de obras e autores vivos. Mas também me ocorrem excepções, algumas mais recentes. E de uma delas sou até beneficiária. Refiro-me à excelente tese de licenciatura, já editada posteriormente, de Maria Alzira Barahona: «Expressão do tempo no Romance», que se ocupa de Augusto Abelaira, Vergílio Ferreira, Agustina Bessa Luís e de mim.

Na morte de KARL JASPERS

por Jean Lacroix

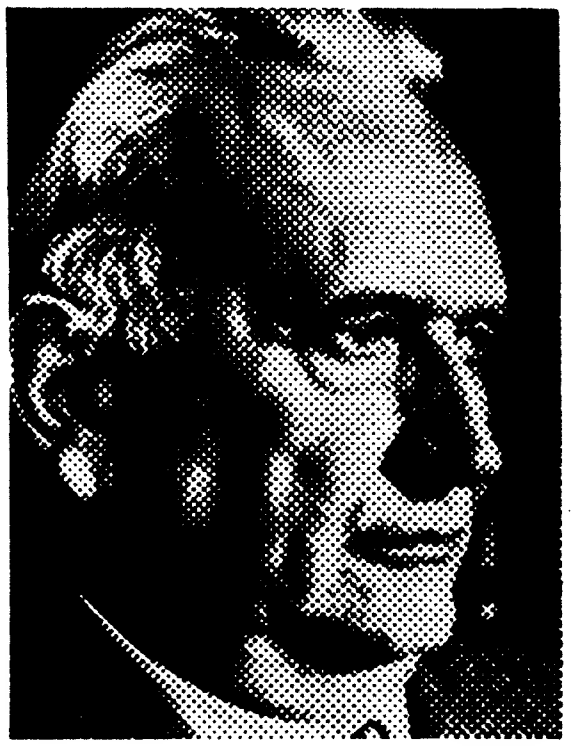
O FILÓSOFO alemão Karl Jaspers morreu no começo de uma tarde de quarta-feira, no seu domicílio de Bâle, com a idade de 86 anos. Tivera uma congestão cerebral em Dezembro e nunca se restabelecera completamente. A mulher, que fazia nesse dia noventa anos, assistiu-lhe aos últimos momentos.

Os caminhos de Karl Jaspers, este psiquiatra e psicólogo que se fez filósofo, são característicos do nosso tempo, como da sua filosofia. Ele próprio o afirmou na sua *Autobiografia Filosófica*.

Nascido a 23 de Fevereiro de 1883, em Oldenbourg, de pai jurista, fez três semestres de estudos jurídicos antes de se orientar para a medicina. Em 1909, licenciou-se em Medicina e foi nomeado assistente na clínica psiquiátrica de Heidelberg. Em 1913 defende tese sobre «Psicopatologia geral», o que lhe permite ensinar psicologia e publicar, em 1919, *Psicologia das Concepções do Mundo*. A partir de então, este psicólogo, influenciado por Husserl e Dilthey, entrega-se inteiramente à Filosofia. Em 1921, Martius, de Kiel, dizia que este livro lhe fazia já ter esperanças numa nova Primavera da filosofia alemã: visto em retrospectiva, é o primeiro testemunho daquilo a que mais tarde se viria chamar a moderna filosofia da existência.

Jaspers ocupa, desde então, uma cátedra de Filosofia, cátedra que o nazismo lhe virá tirar. Volta a ocupá-la em 1945, mas, desejando reflectir sobre a actualidade, em toda a liberdade, e publicando obras como *A Culpabilidade Alemã, A Bomba Atómica e o Futuro da Humanidade*, prefere ir para a Suíça e ensinar em Bâle, dando assim um exemplo daquilo que, desde Kant, Fichte, Schelling e Hegel, pode ser um catedrático alemão.

Esta filosofia da existência, que não é um existencialismo e que já tem sido aproximada de um Gabriel Marcel, em França, parece-me ter sido mais influenciada do que se supõe por Espinosa, autor que, na juventude, Jaspers lera com paixão. É uma filosofia do dilaceramento e da conciliação para a qual tendemos sem nunca conseguirmos atingi-la, de uma conciliação que é mero objecto de fé. Esta fé não é a fé repousante do cristão, é a fé racional do filósofo que não elimina a inquietação. Entre a negação ateia e a crença religiosa, Jaspers quis seguir a via estreita e árdua daquele que responde ao apelo de um deus desconhecido e sempre escondido.

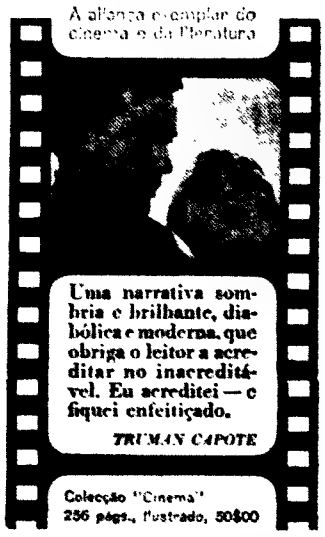


Jaspers: da psiquiatria à filosofia da existência

Esta filosofia é trágica, visto que é a da existência dilacerada. Jaspers distingue o começo e a origem da filosofia. O começo é a origem histórica, tal como se produziu na Grécia, há mais de dois mil e quinhentos anos. A verdadeira origem é a fonte espiritual donde jorra constantemente o impulso de filosofar. Esta origem sempre renascente, sempre jorrando, é tripla: o espanto, a dúvida, a agitação — tudo o que produz um *despertar*. O saber científico é imanente no mundo. O seu triunfo seria o da imanência, do sistema fechado, encerrado sobre si mesmo, donde o homem fica excluído. O sentido da filosofia surge para além de toda a ciência, onde os homens despertam abrindo-se à transcendência. Manter-se disponível para a transcendência é romper o círculo fechado do mundo. O pensamento, como que torcendo-se sobre si mesmo, volta-se para o impensável. «*É pensável que haja impensável*». Esta torção dilacerante é toda a filosofia.

O filósofo distingue-se, assim, do sábio por uma certa atitude, uma *constância de consciência*. É aquele que, para lá de todo o objecto, para lá mesmo do sujeito e do objecto, quer penetrar até à sua fonte comum a que Jaspers chama o *englobante*. Este englobante, que dá sentido a tudo o mais, é ele mesmo inacessível.

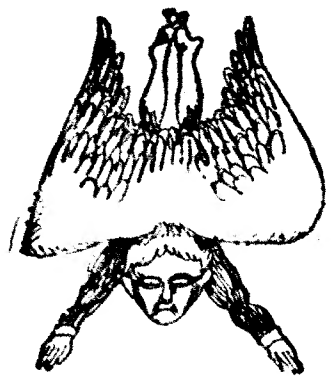
Filosofar é viver neste «entre-dois» que consiste em não se ater demasiado no mundo, em não se evadir muito dele, mas em decifrá-lo, isto é, lê-lo como se fora um conjunto de símbolos, de *cifras* reveladoras de algo de mais profundo que em si não pode ser atingido. É precisamente porque o Ser é escondido que eu sou responsável e autónomo. Sou livre, de uma liberdade que me é inteiramente remetida, que não me é garantida e que, em definitivo, não pode ser mais que um desafio — um desafio que parece levar a um impasse. Tal é a situação-limite última, fonte de todas as outras. O desafio, disseram, é a dilaceração-pensamento. Leva a este malogro a que Jaspers chama a «paixão da noite» — da noite que é impulso da existência para a sua própria perda. «*O ensino da noite: tudo o que devém deve ser arruinado*».

A SEMENTE DO DIABO
(o célebre *Rosemary's Baby*)
2 500 000 exemplares vendidos nos Estados Unidos
A aliança exemplar do cinema e da literatura

Uma narrativa sombria e brilhante, diabólica e moderna, que obriga o leitor a acreditar no inacreditável. Eu acreditei — e fiquei enfeitiçado.
TRUMAN CAPOTE
Colecção "Cinema"
256 págs., ilustrado, 50$00

Karl Jaspers em 1960: «paciência» e «silêncio pleno»

Mas uma filosofia radicalmente delicerada é impossível. A dilaceração só plenamente pode ser vivida; dizê-la é já vencê-la. O que o filósofo busca, para lá de todas as dilacerações, é a paz — a paz do dia, a transcendência. Precisamente a concepção da *cifra* é o que melhor revela a condição humana. É esta concepção que pacifica e que reconcilia. Como todos os grandes pensamentos da nossa época (já era verdadeiro em Espinosa) a filosofia de Jaspers supõe uma *teoria da leitura*, isto é, da contemplação. A cifra é a presença da transcendência na imanência. É no mundo que deve decifrar-se a transcendência. É preciso aprender a ler. A cifra é a imagem de um deus que não podemos objectivar nem sequer nomear. A conciliação permanece dialéctica-dialéctica da transcen-

(Continua na 7.ª página)



DE MALTHUS AOS CHINESES

por Alexandre O'Neill

SE MALTHUS tivesse podido prever, ao publicar em 1798 o seu *Essay on the Principles of Population as it Affects the Future Improvement of Society*, que cento e sessenta e nove anos depois abancaria, guardanapo ao pescoço, á mesa de uma cidade tão leal e estorçada como é o Porto, o seu homónimo Tomás Roberto, com certeza que teria encarado com redobrado pessimismo o futuro alimentar da humanidade. Assim, por essa manifesta imprevisão, Malthus salvou-se de uma perspectiva ainda mais sombria.

O leitor perdoará os ingredientes do cómico: «guardanapo ao pescoço», «á mesa de uma cidade», «o seu homónimo Tomás Roberto», etc. Que o homem sentado á mesa é Tomás Roberto, que está vivo e são como um pêro (julga ele), que frequenta o Porto, que vai morrer de sopetão cardíaco, que não precisa dos nossos piedosos circunlóquios para mostrar que trinca, alto e bom som, a perna de borrego que, entre outros negócios, o trouxe á Invicta — tudo isso é verdade! O guardanapo ao pescoço, talvez não...

Uma desatenção, um pendor malévolo — e aí está o traço a engrossar, e aí vai a caricatura a caminho do grotesco, isto é, do incrível. Ora é preciso que o leitor acredite. Primeiro, na existência normalíssima do Tomás Roberto; depois, na minha própria existência...

Deixemos Tomás Roberto comer sózinho a sua perna. Já nos avizinhámos muito. Não vá ele desconfiar. Voltaremos á sobremesa. Um café e um brande sempre se oferecem a um amigo, não é verdade, Tomás Roberto?

*

Natália velava para que nada faltasse aos seus convidados. Os seus convidados pertenciam, quase todos, a essa brilhante promoção que um moderno poeta satírico, provávelmente por despeito, chamou de «os homens de copo na mão». Homens habituados ao flash das grandes ocasiões. Homens de uisque a meia altura, sempre prontos á pose da naturalidade, sempre anticipando o sorriso aos sorrisos que os outros lhes antecipam. Homens entressorindo-se, bem paginados, com títulos a caixa alta.

Natália e os homens! Gostavam dela — e ela sabia manter nos homens uma permanente indecisão entre o atrevimento e o respeito. Por isso eles recriaram só para Natália a palavra «charme». Natália tinha «charme», o que era, da parte de quem o declarava, uma divertida confissão de impotência.

Ninguém lhe conhecia amigo. Ninguém lhe adivinhava homem. Natália era intrigante. Decididamente, Natália tinha «charme»!

*

Trezentos e cinquenta quilómetros ao norte da reunião de Natália, Tomás Roberto dá os ultimos retoques a essa obra-prima: ter comido a perna de borrego.

Aproximo-me e sento-me. Tomás Roberto, que não me conhece, faz de conta que me reconhece. Diz que sim, que se lembra de ter andado comigo no liceu. Depois, sei lá porquê, fala-me dos chineses. Deve estar preocupado com os chineses.

— Realmente são muitos, digo eu.

— Não é isso, homem! Onde é que eles vão arranjar comida para tanta gente! Você já viu o que era dar uma perna de borrego a cada chim?, ri-se Tomás Roberto.

— Arroz, torno eu, arroz e estão com sorte!

— Ouça, pede Tomás Roberto, a gente põe os filhos neste mundo mas não sabe o que é que o futuro lhes prepara!

Acompanho com acenos de cabeça a grave banalidade da afirmação.

— Quantos filhos tem você?, pergunto eu sem nenhuma curiosidade.

— Tenho onze e será o que Deus quiser, ameaça Tomás Roberto. Pílulas é que não entram lá em casa!, continua Tomás Roberto a ameaçar.

E eu, que já estou a sentir-me culpado (de quê?) dou comigo a gracejar:

— Ora! Uma perna de borrego sempre se há-de arranjar para cada um, Tomás Roberto.

Não sei que víscera sensível lhe toquei. Tomás Roberto olha-me de tal modo que eu, tirando partido da minha quase ubiquidade, desapareço para trezentos e cinquenta quilómetros ao sul e reapareço instantâneamente na reunião da minha querida Natália.

*

Que coincidência! Também aqui falam dos chineses! Não há dúvida que eles pululam.

Natália aproxima-se. Traz-me um uisque. E eu fico a fazer uma pálida imitação dos homens de copo na mão. Natália gosta dos «irregulares» como eu. Diverte-a o ar meio condescendente, meio enjoado, que os homens de copo na mão mal disfarçam ao perceberem que não sou capaz de os imitar.

Os chineses estão na ordem do dia. Por consequência, alguém fala de Malthus e da razão que ele, afinal, sempre teve. Eu penso em Tomás Roberto e sem querer troco-lhe o nome para Tomás Borrego. É a minha pequena desforra. Uma mulher de excitante voz rouca defende com paixão o direito de ter filhos, muitos filhos, todos os filhos! Os homens destazem grupinhos e, atraídos pelo despudor da excitante voz rouca, rodeiam a mulher, que está com um ataque de maternalismo. Natália perpassa com um pratinho de castanha de caju. Leva um sorriso entre gentil e trocista.

Gosto dela. E é, de certa maneira, em nome dela, em nome da cumplicidade infrutífera que com ela mantenho, que corto abruptamente a palavra á despudorada voz rouca, para desembrulhar a desgraçada pergunta:

— Não seria melhor, em vez de ter filhos, ter pais?

Karl Jaspers (de Heidelberg a Bâle)

KARL JASPERS, que estudou nas universidades de Heidelberg, Munique, Berlim, Gottingen, encontrou o filósofo Husserl em 1907. As suas obras tiveram todas uma profunda retumbância, que muitas vezes ultrapassou as fronteiras da especulação pura.

Sobretudo em 1931, nas vésperas da tomada de poder de Hitler, a Situação espiritual da nossa época *conheceu uma extraordinária difusão.*

Além das razões de família (sobretudo a saude da mulher, Gertrud Meyer), houve também razões políticas que levaram Karl Jaspers a sair de Heidelberg, onde ensinou durante mais de trinta anos. Daí foi expulso pelos nazis em 1937 porque a mulher era judia (foi deportada para Auschwitz e a chegada das tropas americanas em 1945 evitou-lhe a ele a mesma sorte) e para aí voltou em 1945. No ano seguinte, deu um curso sobre «a situação actual da Alemanha». Mas foi precisamente esta situação — assim explicou na autobiografia Destino e vontade *— que lhe causou cada vez mais preocupações. No seu escrito sobre a culpabilidade (1946) Karl Jaspers — que devia por outro lado, constatar publicamente que «a maioria dos alemães e mesmo os outros, nunca antes tinham pensado que um bárbaro pudesse submeter a Alemanha» — pusera a questão sempre escaldante da prescrição, da recusa que os alemães do pós-guerra opunham, se não á culpabilidade, pelo menos, á dívida moral contraída pela Alemanha nazi, isto é, á responsabilidade colectiva.*

Numa mensagem dirigida, em Agosto de 1966, ao congresso judeu mundial, que decorreu em Bruxelas, depois de ter lembrado a «passividade» dos alemães e de uma grande parte dos dirigentes perante o massacre de milhões de judeus durante a ultima guerra mundial, Jaspers declarava que isso constituia «uma razão suficiente para associar para sempre a esses crimes o nome da Alemanha.»

Esta constatação levou-o a recusar peremptóriamente o simples princípio da reunificação e a advogar, numa retumbante entrevista em 1960, publicada por Die Zeit *e em seguida num livro intitulado* Liberdade e Reunificação *(1961) a aceitação do regime comunista na Alemanha do Leste. Estas ideias, que ele iria retomar dois anos mais tarde, na sua obra* Questões vitais da política alemã *(1963 aparentavam-no com um Karl Barth, com um professor Eschenburg. Constituem ainda hoje o fundo comum de um grande numero de sociais-democratas alemães. No entanto, Jaspers defendeu-as numerosas veezs, em entrevistas, artigos ou discursos, mas sem nunca se aproximar de nenhum partido.*

Muito pelo contrário, visto que a adopção em 1959 pelo partido social-democrata do programa moderado, dito de Bad-Godesberg, e, no ano seguinte, a sua aliança com a política de integração ocidental e de reforma de Konrad Adenauer que tanto tinha combatido, forneceram a Karl Jaspers uma oportunidade de submeter todos os partidos de Bonn a uma crítica sem contemplações. Era tanto mais incisiva quanto é certo ter a sua publicação coincidido com a entrada da social-democracia na grande coligação, ao lado da União Cristã Democrática. Os piores receios que Jaspers expunha no livro Para onde vai a Alemanha Federal? *(1966) pareciam assim justificar-se, na medida em que o filósofo sempre tinha considerado o conformismo e a demagogia anticomunistas como as doenças mais perniciosas da nova democracia alemã ocidental.*

As conclusões do filósofo deviam aliás ser aprovadas, no dia 1 de Junho ultimo, por Ulbricht.

Mas seria Karl Jaspers ainda alemão? Adquiriria a cidadania suiça em 1967.

Paralelamente ás suas tomadas de posição políticas ele preocupara-se de maneira, não menos veemente, com a humanidade.

Em 1963, ano em que aparece a tradução francesa da sua Autobiografia filosófica, um jornal francês publicava «páginas selectas» de A Bomba Atómica e o Futuro do Homem, *que valeu, em 1965, o Prémio Internacional da Paz ao seu autor.*

Entre as outras obras de Karl Jaspers, convém citar sobretudo as consagradas a Strindberg e Van Gogh; Max Weber, Nietzsche, Descartes, Sócrates, Buda, Confucio, assim como a Psicopatologia geral *(1913), que obteve o prémio Goethe, os três volumes da* Filosofia, origem e finalidade da História, Introdução á filosofia, *etc.*

Acaba de sair a 5.ª edição de

O BARÃO

de Branquinho da Fonseca

(com um estudo de David Mourão-Ferreira)

O melhor momento da obra de Branquinho da Fonseca surgiu em 1942, com a 1.ª edição desta coisa célebre: O Barão.

ÓSCAR LOPES

nas obras de Branquinho da Fonseca

Caminhos Magnéticos contos 40$00

Porta de Minerva romance 55$00

Bandeira Preta contos 40$00

O Barão novela 35$00

na Colecção Contemporânea

Mar Santo romance 25$00

PORTUGÁLIA EDITORA

Avenida da Liberdade 13 3.º — LISBOA

Lembrança de Amadeo

(Continuação da 3.ª página)

objecto-quotidiano, a que atende ao *interior* em face do *exterior*; ou a que se dá conta da *tradição* em relação ao *progresso*; a que opõe, ainda, *Portugal* à *Europa*. Como muito bem diz J. A. França Amadeo (tal como noutra esfera, o artista cubista) é de facto o pintor-encruzilhada numa época-encruzilhada.

TENDÊNCIAS
& INFLUÊNCIAS

Das pesquisas iniciais de Amadeo, do exotismo e luxúria dos seus desenhos e pinturas primeiras, nada, todavia, esta exposição nos dirá. «Paisagem Basca» (de 1914?) mostra-nos já uma paisagem dissolvida em valores mais claramente *de construção*, muito embora o pintor assuma aqui uma veemência ou uma *força*, que de algum modo o situa numa tendência *expressionista*, próximo, portanto, duma arte de raiz germânica. É uma das mais curiosas facetas desta pintura, a que de repente assim se abre, sem esquecer valores eminentes de *construção*, para uma verdade mais subjectiva, reabilitando valores sentimentais que pareciam totalmente alheios ao carácter do artista (não fora por acaso que Amadeo se inclinara inicialmente para a arquitectura...). Em quadros de 1915/16 esse *expressionismo* revelar-se-á mais fortemente, em conotações sentimentais que nesta altura ainda se não verificam. «Música Surda» é um exemplo bastante significativo: — Um homem isolado segura um violino, mas no seu braço não vibra nenhum arco. O violino é amarelo, duma cor intensa que centraliza o quadro. Música surda das cores, em que o amarelo dir-se-ia aqui, metafòricamente, a alegria emudecida, não é essa a *música* que o homem escuta em desespero?

O fundo do quadro é uma informe sugestão de atmosfera que, na sua organização *fauvista*, penetra a própria figura, criando-se um espaço equívoco em que objecto e paisagem se interpenetram. Sem esta vibração na pincelada ou tal vemência de composição, «Vida dos Instrumentos» é uma tela mais serenamente construída, retomando esquemas espaciais de nítida definição cubista, mas sem deixar por isso de vincar um sentimento que sem inibições se exprime, sentimento de tristeza, ou duma confiança por qualquer razão abalada. O pintor vivia, então, nos campos de Manhufe, o seu desterro de Paris onde não voltara desde o rebentar da guerra, em 1914. Quase todos os quadros apresentados na Buchholz foram pintados depois dessa época, em Portugal. Para J. A. França, primeiro historiador de Souza Cardoso, toda a obra realizada pelo pintor até 1916 apresenta-se confusa. Na verdade, além das tendências já apontadas, outras facetas revelarão estes quadros, por vezes mal definidas e sem as consequências que talvez fosse legítimo esperar. É o caso, por exemplo, das Máscaras, influenciadas pela arte negra, que se metamorfoseiam nas «Cabeças de Ossian», ou «...de Oceano». Uma destas, aqui presente, é reduzida à sua estrutura, meros sinais geométricos pintados na superfície do plano sem qualquer simulação de volume, em cores lisas e baças que recusam todo o tratamento matérico. Pela semelhança das cores e dos processos pictóricos, este quadro liga-se a outro, dos mais significativos de toda a obra do pintor: «A Ascensão do Quadrado Verde».

CUBISMO,
ESPAÇO EQUÍVOCO

Aqui, as formas geométricas dominam qualquer sugestão atmosférica que pudesse ainda restar como resíduo duma pintura de raiz cezanneana. Precisamente, é o carácter da «touche» que vai conferir aos fundos de alguns quadros ou à representação de vidraças ou de vasos uma qualidade de *espelho*, definido como o lugar do equívoco espacial que caracteriza o cubismo e no qual *paisagem e objecto* se indefinem. Mais tarde, em telas de espírito dadaísta, o espelho surgirá já não representado ou sugerido, mas integrado na pintura como *coisa* colada. Terá aí outra função, é certo, ao serviço dum lirismo matizado de ironia, mas pode pensar-se que não será totalmente alheio ao equívoco espacial que viera marcando a arte cubista.

«Ascensão do Quadrado Verde» pretende suscitar uma impressão de movimento; e, por tal facto este quadro se aproxima já duma estética futurista. Algumas palavras marcadas na tela poderão, para lá do seu efeito gráfico, da sua função plástica, levar-nos a uma associação de ideias que talvez algo nos digam sobre o pensamento de Amadeo. Nesse movimento ascensional que se processa em diagonal a partir do canto inferior direito do quadro, pode ler-se: Avan (t), Magm (a), Corbelli (e). Sob este último termo desenham-se formas que sugerem, precisamente, uma *cesta de fruta*: formas circulares e ondeadas que nos remetem para uma morfologia da «paisagem» — mas através de um objecto quotidiano. Ainda aqui supomos nós ver a tal simultaneidade (ou «espaço equívoco») que já tivemos ocasião de referir.

TRADIÇÃO
E PROGRESSO

Também, com insistência, jamais surgem na pintura de Souza Cardoso, adquirindo por vezes um valor quase emblemático. E nem sempre é a garridice das suas barras coloridas, ou o seu fácil acordo formal com o rectângulo do quadro, o que mais fascina o pintor. Se é verdade que a vidraça pode funcionar como um espelho onde o «exterior» se reflecte, não devemos esquecer por outro lado o valor simbólico da janela: — Não é *através dela* que o contemplador «está», simultâneamente, na paisagem e no interior da casa?

Mas em «Canção Popular» esse elemento é considerado no seu carácter puramente pictórico, e aí, sim, a janela interessa ao artista pela graciosidade da sua forma, pela garridice das suas molduras de cor, elemento folclórico que se harmoniza com a boneca-mulher vestida à maneira popular e com as vasilhas de barro vermelho que, mais tarde, por uma ligeira alteração morfológica, irão dar os morangos tímidos das suas últimas telas.

Todavia, essas figuras coexistem sempre com elementos gráficos que pretendem exprimir a «febre da vida moderna» e é por isso que ousamos afirmar ainda aqui, a dualidade *tradição-progresso*.

DO FUTURISMO
AO DADAÍSMO

Raramente a pintura de Amadeo poderá inscrever-se, em rigor, no âmbito duma estética futurista. Mas a paixão pelo movimento e pela máquina é em si tão evidente que é realmente de *encontro* que se deve falar quando em 1916 Souza Cardoso conhece em Lisboa a agitação futurista e com ela se identifica. Não é apenas «por reflexo» que a sua pintura vive um projecto que se liga ao de Almada Negreiros, Santa-Rita ou Fernando Pessoa. É verdade que a imagem dinâmica do mundo que os futuristas propunham, podia de certo modo compensá-lo da solidão provàvelmente sofrida na bucólica Manhufe, tal como outrora uma visão de exotismo poderia tê-lo compensado na primeira vertigem duma capital europeia. Mas o sonho duma actividade dinamizadora das artes e das ideias, esse trazia-o Amadeo no sangue.

Significativo deste período da sua criação é o quadro «Arabesco Dinâmico/Real». Totalmente esfrangalhada, a figura humana foi reduzida a uma confusão de êmbolos e peças de máquina. As letras e números que aí surgem são usados não apenas pelo seu valor gráfico mas assumindo já uma função (digamos) onomatopaica, integradas numa imagem que pretende criar a ideia do movimento mecânico. Para expressar a «febre da vida moderna», Amadeo recupera a antiga veia de caricaturista, numa ironia que pressupõe de algum modo uma crítica a esse viver contemporâneo. Alguns retratos antigos são nesta altura repintados, numa curiosa metamorfose que transforma os retratados em máquinas. Acentuada essa crítica, uma porta se abrirá para aquilo que podemos classificar como uma atitude *dadaísta*. Como se processa formalmente a transição?

Há um elemento formal que permanece ao longo da evolução desta pintura: são esses discos coloridos inventados pelos pintores franceses Sonia e Robert Delauney, e que têm nesses artistas uma intenção de representar a luz, dissociada de qualquer objecto. Nos quadros «futuristas» de Amadeo são mais fàcilmente entendidos como símbolos de velocidade ou como figuras — peças que se integram perfeitamente num universo mecânico. Nos últimos trabalhos inscrevem-se em intenções mais claramente líricas. Neste período, a colagem que vinha das pesquisas cubistas ganha, também um novo sentido, com funções mais substantivas no contexto plástico. Paralelamente, a matéria pictórica é valorizada, misturadas frequentemente as tintas com areia, a fim de ganharem maior densidade. É, então, que pequenos espelhos são colados na tela, por vezes sem alteração da sua forma inicial, assumidos, portanto, como objectos do quotidiano. Ora, semelhantes inovações eram realizadas, pela mesma altura, na Europa, pelos dadaístas, sem que disso Amadeo tivesse conhecimento. O que vem confirmar a autêntica modernidade do pintor português.

«Cabeça» (1915): metamorfose de sinais geométricos

O tema do nu, durante muito tempo renegado pela pintura, é, também, recuperado por Souza Cardoso, enquanto o tema das violas se sobrepõe ao das máquinas. Elementos do folclore minhoto podem agora surgir ao lado de figuras que tinham antes simbolizado o viver febril do mundo moderno. Uma vontade simultâneamente lírica e irónica, pujantemente afirmada, parece ultrapassar já o projecto futurista. Teria sido decisiva essa viragem, se mais obras o artista tivesse pintado ainda?

VIDA E OBRA:
DESTINO CUMPRIDO

Estávamos precisamente em 1918, ano em que a guerra terminava e em que Amadeo voltaria, provàvelmente, a Paris. Mas, com 30 anos feitos, o seu destino cumprira-se, porque sempre a morte — quem o disse? — transforma uma vida em destino. O que o génio do pintor nos poderia ainda reservar é coisa que não vale a pena ser pensada. A nós todos cabe-nos apenas amar e entender a obra que deixou, obra, apesar de tudo, suficiente para que possa considerar-se Souza Cardoso como já alguém autorizadamente o fez, «um relâmpago na noite portuguesa».

FRANCISCO BRONZE

Do ensino de História da Arte

(Continuação da 1.ª página)

po e a sua consciência profissional. Só uma nova situação didáctica, desenvolvida de grau em grau de ensino, (e apoiada em bolsas, verbas para pesquisas e instrumentos técnicos de trabalho), poderia realmente fazer deles o que alguns merecem ser: professores de nível universitário. **Com obra pessoal escrita e publicada.**

Mas aqui põem-se dois problemas: o dos **fins desse ensino**, que não poderiam ficar circunscritos à vaga licenciatura de História, com simples cadeiras de vaga especialização — mas exigiria uma licenciatura especializada. Que estes licenciados teriam muito que fazer em Portugal, **onde tudo está por fazer neste domínio**, ninguém duvidará: o ensino, os museus, um centro de estudos, a pesquisa, a crítica, lhes ofereciam digna colocação profissional.

O outro problema diz respeito aos **meios da aprendizagem actual**, que não poderão ser satisfeitos em Portugal, ou se o ensino está sendo o que está ou não está sendo... isso impõe um plano de fomento pedagógico que tenho defendido e se deveria traduzir pelo envio de jovens licenciados em História a universidades estrangeiras para adquirirem a especialização necessária. E também pelo estágio de actuais professores que certamente beneficiariam com a prática duma metodologia que, meritòriamente embora, tiveram que improvisar. E isto e aquilo, **sem demora — que o tempo perdido cada vez menos é recuperável!**

...A esta luz, o projecto de atribuir parte da regência da cadeira de História de Arte na E. S. B.-A. de Lisboa a um arquitecto ganha um significado extremamente curioso. Ele demonstra, **pelo absurdo**, o erro básico do ensino desta disciplina. Se os licenciados em História, sem especialização apropriada, podem ensinar História da Arte — porque não a ensinaria um diplomado de «Belas-Artes» que afinal dela aprendeu (quase) tanto como eles? Que lhe falte uma preparação cultural humanística que, ainda assim, as Faculdades de Letras proporcionam — será minguado obstáculo, ou mínimo ingrediente, no **pasmoso absurdo da situação. Mais ou menos vítimas — os estudantes...**

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

CADÁVER ADIADO QUE PROCRIA

CARTA DE FERNANDO LUSO SOARES AO CRÍTICO JOÃO GASPAR SIMÕES

À VENDA DENTRO DE DIAS

A MÚSICA É O NOSSO OFÍCIO

DISCOS, LIVROS, MÚSICA IMPRESSA
ALTA FIDELIDADE ESTEREOFÓNICA «FISHER»

Escolha os seus discos no ambiente calmo da nossa Discoteca, onde encontrará o «stock» de música erudita mais completo.

● SERVIÇOS DE CRÉDITO
● SERVIÇOS DE INFORMAÇÕES

(em distribuição o boletim de Março)

R. Tomaz Ribeiro, 43-B.º — Telef. 53818 — LISBOA
Metro: Picoas — Facilidade de estacionamento

A cor e a forma

(Continuação da 3.ª página)

ignorar os indícios de acção, de temperamento e de entusiasmo que deles nos chegam. Esses indícios decidem-se, por vezes, em coordenadas, ajudam a situar os artistas mais velhos, quase parecem definir o nascimento de uma geração e o acontecer (inevitável, no fim de contas) de um tempo novo. E na caracterização desse tempo que se joga, afinal, o futuro da arte portuguesa, sobretudo porque só desse modo é possível contrair a distância que nos separa do resto do mundo culto e das suas fontes de produção mais peculiares.

Não se ignora que já é possível apontar, com certa propriedade e com alguma confiança, determinados nomes de artistas jovens, quase todos ligados à pintura, e quase todos, também, esbracejando por aqui e por ali na urgência de expor, na fome de apoio material efectivo, na tentativa quase sempre frustrada de impor o sentido da sua voz e da sua liberdade. Já se tem ouvido afirmar que esses artistas não constituem ainda uma realidade, que não constituem, sobretudo, uma corrente de acção, mas esse género de atitude crítica ou de excessiva simplificação das aparências peca por iludir a necessidade do risco, a importância de crer, a generosidade pedagógica de apoiar e de esclarecer.

DADOS DE UMA OBRA JOVEM

É ao abrigo desta atitude de risco, de crença e de fundamental sentido de apoio que não hesitamos em inscrever o nome de Isabel Laginhas no ficheiro de uma pintura que se está *fazendo*, necessàriamente ao abrigo das actuais condições da nossa actividade artística, mas definindo-se num *aparecer* próprio.

Isabel Laginhas está ainda ligada a um curso incompleto na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa e pertence a um núcleo de jovens que, para além das coordenadas escolares, e em diversas circunstâncias de agrupamento, tem conseguido certa audiência e maior afirmação pública. Expôs diversamente em alguns salões colectivos, mas só logrou posição mais efectiva através de uma exposição de grupo, com artistas jovens, realizada pela Galeria Quadrante. A sua sensibilidade plástica, aliada a uma intuição peculiar de cor, nunca se afastou muito das conquistas iniciais em que o sentido abstracto das formas realizava a dinamização do espaço e do colorido, ao mesmo tempo que os perfis se recortavam na exacta incidência visual e apesar de uma escrita por vezes sobrecarregada de sinais.

A presente exposição de Isabel Laginhas vem fazer prova de que o seu modo de investigar de novo aí se filia, apurado numa exigência construtiva maior e definido na decisão abstracta e sintética das formas. A um plano de suporte, físico, opaco e uniforme na cor, outro se sobrepõe com elementos contrastantes que entre si se conjugam ou contrapõem. O desenho atinge o rigor que decide da clareza dessas relações — e se, por

Laginhas: nome para a jovem pintura portuguesa

vezes, as partes constituintes do quadro aparecem ambiguamente relacionadas é porque nisso intervém, com deliberada estimulação da leitura, a fingida dependência dos seus respectivos recortes, dos seus perfis, das suas concavidades e convexidades. Muitas vezes a sobreposição de planos em relevo é lograda segundo dois níveis além do suporte e escalonada de acordo com o movimento do desenho, permitindo uma espécie de hierarquia do exercício estimulante, que se inicia através de formas pouco complexas e se articula, depois, em elementos sinuosos de maior divisão compositiva. No que diz respeito à cor, o recurso é de contrastes violentos de plano para plano, com cedência aos tons que se inscrevem numa linha de gosto de alguma forma referida à moda, a objectos sofisticados do consumo mediato, a tecidos ou a ilustrações das revistas de grande expansão.

Este último aspecto, registável na pintura de Isabel Laginhas em relação à escolha dos tons e à sua correspondência com a nossa própria memória das cintilações cromáticas no quotidiano, prolonga-se, também, nos objectos considerados no seu todo, já que eles referem uma construção e uma aparência «decorativas» — apesar disso integrando uma espécie de maliciosa alusão à frivolidade e à suficiência do gosto implícito, na massificação deturpadora. São aqui reconhecíveis algumas pinturas que sugerem ambiguamente espaços tridimensionais, onde se instalam por seu turno formas equivalentes a uma emblemática representação de imagens conhecidas, de estereotipações objectivas do gosto de certa classe social. É nesse sentido que as pinturas expostas não conseguem, em muitos casos, ultrapassar o efeito epidérmico de tão simples alusões — ou o efeito de em si mesmas se formularem segundo esquemas simplistas, também estereotipados, onde dificilmente se intercala qualquer conteúdo *desejável* de maior densidade. Mas, noutros casos, a economia dos meios, o impacto visual, o aspecto inesperado das relações estabelecidas, consegue prender o espectador a um exercício de pesquisa que se organiza pelas mesmas vias. É quase sempre a partir daí que ele, o espectador, se integra na atmosfera geral que a exposição determina e que, indesmentivelmente, se prolonga, se articula, se desdobra de uma forma singular e sedutora.

ROCHA DE SOUSA

Diálogo com o corpo

MARIA DA LUZ LINO: jovem escultora concluindo o seu curso na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Expôs em diversos salões colectivos e em Lisboa, no ano passado, individualmente. Voltou a expor este ano, na Galeria «Diário de Notícias», uma significativa colecção de desenhos. O seu trabalho é reflexo de uma sensibilidade votada ao diálogo permanente com o corpo humano nas suas massas peculiares ou nos detalhes que melhor o desvendam. O desenho é aqui assumido na tradução linear de uma escrita que se tem depurado a caminho da essencialidade. O imprevisto do pormenor adquire a ressonância de uma longa reflexão sobre as coisas.

ACABA DE SER POSTO À VENDA

O REINO CIRCULAR

A história maravilhosa do cronista de Akalino, sentinela e inventor do reino da Katalónia

um novo livro de MÁRIO BRAGA

Pedidos a:

ATLÂNTIDA EDITORA

Rua Ferreira Borges, 103-111 — COIMBRA

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias do Leão, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Na morte de Karl Jaspers

(Continuação da 5.ª página)

dência na imanência. Não existe o Ser no geral, mas sòmente nos seres. Se a liberdade é desafio, a filosofia é paradoxo. O paradoxo é a cifra do mistério, como, segundo Blondel, o filósofo vive em enigmas, que simbolizam os mistérios. Mas, para Jaspers, os mistérios não são revelados.

«No malogro, a prova de Ser». Esta admirável divisa de Jaspers assinala a sua filosofia. Mas daí não se deverá tirar uma conclusão tranquilizadora. Num certo sentido, nesta filosofia, que não quer ir além do trágico e que se inspira em Nietzsche, é a noite que domina. Há malogros invencíveis que não podem ser ditos em nenhuma linguagem. Contudo, mesmo

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

nesse caso, a conciliação continua presente. É que a última cifra é silêncio. A cifra silenciosa é um reconhecimento puro do Ser. Os malogros absurdos anunciam: «*O nada cuja exegese não existe já*». A virtude aqui exigida tem um belo nome, chama-se *paciencia*. A verdadeira paciência não é apenas passiva, mas sim uma força de resistência, uma vontade de «aguentar». O «silêncio pleno» não é, talvez, ainda exactamente a esperança, mas aquilo que a alimenta e a substitui no pior desamparo a que comummente se chama *espera*. Porque quando um ser *espera*, mesmo obscuramente, mesmo na noite, algo da existência, e porque ouve ainda o apelo da transcendência.

JEAN LACROIX

Comprometido regresso

(Continuação da 8.ª página)

de uma maneira definitiva, mas, mesmo assim, inconfortàvelmente implicados.

E se, para dominar desordeiros e brutamontes, Rome usa um revólver, para a caça grossa limita-se a uns inofensivos chumbos de caçadeira. Tal como Marlowe, o detective de Miami sabe que as investigações não se fazem para serem concluídas. Fazem-se, principalmente, para serem arquivadas.

No entanto, Douglas consegue-nos fornecer uma certa virulência no tratamento de zonas marginais da sociedade norte-americana. Uma galeria de tarados, de pequenos monstros, de crápulas de várias categorias, de lésbicas vaguela no filme, como peixes tristes e horrendos encerrados num aquário sem luz. As lâmpadas e os projectores de «dancings» dúbios acentuam os traços de um rebanho de gente vencida, presa fácil dos oportunistas e de homens que entregam, contra dinheiro em caixa, toda a espécie de mercadoria.

Mas nada de entusiasmos: se o detective privado tem de voltar a ocupar o seu trono, desocupado desde a era Eisenhower até aos anos de Bond e Matt Helm, terá de o fazer com a solenidade que convém. Hammett e Chandler escreveram romances e Hawks e Huston realizaram filmes em que o herói, mesmo salpicado pelo lodo, não perdia a dignidade nem a qualidade de pobre-diabo com valores mais altos no meio da selva implacável que o rodeava. E, se o regresso de Tony Rome se faz nos moldes actuais, haverá que concluir que foi a vulgaridade que voltou. A última imagem de «Uma mulher no cimento» era um grande plano das nádegas de Raquel Welch. Pelo menos a última imagem significativa. A última imagem de «Tony Rome investiga» era um grande plano das nádegas de Jill St. John. Parece que, mesmo nesta época em que a monarquia é um assunto de revistas para costureiras, há outras maneiras de cerzir os reis exilados.

JOSÉ VAZ PEREIRA

Manifesto(zinho)

(Continuação da 8.ª página)

de Mrozek; na pág. seguinte — retrato do autor — nota sobre este e sobre a sua obra: 10 linhas; retrato de Fernando Fragoso (tradutor), acompanhado por uma nota daquele: 5 linhas; retrato de Varela Silva (encenador), com o seu depoimento sobre o espectáculo: 25 linhas. Pág. seguinte — excertos de críticas estrangeiras sobre «Tango». Estas páginas a duas cores. Pág. 9 — publicidade a determinada marca de cigarros. A negro. Nas quatro páginas seguintes: fichas e notas biográficas sobre os dois espectáculos seguintes. Duas cores. Última página — em branco (com excepção da nota da tipografia). O todo atado com um cordão de seda encarnado. Custou-me este grande e inútil programa, quinze escudos. Concordemos que é caro. Dir-me-ão que não é tão caro como isso na medida em que é um programa para três espectáculos. A essa observação, tenho três objecções a pôr: 1.ª — trata-se de um elevado empate de capital; 2.ª — é uma maçada andar com um programa como este atrás de mim (lembrem-se das dimensões: 31×23); 3.ª — vou, com certeza, esquecer-me dele em casa (sempre tenho outras coisas com que ocupar a memória!). E lá vou eu esportular. (esportular é o termo, caramba!) mais quinze escudos. É caro, é excessivo, é um luxo inútil — *é uma seca*.

Peguemos, agora, no programa d'«As Quatro Estações». Apenas quatro páginas a negro (uma com cor) preenchidas com as fotografias dos dois actores, fichas, e um texto importante do autor. Na contracapa: publicidade a um próximo espectáculo de Vasco Morgado. Preço: cinco escudos.

Vamos lá ver se nos entendemos. Estou disposto a pagar por um programa de teatro o preço de uma revista ilustrada, embora pense que o programa deva ser pago pela publicidade que normalmente insere. Mas exijo — qualidade. Não quero luxo, penso até que é um pedaço repugnante isto de programas em papel *couché*, ou coisa parecida (Portugal é um país pobre e o teatro dos mais pobres dos seus enteados). Quero programas manejáveis, portáteis, funcionais. Quero programas com textos inteligentes e esclarecedores. Quero programas úteis. Não quero fotografias de vedetas, não quero textos sem interesse. Quero que o programa constitua, de facto, uma introdução viva ao espectáculo. Se se apresenta uma peça polaca quero saber algo sobre o teatro polaco, sobre a História da Polónia, sobre o autor e sobre o seu lugar nesse contexto. Quero que me ilucidem sobre as coordenadas ideológicas da peça, sobre as opções estéticas do dramaturgo. Quero que o encenador me diga, em termos concretos e precisos e não em termos gerais e abstractos, qual a linha da sua encenação, a que critérios obedeceu a sua interpretação do pensamento do autor.

Falei de dois programas. Poderia ter falado de outros. Dos do «Teatro Experimental de Cascais», dos do «Teatro Villaret», dos do «Teatro-estúdio». Estes últimos não são luxuosos, mas são igualmente desinteressantes. O que nos surpreende, pois Luzia Martins sabe, melhor do que eu, como se podem fazer programas estupendos (a exemplo do que se faz em Inglaterra, embora adaptados às nossas conjunturas económicas, etc.).

Poder-se-á dizer que a concepção de programa que aqui criticámos é reflexo das estruturas erradas em que assenta o nosso teatro. Por mim penso que, seja como for, é possível fazer desde já programas a sério. Pelo menos, quando se pretende fazer teatro a sério. O que, às vezes, acontece.

CARLOS PORTO

Comprometido regresso

por José Vaz Pereira

TONY ROME INVESTIGA (1968) de Gordon Douglas com Frank Sinatra e Gill St. John
UMA MULHER NO CIMENTO (1969) de Gordon Douglas com Frank Sinatra e Raquel Welch

COM «UMA MULHER NO CIMENTO», assiste-se à recuperação de um herói tipicamente americano, o que desaparecera com Bogart, o detective privado. Adivinha-se esse movimento desde «Harper». Mas ele corporiza-se nos filmes de Tony Rome, bisbilhoteiro de complicações policiais, que opera em Miami — até já se fala numa série...

Seria curioso notar, também, que o regresso do «private eye» corresponde ao crepúsculo de um valentão de idade recente e, igualmente, nosso conhecido: o superagente secreto cujas façanhas já nada significam. E em certo sentido, talvez exista motivo para felicitações. O superagente era, em 80 % dos casos, uma personagem antipática, fascistóide e desligada, por um comportamento tipo piloto automático e por uma eficiência altamente suspeita de ser fiel ao «Estabelecimento», das realidades de todos os dias.

Sinatra (Tony Rome): recuperação do detective privado

Ora, o detective privado, um Harper, um Tony Rome na precariedade da sua trajectória, no carácter reduzidamente substancial das suas ajudas de custo (sobretudo se as compararmos com a opulência das contas bancárias movimentadas por James Bond & C.ª), na maior modéstia da sua coutada feminina, na margem frágil da sua influência, nos seus escritórios velhos, com vidros partidos e «maples» de couro que cheiram mal, asseguram-nos uma maior humanidade não só da personagem mas também de todas as relações que ela mantém com os outros. Rome ou Harper ou amanhã Bullit são pobres-diabos que fazem trinta por uma linha para, como um simples enfermeiro ou um operador de cinema, não perderem a carteira profissional e não deixarem que dois ou três graúdos os façam cair numa armadilha. Fora isso, estão sujeitos às dores de cabeça, ao tédio, às refeições medíocres e às impertinências das mulheres como qualquer mortal. Os James Bonds são mitos — e cansamo-nos dos mitos com a mesma velocidade com que os inventamos. Os super-homens aborrecem, os homens podem sempre ter vidas interessantes em tempos interessantes. Podem perder ou ganhar.

Tudo isso assegura o regresso do detective privado, com a alegria de quem reencontra um velho amigo. E até com uma certa fanfarra: o público precisava de um herói metido em complicações, é certo (doutra maneira não se ia ao cinema), mas, também, desejava vê-lo mais próximo, mais humanamente vulnerável, um «fulano como nós».

Assim, não se espante o êxito dos filmes de Tony Rome («Tony Rome investiga» e «Uma mulher no cimento»), servidos por esse rotineiro relativamente belicoso que é Gordon Douglas. Haverá, com certeza, quem diga que a historieta do «rapaz esperto» em luta com os tubarões, que têm piscina no jardim e ar condicionado nos quartos, e que nem sempre foram respeitáveis, carece de mais alguma coisa. Que lhe falta imaginação — a matéria-prima mais necessária ao monocórdico cinema de hoje.

E, sobretudo, notar-se-á sempre a incapacidade de um Gordon Douglas em conseguir o clima que Hawks ou Huston imprimiam aos «policiais» do velho Bogart: os carros rolando para S. Francisco as raparigas sonolentas nos bares, os tiques da subfauna de todas as grandes cidades a amargura, o desencantamento, a noite americana que Raymond Chandler pintara com uma especial densidade poética, o «imenso adeus» dos lutadores solitários.

A Miami dos milionários, das convenções republicanas (Nixon esteve lá o ano passado e Norman Mailer também para escrever sobre Nixon), dos casinos, dos lates, dos hotels de diárias astronómicas e dos emigrados anticastristas serve de pano de fundo às andanças de Tony Rome, tolerado pela Polícia e alugado pelos ricos. A obrigação do homem é remexer no lodo. Mas, evidentemente, e sendo-nos permitido o calão sem fazer ondas.

Raquel Welch — uma mulher fora do cimento

O detective descobre uma rapariga que se remexia, num clube nocturno, no fundo do mar, com os pés metidos num bloco de cimento e, claro, que essa morte leva-o a confrontar-se com potentados locais não comprometidos no desaparecimento da moça

(Continua na 7.ª página)

Manifesto(zinho) contra os programas de luxo

por Carlos Porto

TENHO NA MINHA FRENTE os programas de dois espectáculos de teatro, com que vou ilustrar este meu protesto (platónico, é claro) contra a concepção dos programas distribuídos nas nossas casas de espectáculo.

Um deles é do «Teatro Nacional D. Maria II» (Empresa Rey Colaço-Robles Monteiro), o outro, do «Teatro Variedades» (Empresa Vasco Morgado). Constituem ambos formidáveis exemplos do que não deve ser um programa de teatro, pelo menos tal como o imaginamos: instrumento de consulta, de informação e, até, de formação do espectador.

Assentemos, antes de mais nada, naquilo que, a meu ver, um programa de teatro deve ser expressão. O que procura o espectador no programa que adquiriu (pondo-se, desde já, este problema: o preço do programa não deveria estar incluído no preço dos bilhetes?). Procura a ficha artística e técnica do espectáculo, em primeiro lugar. E, depois, de duas uma: ou não está interessado no que vai ver — e procura anedotas. Ou está interessado no que vai ver — e procura elementos que lhe permitam situar a peça e o autor, de tal maneira que uma e outra acabem por lhe ser relativamente familiares, isto é, até ao ponto de estar preparado — agora diz-se mentalizado — para entender — ou para ter um começo de entendimento — as propostas ideológicas e estéticas com que o espectáculo venha a desafiá-lo. É claro que não estou a insinuar que seja possível — nem interessante — transformar um programa de teatro num tratado de filosofia, de história e de estética. Mas sei que é possível elaborar programas que constituem introduções válidas e sobretudo, dinamizadoras, para um entendimento dos problemas referidos. Sei que é possível através da gravura e do texto proporcionar ao espectador preguiçoso ou muito ocupado elementos que lhe dêem em síntese uma visão séria desses problemas.

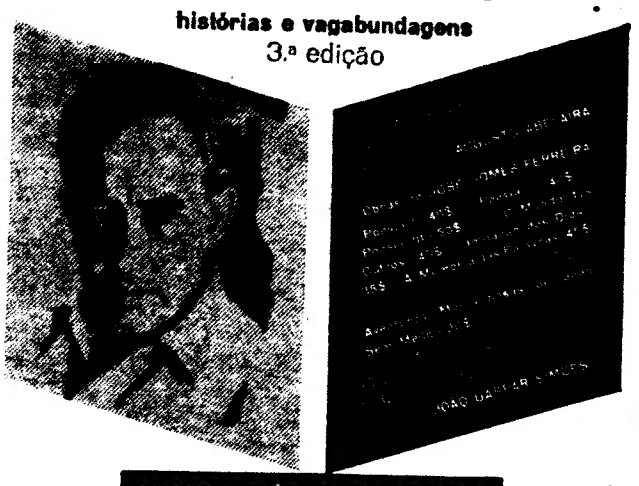
NO TEATRO VARIEDADES

Programa de «As Quatro Estações»: preço, 5 escudos

Façamos uma rápida autópsia dos programas que aqui tenho, e cujo luxo gráfico não chega para esconder a mais inócua vacuidade. Programa do «Teatro Nacional». Medidas: 31×23. Capa em cartolina encarnada, brilhante numa das faces. Letras a negro e branco. Segue-se: 1.ª pág. — títulos e autores dos três primeiros espectáculos da temporada. «Tango», de Mrozek; «Os Visigodos», de Salazar Sampaio, e «Frei Luís de Sousa», de Garrett. Três cores; 2.ª pág. — em branco; 3.ª pág. — ficha da Companhia. Em seguida, duas páginas com as fotografias (tipo passe) dos artistas da Companhia: 17! A negro; 6.ª pág. — ficha artística e técnica da peça

(Continua na 7.ª página)

obras de
JOSÉ GOMES FERREIRA
acaba de sair
O MUNDO DOS OUTROS
histórias e vagabundagens
3.ª edição



PORTUGÁLIA EDITORA

ACABA DE SAIR:
REGRESSO AO MAR
por James Jones

Uma história de acção, vivida por homens que procuram, um texto ansiosamente, libertar-se das pressões acumuladas pela riqueza e pelo sucesso. O Autor apresenta um elenco magnífico de homens e mulheres de várias origens e formações, cujas confrontações dramáticas e vidas entrelaçadas criam um clima de tensão que prende inextricàvelmente o leitor.

Volume de 712 páginas — 100$00

Colecção Autores Universais — Série Monumental

Do mesmo autor, na mesma colecção:

CARNE PARA CANHÃO — 70$00

LIVRARIA BERTRAND